VISEU

MULHERES PODEROSAS
descritas na Bíblia

Cícero Gomes Ribeiro



Copyright © Viseu
Copyright © Cícero Gomes Ribeiro
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues Regina
projeto editorial: BookPro
coordenação editorial: Blenda Castro
revisão: Marcio Kisner
copidesque: Adriele da Silva
versão digital: Fabio Martins
capa: Clara Wanderley

e-ISBN 978-65-598-5433-2

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Viseu Ltda.
contato@editoraviseu.com
www.editoraviseu.com

Palavra do autor

Antes de iniciar a leitura, seria prudente que o leitor entendesse algumas questões consideradas pelo autor como de muita relevância para o adequado entendimento do que se propõe o presente trabalho.

Inicialmente, que fique claro que a proposta não é apresentar um texto com pretensões acadêmicas, teológicas ou filosóficas, mas trazer uma leitura possível à percepção de um leitor que buscou, atentamente, dentro dos limites impostos pelos textos e da sua própria compreensão, enxergar o improvável, mas real, registro de Mulheres Poderosas em escritos tão antigos, produzidos por tantos escritores num lapso temporal singular, em localidades e circunstâncias tão distintas.

Não é segredo o carinho que o autor nutre por textos antigos, julgando que alguns deles foram e, ainda o são, alvo de uma leitura que não lhes confere a devida e merecida importância ou justiça.

O leitor perceberá que o autor não considera o texto bíblico como mitológico, como alguns poderiam esperar. Tal fato ocorre porque o autor entende que considerar uma história um mito deve ser uma prerrogativa do próprio povo ao qual o texto se refere, como ocorreu com a Mitologia Grega, que já no período Clássico era desconsiderado como sagrado. Logo, a quem cabe o direito de dessacralizar os textos bíblicos são os povos a quem eles se dirigem e

que neles são descritos, ou quem sabe, um especialista, mas esse não é o caso.

O que se deseja é que ao folhear as páginas, o leitor tenha como parâmetros tais informações e que as utilize para realizar a sua análise.

Uma boa leitura.

O autor

Apresentação

É comum que textos antigos sejam alvo de comentários negativos por apresentarem algum tipo de conflito com relação a conceitos que foram trazidos à discussão apenas há poucas décadas, como o machismo, por exemplo. O curioso é que conceitos tão modernos sejam aplicados a histórias tão antigas, produzidas há mais de 2500 anos e, em alguns casos, há mais de 3400 anos. Tais comentários surgem após uma análise que os considera como se tivessem sido publicados na década passada.

A impressão que se tem é que seria como se Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio, Vasco da Gama ou outro navegador do século XVI, fosse alvo de críticas por ter utilizado bússolas tão rudimentares em suas aventuras e acusá-los de serem tecnofóbicos por não usarem um GPS com navegação por satélite.

Textos de Homero, Hesíodo e muitos outros são criticados por apresentarem, pontualmente, uma abordagem considerada inadequada para o século XXI. Tais considerações são, especialmente, severas quando o texto em questão está entre algum dos 66 livros que compõem o livro Sagrado dos Cristãos, a Bíblia.

Não fosse a impossibilidade de verificação, por questões óbvias, seria curioso propor a alguns destes críticos que produzissem textos, que nem precisariam ser de tamanha envergadura, mas que deveriam ser capazes de manter, mesmo passados 2000 anos, a coerência com os costumes e com a cultura humana.

Evidente que os tempos em que os textos bíblicos foram escritos eram, predominantemente, masculinos. Uma época que vivia sob forte influência de civilizações, como a romana, que praticava a famosa Lex Iulia de adulteriis, ou Lei Júlia sobre adultério, promulgada por Augusto, em 18 a.C., a lei definia o adultério como uma relação sexual entre uma mulher casada e um homem que não era seu marido. Exatamente isso: mulher casada e um homem. Um homem casado e uma mulher não configurava adultério, portanto, a lei não se aplicaria.

Em especial, a civilização Grega, o que corrobora o fato de o Novo Testamento ter sido escrito em grego, além de ter sido Jesus seu segundo nome, Cristo, vindo do grego Khristós, que significa Ungido.

Sobre os gregos, o colunista José Miguel Pinto dos Santos escreveu um texto que postou no site português Observador.pt, em que apresenta uma curiosa declaração atribuída aos gregos antigos, observe:

> Diógenes Laércio (fl. terceiro século d.C.) conta que Tales de Mileto (c. 624-c. 546 a.C.), que adorava o astro rei como único deus, fazia a seguinte ação de graças a cada alva: "Dou-te graças Senhor por eu ter nascido: humano e não animal, homem e não mulher, grego e não bárbaro.

Ainda entre os gregos, pode-se citar Xenofonte, que foi discípulo de Sócrates, autor de inúmeros textos, dentre eles, há uma breve orientação sobre a mulher: "(...) que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, fala o menor número de perguntas possível" (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 12).

Por sua vez, Platão foi irônico quando fez um desagradável, embora criativo, comentário sobre a mulher: "Se a natureza não

tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho" (apud ALVES; PITANGUY, 1985, p. 11).

Ainda o filósofo Diógenes, que viveu no ano 300 a.C., ao ver uma mulher enforcada numa árvore, disse: "Oxalá todas as árvores produzissem tais frutos".

Deve-se levar em consideração que é conhecido que os gregos pouco valor davam às pessoas do sexo feminino. Chega-se à conclusão de que não era uma época muito fácil para as mulheres. Para trazer mais solidez ao que se afirma, Aristóteles, por exemplo, acreditava que a mulher era uma espécie de "homem malfeito", seria destituída de alma racional e destinada apenas à procriação.

Na sua obra "A Política", presente na bibliografia da maioria das universidades, Aristóteles, quando aborda o tópico "Do Senhor e do Escravo", apresenta uma definição muito curiosa quando trata do poder do homem: "Cada um, senhor absoluto de seus filhos e de suas mulheres"; ainda no mesmo tópico, o filósofo afirma:

> Uma família completamente organizada compõe-se de escravos e de pessoas livres. Mas como só se conhece a natureza de um todo pela análise de suas partes integrantes, sem exceção das menores, e como as partes primitivas e mais simples da família são o senhor e o escravo, o marido e a mulher, o pai e os filhos, convém examinar quais devem ser as funções e a condição de cada uma destas três partes. Chamaremos despotismo o poder do senhor sobre o escravo; marital, o do marido sobre a mulher; paternal, o do pai sobre os filhos (ARISTÓTELES, 2007).

> Isto posto, voltando ao escopo do trabalho, poderia considerar-se ainda que o período de produção dos textos bíblicos abarca um lapso temporal de mais de 1500 anos, tendo mais de 40 escritores, que desenvolviam diferentes atividades nas mais diversas circunstâncias, morando em locais distintos. Apenas para que se tenha ideia da complexidade referida, seria conveniente que se mencionasse Josh McDowell em "Evidência que exige um Veredito": "Escrito durante um período de mais de 1500 anos; Escrito durante mais de 40 gerações; Escrito por mais de 40 escritores, envolvidos nas mais diferentes atividades, inclusive reis, camponeses, filósofos, pescadores, poetas, estadistas, estudiosos etc." (MCDOWELL, 1996, p. 20).

Ainda segundo McDowell, Moisés era um líder e por ser considerado "filho da filha de faraó" teve acesso ao melhor do Egito, inclusive ao conhecimento do povo mais evoluído de sua época. Em

contrapartida, o Apóstolo Pedro era um pescador rude. Amós, um boiadeiro. Josué, um militar. Neemias viveu em meio ao luxo do palácio, era copeiro do Rei. Daniel, primeiro-ministro. Lucas, o apóstolo, era médico. Salomão, um rei. Mateus, coletor de impostos e Paulo, um doutor da Lei.

Moisés escreveu quando estava no deserto. Jeremias, quando estava na prisão. Daniel, quando vivia no palácio. Lucas, numa viagem, e João, quando estava desterrado na ilha de Patmos. Ante o exposto, torna-se mais fácil entender a complexidade singular que envolve a produção dos textos bíblicos.

Para uma melhor avaliação e para que seja feita uma análise mais adequada dos textos bíblicos, seria relevante uma comparação com outros textos, mais modernos até, para que se possa ter uma melhor percepção quanto à forma como se referem às mulheres. Para tanto, convida-se o leitor a uma breve análise sobre algumas frases extraídas do livro "Dicionário de Machismo, três mil anos de frases cretinas contra as mulheres", organizado por Salma Ferraz, publicado em 2013, sob o selo Jardim dos Livros:

> "Todo o amor pela esposa de alguma outra pessoa é vergonhoso. Mas também é vergonhoso amar a própria esposa desmesuradamente. Ao amar a esposa, o homem sábio toma a razão como guia, não a emoção. Resiste ao assalto das paixões, e não se permite ser levado impetuosamente ao ato conjugal. Não há gesto mais depravado do que o de amar a própria esposa como se ela fosse uma adúltera. Aqueles homens, entretanto, que dizem copular com uma mulher só para gerarem filhos, em prol do Estado ou da raça humana, devem pelo menos tomar como exemplo os animais e quando o ventre da esposa inchar, não devem destruir sua posteridade". SÊNECA 4 a.C.-65 d.C. Filósofo estoico e um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano (FERRAZ, 2013).

> "A mulher pode ser definida como um homem inferior", Aristóteles, 384 a.C.-322 a.C. Filósofo grego durante o período clássico na Grécia Antiga, fundador da escola peripatética e do Liceu, além de ter sido aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande (FERRAZ, 2013).

> "Embora seja a mulher um animal inepto e estúpido, não deixa, contudo, de ser mais alegre e suave, e, vivendo familiarmente com o homem, saberá temperar com sua loucura o humor áspero e triste deste", Erasmo de Roterdã, 1466-1536, Elogio da Loucura, teólogo e filósofo humanista holandês (FERRAZ, 2013).

"É condição natural das mulheres desdenhar a quem as quer e amar a quem lhes tem aversão", Miguel de Cervantes, 1547-1616, em Dom Quixote, romancista, dramaturgo e poeta castelhano. A sua obra-prima, Dom Quixote, muitas vezes considerada o primeiro romance moderno, é um clássico da literatura ocidental e é regularmente considerada um dos melhores romances já escritos (FERRAZ, 2013).

"Fraqueza, teu nome é mulher", William Shakespeare, 1564-1616, em Hamlet, poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo (FERRAZ, 2013).

"Além de casar, o que a mulher mais gosta é de ser enganada de vez em quando", Jane Austen, 1775-1817, escritora inglesa (FERRAZ, 2013).

"As mulheres são um sexo puramente decorativo. Elas nunca têm nada a dizer, mas o dizem de forma encantadora", Oscar Wilde, 1854-1900, em O Retrato de Dorian Gray, influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês. Depois de escrever de diferentes formas ao longo da década de 1880, tornou-se um dos dramaturgos mais populares de Londres (FERRAZ, 2013).

"Se o homem dissesse uma coisa e a mulher outra, a vida seria uma desgraça. Só o homem deve dizer algo, e a mulher se dispor a fazê-lo", Mahatma Gandhi, 1869-1948, advogado, nacionalista, anticolonialista e especialista em ética política indiano, que empregou resistência não violenta para liderar a campanha bem-sucedida para a independência da Índia do Reino Unido (FERRAZ, 2013).

"Amo as mulheres, mas não as admiro", Charles Chaplin, 1889-1977, no filme Monsieur Verdoux, ator, diretor, compositor, roteirista, produtor e editor britânico. Chaplin foi um dos atores da era do cinema mudo, notabilizado pelo uso de mímica e da comédia pastelão (FERRAZ, 2013).

"A mulher é sempre um vir a ser até que encontre alguém que a faça ser", Mário de Andrade, 1893-1945, poeta, escritor, crítico literário, musicólogo, folclorista, ensaísta e fotógrafo brasileiro, uma das estrelas da Semana de Arte Moderna de 1922 (FERRAZ, 2013).

"As mulheres são muito simples. Nunca conheci uma que não entendesse um tapa na boca", Humphrey Bogart (1899-1957), ator de cinema e teatro dos Estados Unidos, eleito pelo American Film Institute como a maior estrela masculina do cinema norte-americano de todos os tempos (FERRAZ, 2013).

"Os homens distinguem-se pelo que fazem; as mulheres pelo que levam os homens a fazer", Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Drummond foi um dos principais poetas da segunda geração do Modernismo brasileiro (FERRAZ, 2013).

"Para mim, elas podem trabalhar em qualquer lugar, desde que eu encontre o jantar pronto quando chegar em casa", John Wayne (1907-1979), ator e cineasta americano (FERRAZ, 2013).

"Chamar uma mulher de galinha é uma ofensa. Coitada da galinha, que vive à disposição do galo, na hora que ele quiser, como uma odalisca num harém", Carmen Miranda, 1909-1955, cantora e atriz brasileira, portuguesa, radicada no Brasil desde os dez meses de idade. Sua carreira artística transcorreu no Brasil e Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950 (FERRAZ, 2013).

> "Existem umas feias potáveis. Mas algumas só servem mesmo para fazer sabão", Vinicius de Moraes (1913-1980), poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro. Poeta essencialmente lírico, o que lhe renderia o apelido "poetinha", que lhe teria atribuído Tom Jobim, notabilizou-se pelos seus sonetos (FERRAZ, 2013).

> "O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris", Millôr Fernandes (1923-2012), desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro (FERRAZ, 2013).

> "Pouquíssimas são as mulheres capazes de abrigar dois conceitos ao mesmo tempo", Woody Allen (1935-), cineasta, roteirista, escritor, ator e músico americano (FERRAZ, 2013).

> "Na verdade, o que eu gostaria era de estar casada e lavando as meias do meu marido", Madonna, cantora, compositora, atriz, empresária e produtora musical americana. Vendeu mais de 300 milhões de discos no mundo inteiro e é reconhecida como a artista musical feminina mais bem-sucedida de todos os tempos pelo Guinness World Records (FERRAZ, 2013).

> "O glúteo é muito importante para a formação do nosso caráter", Claudia Raia, Veja, 26/12/2001 (FERRAZ, 2013).

É possível que lendo as frases anteriores, alguns leitores entendam que seria um exagero classificar algumas delas como machistas.

O que seria justificável, especialmente quando se parte do princípio de que algumas delas estariam inseridas no contexto de uma obra literária e outras são de natureza humorística e ainda outras que se assemelham a um desabafo. Entretanto, para se entender o que é proposto, o ideal seria tomar como referência uma frase creditada a Armand Jean du Plessis, mais conhecido como Cardeal de Richelieu (1585-1642), que num momento de notável franqueza, afirmou: "Se me derem seis linhas escritas pelo mais honesto dos homens, encontrarei nelas alguma coisa pela qual ele deva ser enforcado".

Corrobora ao afirmado um conhecido ditado popular que diz: "A beleza (ou sua ausência) está nos olhos de quem vê". Assim, parece que o principal componente de uma análise textual não é o texto, mas o agente que age sobre ele, o leitor. Por isso mesmo, pode-se afirmar que o contrário também seria verdadeiro, um leitor que debruça sobre um texto pelo qual nutre algum afeto, tenderá a

apresentar elementos mais amenos, ou os terá percebido por esse olhar mais comedido e de boa vontade.

Espera-se que esteja ficando claro que um texto sempre estará sujeito ao olhar de seu leitor. Por isso, será sempre comum que pessoas discordem quanto ao seu sentido, exatamente como algumas das frases, preteritamente, apresentadas. Para certas pessoas, elas são extremamente ofensivas, para outras, no entanto, são elementos que compõem o contexto de uma obra literária ou uma forma de se fazer humor. O mesmo ocorre com os que leem a Bíblia, Homero, Hesíodo, Cícero, Sócrates, Platão, Xenofonte, Shakespeare ou assistem a um programa de televisão ou uma peça de teatro ou leem uma tirinha de jornal...

Entretanto, tal percepção pode mudar, na medida em que se leva em consideração que a maioria desses textos não devem ser lidos de maneira convencional, em especial, a Bíblia. Porque se trata de uma obra produzida sob circunstâncias únicas: num longo período de tempo (cerca de 1500 anos), por inúmeros escritores (mais de 40), em lugares diferentes, numa época em que a humanidade ainda vivia sob circunstâncias insalubres e, portanto, muito mais dependente da força dos músculos masculinos.

Uma obra composta num ambiente assim, tornaria, praticamente certo, que nela estivessem presentes elementos próprios desse mundo. Por isso, afirmar que em um texto produzido há mais de 2 mil anos existem elementos típicos do mundo masculino, não seria novidade alguma. Caso isso não ocorresse seria muito estranho, inclusive, poderia ser um motivo para que se levantassem dúvidas quanto a sua autenticidade.

Nesse sentido, inesperado e surpreendente seria o contrário, que se encontrasse em tais textos, por exemplo, relatos de mulheres que

tivessem alcançado algum destaque ou protagonismo ou até mesmo relevância dentro das histórias em que estavam inseridas. Pois será exatamente nesse inesperado que se fixará o presente trabalho, abordando textos em que mulheres são apresentadas numa posição de destaque, de protagonismo e de relevância. Mulheres que aqui serão, justificadamente, chamadas de Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Eva

A criação da mulher

Um dos pontos mais criticados por isso, considerado uma forma de demonstração da supremacia do homem dentro da Bíblia, diz respeito à criação da mulher. Isso porque, relata o texto, Deus criou primeiro o homem e somente depois a mulher e essa ordem do processo de criação seria um demérito para a mulher. O interessante é que acaso a precedência na criação revelasse alguma espécie de valorização, o homem não estaria nada bem.

Para se chegar a essa conclusão, bastaria uma breve observação do texto bíblico e se verificaria que, à criação do homem, precedeu a de todos os seres vivos. É o que se pode constatar no livro do Gênesis, nos primeiros capítulos. A referência não se restringe às criações grandiosas, como "Haja Luz" ou, "Haja luminares na expansão do céu", mas a maioria dos seres, de todas as coisas mesmo, até as que poderiam ser consideradas menos relevantes, observe em Gênesis, 1:24-27:

> E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis, e bestas-feras da terra conforme a sua espécie. E assim foi. E fez Deus as bestas-feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom. E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra.
> E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

O homem foi criado no sexto dia, no final da Semana Criadora, logo, inferir que a precedência na criação do homem representaria alguma espécie de superioridade sobre a mulher não faria sentido algum. Afinal, o que se poderia afirmar do texto quando apresenta a criação de todos os seres vivos preceder ao homem?

Ante o exposto, espera-se que esteja claro que a precedência cronológica do homem na Obra Criadora não poderia representar e muito menos lhe conferir qualquer tipo de benefício ou posição privilegiada. Fosse esse o caso, o mesmo raciocínio deveria aplicar-se entre o homem e todo o resto do que fora criado antes dele.

O melhor fica para o final

Entretanto, seria possível que se entendesse que o homem foi criado por último porque seria ele a mais importante de toda a obra criada. Como popularmente é costume afirmar: “a cereja do bolo”. Talvez seja a perspectiva que a maioria das pessoas defenda, afinal, após a criação do homem, Deus lhe entrega toda a obra criadora, em Gênesis, 1:28: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre todo animal que se move na terra”.

Mas sob um olhar mais atento, sem divagação alguma, atendo-se aos elementos físicos do texto, verifica-se que o pronome “os” e “lhes” estão empregados no plural. Logo, frente a tais evidências, Deus, que é o principal agente do período destacado, não poderia referir-se apenas ao homem, mas ao homem e à mulher quando usa os pronomes “os” e “lhes”. Por consequência óbvia, caso Deus

estivesse entregando toda a Obra Criadora para ser dominada por alguém, estaria entregando ao homem e à mulher e não apenas ao homem.

Ainda, tendo como norte a ideia de que o que foi criado por último seria mais importante, não se pode perder de vista que a mulher foi criada depois do homem, logo, nessa perspectiva, seria a mulher mais importante que o homem?

Espera-se que tenha ficado claro que não são identificados elementos que evidenciem que ser criado antes ou depois traga consigo qualquer preferência ou superioridade. Pelos elementos textuais presentes, o que se pode entender é que há, na verdade, o estabelecimento de uma paridade entre homem e mulher, inclusive e, especialmente, quanto ao dominar sobre toda a Obra Criadora.

Eva, portanto, pode ser considerada a primeira Mulher Poderosa registrada pela Bíblia, pois ela também recebeu o poder de dominar sobre tudo que havia sido criado.

A origem da criação da mulher

Seria prudente que antes de qualquer argumentação, fosse trazida ao texto a origem da criação da mulher, que se encontra registrada em Gênesis, 2:18: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”.

O texto apresenta a origem da criação da mulher na perspectiva da Bíblia Cristã e deixa claro que a mulher não foi criada à toa, mas porque havia uma necessidade. O texto é bem claro, após criar o homem, a conclusão a que o Criador chegou era que a sua obra não

estava completa, uma vez que afirma: “Não é bom que o homem esteja só”. A essa afirmativa poderia alguém afirmar que comparar a mulher a um “complemento” seria desmerecê-la, desvalorizá-la.

Entretanto, pelo contexto, um questionamento poderia ser feito: Caso a criação da mulher precedesse à do homem, o diagnóstico não poderia ser o mesmo? Precisar de um “complemento”, como ocorre com o homem, não poderia ser entendido como uma espécie de desvalorização? Nessa perspectiva, não estaria o homem sendo desvalorizado, uma vez que não era suficiente, mas precisou de um “complemento”?

Sob o olhar atento do autor da Bíblia, o homem não estava bem e precisava de um complemento, por isso a primeira palavra usada na Bíblia para designar a mulher é ADJUTORA e não namorada, esposa, gata, princesa e, muito menos, cachorra.

Corrobora o que se defende buscar a origem etimológica da palavra, que está em ADJUNTO, do Latim ADJUNCTUS, formado por AD, “a”, mais JUNCTUS, “unido, junto, ligado”, de JUNGERE, “colocar lado a lado, unir”. Percebe-se que quando o texto Bíblico faz referência à mulher, o faz usando uma classificação que a coloca numa posição de igualdade com relação ao homem.

Mais do que isso, pode-se inferir que o texto coloca a criação da mulher como algo necessário, dando a ela uma posição de inegável importância. Seria necessária uma considerável quantidade de má vontade para negar tal fato. A citação afirma categoricamente: “Não é bom que o homem esteja só”. Não ser bom significa que as coisas estavam ruins.

Observando mais de perto, ficará claro outro detalhe que muitos não consideram, o homem foi a única criação que necessitou de um

complemento. Nada que foi criado, anteriormente, precisou de uma análise, uma revisão e uma ação complementar.

Com base no que foi dito, pergunta-se: Em que, admitir que o homem, de todos os seres criados por Deus, foi o único a precisar de um complemento o colocaria numa posição de superioridade?

O texto não afirma que a mulher seria criada para servir ao homem ou para ser inferior a ele ou para ser uma espécie de diversão, oferecendo-lhe, por exemplo, os afazeres de uma dona de casa e a diversão de uma amante. O autor escolhe o termo "Adjutora" para qualificá-la e para o texto bíblico é isso que a mulher é. A palavra "Adjutora" está ligada à força, ao trabalho, à capacidade de agir e, no decorrer do texto, o leitor perceberá essas características sendo apresentadas em Mulheres Poderosas que a Bíblia descreve.

Essa afirmação encontra um pouco mais de solidez no mesmo versículo 19 do capítulo 2º de Gênesis, que finaliza com a seguinte colocação: "que esteja como diante dele". Para o texto bíblico, o lugar da mulher é diante do homem, isso a coloca numa posição de relevância idêntica. Não há uma colocação que consigne à mulher a uma posição de inferioridade, antes, a coloca em igualdade, observe em Gênesis, 2:24: "Portanto, deixará o varão seu pai e sua mãe e apegar-se-á à sua mulher e serão ambos uma só carne".

Note o leitor que ao se observar o texto, percebe-se que se trata de uma menção ao que ficou conhecido como casamento. Entretanto, ao abordar o tema, o autor faz algo que parece não ter sido percebido, ele coloca a mulher numa posição de igualdade frente ao homem quando afirma: "e serão os dois uma só carne". Ora, ser uma só carne implicaria ser a mesma pessoa e, por consequência, a mesma criação. Com o que corrobora o afirmado o Evangelho de

Marcos, 10:7-8: “Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão os dois uma só carne; e assim, já não serão dois, mas uma só carne”.

Soma-se a isso o que afirmou, na Carta à Igreja de Éfeso, o Apóstolo Paulo, no capítulo 5, versículo 28: “Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos”. Amar alguém como se ama o próprio corpo é entender que esse alguém é parte do seu próprio corpo e ser parte do próprio corpo é ser igual. Incoerência alguma há nesse raciocínio.

Afirmar que “serão os dois uma só carne” não apenas iguala homem e mulher em todos os sentidos, mas os coloca como sendo uma única obra, que só atinge a perfeição, na perspectiva da Obra Criadora, quando estão “adjuntos”, isto é, quando se completam.

Novamente, seria possível que alguém afirmasse que desmereceria a mulher entender que ela precisaria de um complemento para ser uma obra perfeita, e até seria uma observação possível, isso se o mesmo não se aplicasse ao homem. Mas como a mesma necessidade de complemento está presente no homem e na mulher, não se pode falar em desmerecimento, mas em igualdade, uma vez que a mesma perspectiva se aplica aos dois.

A costela de Adão

Outro ponto que também suscita o mesmo sentimento é que a mulher foi criada a partir de uma costela retirada do homem. Para alguns, essa origem parece, de alguma forma, depreciar a mulher. Entretanto, observando-se o texto se verá que a criação do homem ocorre a partir do “pó da terra”. Com base nessa informação,

pergunta-se: O que seria mais insignificante que o pó da terra? Provavelmente, nada! Entretanto, quando o autor apresenta o homem sendo criado a partir do "pó da terra", esse fato não foi entendido como desmerecimento, ao contrário, apenas potencializou o poder da Obra Criadora.

Quando o autor apresenta a criação de Eva a partir de um tecido humano vivo, da costela de Adão, não está apresentando qualquer desmerecimento, mesmo porque, a diferença entre a matéria-prima e a obra acabada é muito grande. Para entender o que se expõe, bastaria que se tomasse por base a diferença que existe entre o homem (obra acabada) e o pó da terra (matéria-prima).

Percebe o leitor que o autor poderia ter apresentado a alquimia criadora da mulher igualmente partindo do "pó da terra", mas preferiu apresentar uma matéria-prima mais nobre, mais elaborada, mais desenvolvida, que seria a costela de Adão, um tecido vivo?

Não se pode perder de vista que o criador apresenta no processo de construção da mulher uma discrição muito peculiar, em Gênesis, 2:21,22: "Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão".

No processo de criação da mulher, a primeira ação foi fazer cair sobre o homem um "profundo sono". Mas pergunta-se: por que tal fato se deu? Uma resposta possível seria para que ele não opinasse ou porque não havia, àquela época, ainda sido inventada a anestesia?

Mas a resposta mais provável seria porque o autor queria igualar o mundo em que a mulher foi criada ao mundo em que o homem foi

criado. O que ocorre quando o homem cai em um “sono profundo” e por isso, dá-se uma espécie de harmonização entre esses dois mundos.

Quando ao homem é dado um “sono profundo” seria como se ele não existisse, e, acredita-se, que tal situação se deu para que o processo de criação da mulher ocorresse sob as mesmas circunstâncias que o do homem.

Quanto à alquimia criadora, enquanto o homem é feito a partir do pó da terra, a mulher é criada de uma costela. Nota-se aqui uma grande diferença na obra criadora, enquanto em um ocorre a busca de um elemento rudimentar (o pó da terra), em outro lança mão de um complexo (a costela de Adão). Enquanto em um utiliza um elemento sem vida, outro parte de um tecido complexo vivo. A nobreza da criação da mulher é, na verdade, uma ação de vanguarda tão relevante, que a humanidade só foi entendê-la quando a ciência apresentou a reprodução através do processo de clonagem.

Mas por que o autor apresenta Deus retirando uma costela de Adão para dela produzir outro ser vivo? A explicação fica a cargo do Dr. Adauto Lourenço:

> Encontramos no sistema ósseo humano a medula óssea, também conhecida como tutano. Esse tecido de aparência gelatinosa preenche a cavidade interna de vários ossos. Ele também é uma fábrica de elementos relacionados com o sangue, como as hemácias (glóbulos vermelhos), os leucócitos (glóbulos brancos) e os trombócitos (plaquetas). A medula óssea vermelha, encontrada, por exemplo, nas costelas, contém células-tronco (células estaminais). Essas células são células-tronco multipotentes, que podem diferenciar-se numa variedade de tipos de células. Células-tronco constituem o material fundamental para o processo de clonagem humana. Como o objetivo principal do Senhor Deus era trazer à existência um outro ser vivo semelhante a Adão, Ele usou as células-tronco encontradas na medula óssea vermelha da costela removida de Adão, para fazer o primeiro clone humano: Eva (LOURENÇO, 2018, p. 191-192).

Como visto, a melhor escolha seria utilizar uma célula-tronco para a produção do outro ser vivo, mas ainda assim, por que a

costela teve de ser de Adão? Seria possível que fosse realizada uma clonagem com uma costela de Eva? O Dr. Lourenço ainda continua:

> O ser humano possui um par de cromossomos responsável pela determinação do sexo. Masculino e feminino são as duas únicas possibilidades sexuais produzidas por esse par. Os seres humanos do sexo masculino possuem o par XY. Seres humanos do sexo feminino possuem o par XX. O cromossomo Y humano possui cerca de 60 milhões de pares de base. Ele é passado de pai para filho. O cromossomo X humano possui cerca de 153 milhões de pares de base. Sendo que a mãe possui o par de cromossomos XX e o pai o par XY, é fácil perceber que é o material genético do pai que determina o sexo da criança. A mãe contribui apenas com um dos dois cromossomos X que ela possui. Já o pai pode contribuir tanto com o cromossomo Y quanto com o X. Adão foi criado com o par XY. Ele era do sexo masculino. Para que Eva fosse criada, Deus precisaria apenas duplicar geneticamente o cromossomo X de Adão, formando o par XX. Esse procedimento de alteração genética é conhecido pela ciência como engenharia genética (LOURENÇO, 2018, p. 193).

É curioso que uma pessoa de fé não veria problema algum em Deus operar uma modificação mesmo no cromossomo feminino, tornando, masculino, mesmo sendo algo impossível para a ciência. Mas o autor apresenta uma proposta que traz consigo certo conforto intelectual, pois harmoniza a alquimia criadora com princípios científicos muito modernos. Logo, a ciência permite inferir que o homem foi escolhido não por ser superior à mulher, mas porque a partir dele seria possível criar uma mulher, enquanto o contrário seria, cientificamente, impossível.

Soma-se às observações científicas do Dr. Adauto Lourenço um conteúdo simbólico muito relevante na utilização da costela como matéria-prima para a construção da mulher. Pode-se começar com a ideia de que a mulher foi criada a partir de um osso, de um tecido forte, isso porque o criador queria, a partir de uma matéria-prima com essa natureza, produzir uma obra igualmente forte.

O tecido utilizado é de uma nobreza inconteste, isso porque é utilizado um osso que protege os órgãos mais importantes do corpo humano, como o coração e os pulmões, por exemplo. O autor poderia ter mencionado que a mulher fora produzida a partir de

uma das falanges de um dos ossos que compõem os dedos dos pés de Adão, mas não, preferiu referir-se a sua costela. Uma matéria-prima nobre como essa somente poderia produzir um produto final igualmente nobre.

Não se pode esquecer que o osso é o tecido forte, não apenas pela sua rigidez, mas pela sua resiliência, e essas características, certamente presentes na matéria-prima, seriam transferidas para o produto final.

Conclui-se que quando comparado o processo criativo do homem e da mulher, percebe-se que não havia qualquer intenção deliberada do autor em colocar a mulher numa posição de inferioridade. Fosse esse o caso, o intento colocaria o homem em situação de inferioridade, no mínimo, semelhante.

A culpa é da mulher

Menos hoje, mas muito em décadas atrás, era comum que se fizessem comentários sobre ser culpa da mulher que ambos, homem e mulher, tivessem de trabalhar. Claro que a referência é narrada no capítulo três de Gênesis, quando o primeiro casal come do fruto da árvore que havia no meio do Jardim do Éden, desobedecendo a única restrição que lhes havia sido imposta.

Quando se observa o texto com mais atenção, entende-se que o que ocorre com a mulher é que ela exerce um direito que reflete o ponto mais alto do poder que um ser humano pode atingir: o poder de escolher. A primeira mulher também é a primeira pessoa a fazer o exercício da escolha, quando opta, após uma longa conversa com a serpente, por não obedecer à ordenação que lhe havia sido imposta.

Não se poderia deixar de mencionar que o livro do Gênesis, que Moisés escreveu por volta de 1400 a.C., parece exercer alguma influência com relação ao texto de Hesíodo, escrito em torno de 800 a.C. Ocorre que, a seu modo, ambos narraram a criação da primeira mulher. Moisés descreve Eva no Gênesis, e Hesíodo, Pandora, tanto na "Teogonia" quanto em "Os Trabalhos e os Dias".

Pandora apresenta uma característica muito semelhante a Eva, isso porque as duas fazem uso da prerrogativa de escolher. Eva escolhe desobedecer a única ordenança que recebera, não comer do fruto da árvore que havia no meio do jardim. Enquanto Pandora escolhe desobedecer a Zeus e abre o Jarro, que na Idade Média, Erasmo de Roterdã transformara numa caixa, a Caixa de Pandora.

As semelhanças não param por aí, ambas são criadas e apresentadas a um homem: Pandora é entregue como um presente ao Titã Epimeteu, enquanto Eva torna-se a companheira de Adão. Ambas aceitam seus companheiros sem manifestar qualquer insatisfação.

Entretanto, ambas, em algum momento, escolhem desobedecer. Enquanto Eva come do fruto da árvore do bem e do mal, Pandora abre o jarro e liberta todos os males do mundo.

Em certa medida, a consequência da atitude das duas é muito similar. Pois se Eva, com sua atitude, promove a expulsão do paraíso, Pandora liberta no mundo todos os males que assolariam a humanidade a partir daí.

Nos cerca de 500 anos que separam os dois escritores, percebe-se uma semelhança muito singular. O que poderia fazer pertinente aventar a possibilidade de Hesíodo ter lido ou pelo menos tomado conhecimento do texto de Moisés e nele ter se inspirado.

Não seria algo incomum a afirmação quando se leva em consideração que os feitos e a fama dos escravos recém-libertos do Egito ganhavam as terras vizinhas, o que pode ser visto nas palavras de Raabe, que vivia na poderosa cidade de Jericó e que sucumbe facilmente ante o precário Exército de Josué. Observe o que é dito em Josué, 2:8-11:

> E, antes que eles dormissem, ela subiu a eles sobre o telhado, E disse aos homens: Bem sei que o Senhor vos deu esta terra, e que o pavor de vós caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desmaiados diante de vós. Porque temos ouvido que o Senhor secou as águas do Mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito, e o que fizestes aos dois reis dos Amorreus, a Siom e a Ogue, que estavam dalém do Jordão, os quais destruístes. Ouvindo isto, desmaiou o nosso coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o Senhor, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra.

Outro episódio narrado na Bíblia que evidencia que a fama atingia longas distâncias foi o acontecido com o rei Salomão quando recebe a visita da rainha de Sabá. A origem dessa personagem ainda se apresenta um pouco nebulosa, mas a maioria dos especialistas acredita que ela veio do sul da península Arábica, embora há os que acreditem que tenha sua origem na Etiópia. Para o objetivo deste trabalho, o relevante é que uma soberana tenha ficado sabendo da fama de um rei judeu numa época em que as informações caminhavam ainda de maneira precária num espaço, relativamente, pequeno de tempo, a ponto de ela conseguir conhecer Salomão no auge de sua sabedoria. Observe o que a soberana afirma em 1 Reis, 10:4-7:

> Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, e a comida da sua mesa, e o assentar de seus servos, e o estar de seus criados, e as vestes deles, e os seus copeiros, e a sua subida, pela qual subia à casa do Senhor, não houve mais espírito nela. E disse ao rei: Foi verdade a palavra que ouvi na minha terra, das tuas coisas e da tua sabedoria. E eu não cria naquelas palavras, até que vim, e os meus olhos o viram; eis que me não disseram metade; sobrepujaste em sabedoria e bens a fama que ouvi.

Fora do Cânon, o historiador romano de origem judaica, Flávio Josefo, que viveu entre os anos 37 d.C. e 100 d.C., apresenta em sua

extensa obra rico registro da história do povo da Bíblia, em que, grosso modo, descreve o Velho Testamento sob sua ótica. Não seria, portanto, um absurdo aventar a possibilidade de que os feitos desse povo tivessem chegado até a Grécia e aos ouvidos de poetas, como Hesíodo.

Com relação aos textos de Moisés e de Hesíodo, pode-se afirmar que, igualmente, apresentam uma ideia muito importante para o exercício de uma vida secular com responsabilidade, na medida em que sugerem que quando as pessoas são corajosas para tomarem, livremente, suas decisões, também precisam ser para arcarem com as consequências que delas sobrevirão.

A culpa é de quem?

Quando foi confrontado sobre sua desobediência, Adão fez o que os seres humanos fazem de melhor: colocou a culpa no outro. Como só havia um outro, ele coloca a culpa em Eva. Por sua vez, Eva reconhece que fora enganada pela serpente em sua astúcia. Esse acontecimento não foi nada bom para o homem, uma vez que representa uma atitude pouco honrada. Apenas para considerar o que se afirma, cabe citar o acontecido com o rei Davi quando foi confrontado pelo profeta Natã a respeito da morte de Urias, para a qual ele havia conspirado. Um empreendimento que contou com a participação de diversos atores, inclusive a do General Joabe, o que é descrito em 2 Samuel 11:14,15: “E sucedeu que, pela manhã, Davi escreveu uma carta a Joabe e mandou-lha pela mão de Urias. Escreveu na carta, dizendo: Ponde Urias na frente da maior força da peleja; e retirai-vos de detrás dele, para que seja ferido e morra”.

Quando o profeta Natã o confronta, Davi não divide sua responsabilidade com ninguém, sequer menciona Joabe, mas assume totalmente a culpa pelo acontecido quando afirma em 2 Samuel, 12-12,13: “Porque tu o fizeste em oculto, mas eu farei este negócio perante todo o Israel e perante o sol. Então, disse Davi a Natã: Pequei contra o Senhor. E disse Natã a Davi: Também o Senhor traspassou o teu pecado; não morrerás”.

Davi não menciona qualquer pessoa, tão pouco coloca a culpa na “maligna” beleza da mulher, como poderia ser esperado. No sentido oposto, ele a assume e, no futuro, será seu filho Salomão que lhe dera essa mulher: Bate-Seba, o sucessor no trono. O comportamento do rei, ao reconhecer e assumir a sua culpa foi tão importante que possibilitou a ele permanecer vivo e à frente da nação, mesmo sendo digno de morte.

Assim, pode-se inferir que se foi intenção do autor dar ao homem alguma superioridade, nesse ponto ele falhou, uma vez que o comportamento de Adão foi o menos desejável quando se pensa em um comportamento digno e honrado. Eva, por sua vez, adota uma postura diferente, pois admitiu o real problema: ela foi enganada pela astúcia da serpente, observe Gênesis, 3:11-13:

> E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e eu comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

Quando o homem apresenta sua argumentação ante a inquirição do criador, ele coloca a culpa no próprio Criador, observe: “A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore, e eu comi”. Logo, a culpa não poderia ser dele, mas de qualquer um, até mesmo de Deus. Uma atitude que evidencia certa dificuldade em lidar com as consequências de suas próprias escolhas.

O que permite perguntar: Apresentar o homem uma situação como essa o elevaria a uma posição de superioridade? A resposta é óbvia: jamais! Essa sinceridade textual permite inferir que, no texto, há uma inexistência de deliberada pretensão em colocar o homem numa situação de superioridade.

Juízo para todos

Outro ponto que merece ser observado é quanto à punição, ou, para se utilizar uma palavra mais comum na biblioteca bíblica, o Juízo, que recai sobre a mulher. Muitos entendem que essa ação do autor representaria uma ação que desprestigiaria a mulher. A afirmação seria verdadeira se o Juízo tivesse sido direcionado apenas à mulher. Contudo, ocorre que no texto encontra-se uma posição de igualdade entre todos os atores envolvidos, incluindo até mesmo a serpente, que também recebe sua parcela. Gênesis, 3:14: “Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que toda a besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida”.

Em seguida, o autor apresenta o Juízo que cairia sobre a mulher, Gênesis, 3:16: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”.

Há nesse texto algo que pode sugerir um desapreço com a mulher e a referência é a expressão: “e ele te dominará”. Ocorre que, ao contrário, o texto traz a ideia de que a mulher possuía tanto poder que necessitava de certo limite. Além do mais, percebe-se que a

ordenação está no futuro “dominará”, o que seria algo que ainda deve acontecer. A essa afirmativa corrobora o texto quando afirma: “E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida” (Gênesis, 3:17).

Percebe-se no texto que o homem escolheu ouvir a voz da mulher à do próprio Deus. Embora em alguns círculos a colocação pode não ter muito significado, dentro do contexto em que se insere, não pode ser considerada pouca coisa.

O poder de persuasão da mulher fica evidente no texto, e esse não é um poder que deveria ser desconsiderado já no mundo antigo, ainda mais no mundo moderno, em que a capacidade de persuadir tem se revelado cada vez mais necessária.

No decorrer das páginas, o leitor perceberá que essa ousadia feminina, aparentemente indesejável, foi muito providencial para que objetivos importantes fossem atingidos, e sem elas, dificilmente o seriam.

Finalmente, o derradeiro Juízo recai sobre o homem, Gênesis, 3:17-19:

> E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e Cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.

Diante de tudo o que foi apresentado, pode-se inferir que o texto apresenta certa igualdade entre os envolvidos, na medida em que todos são atingidos pelas consequências de suas próprias escolhas, não sendo razoável afirmar que há preferências a quem quer que

seja, o autor distribui para todos os envolvidos a sua devida parcela de Juízo.

Entretanto, não se poderia negar que há uma posição relevante de poder exercido por Eva, ou não seria poder ser capaz de interferir nos planos do próprio Deus? Observe o que afirma Gênesis, 2:8,9: “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal”.

O texto deixa evidente que era plano de Deus que os seres humanos vivessem no Jardim do Éden, um lugar especial criado por Ele, mas Eva tornou isso impossível. Evidente que pagou um preço por isso, assim como também pagou Adão. Como o escopo deste trabalho não é emitir qualquer juízo de valor sobre a conduta de quem quer que seja, não se pode negar que Eva deve, merecidamente, figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Rebeca

Rebeca: forte e decidida

Uma bela história é contada a partir do capítulo 24 do livro do Gênesis, quando Abraão, próspero, mas idoso, entende que deveria promover o casamento de seu filho, Isaque. O patriarca entende que não seria uma boa ideia casá-lo com uma das mulheres da terra de Canaã, onde habitava, então, determina ao seu servo mais experiente, o que governava todos os seus bens, para que retorne a sua parentela e de lá traga uma mulher para Isaque.

Nesse momento ocorre algo muito improvável, especialmente quando se parte da ideia de que o texto data de mais de 3 mil anos: o servo de Abraão apresenta a possibilidade de a mulher em questão não querer acompanhá-lo. Tratava-se de um casamento "arranjado" e nesses casos os noivos não exerceriam qualquer tipo de interferência, uma vez que se tratava mais de um negócio do que de um romance. Observe o que o texto afirma em Gênesis, 24:2-9:

> E disse Abraão ao seu servo, o mais velho da casa, que tinha o governo sobre tudo o que possuía: Põe agora a tua mão debaixo da minha coxa, para que eu te faça jurar pelo Senhor, Deus dos céus e Deus da terra, que não tomarás para meu filho mulher das filhas dos cananeus, no meio dos quais eu habito, mas que irás à minha terra e à minha parentela, e daí tomarás mulher para meu filho Isaque. E disse-lhe o servo: Porventura não quererá seguir-me a mulher a esta terra. Farei, pois, tornar o teu filho à terra de onde saíste? E Abraão lhe disse: Guarda-te, que não faças lá tornar o meu filho. O Senhor, Deus dos céus, que me tomou da casa de meu pai e da terra da minha parentela, e que me falou, e que me jurou, dizendo: À tua semente darei esta terra, ele enviará o seu anjo adiante da tua face, para que tomes mulher de lá para meu filho. Se a mulher, porém, não quiser seguir-te, serás livre deste meu juramento; somente não faças lá

> tornar a meu filho. Então pôs o servo a sua mão debaixo da coxa de Abraão, seu senhor, e jurou-lhe sobre este negócio.

Abraão tranquiliza o servo dispensando-o do compromisso caso a mulher em questão não o quisesse seguir. Nota-se nesse ponto um detalhe muito significativo, pois ele leva em consideração a posição e o desejo da mulher, um ponto muito relevante para o contexto temporal em que a obra foi produzida. Quem imaginaria que há três mil anos homens estariam preocupados com o que pensa uma mulher, se há duas ou três décadas era comum que acontecessem casamentos em que a mulher sequer era questionada quanto a sua vontade. Ainda nos dias atuais, existem culturas que são adeptas desse método de casamento, e promovem a união entre seus filhos sem que seja levada em consideração a opinião da mulher. Há culturas em que o casamento ocorre ainda quando a mulher não é nada mais que uma criança, embora o marido já tenha suas cãs esbranquiçadas. Em alguns casos, devido à precocidade da iniciação sexual, matrimônios terminam com crianças seriamente feridas ou até mortas.

O servo de Abraão chega ao seu destino com o objetivo de cumprir sua missão, entretanto, adota uma estratégia diferente para encontrar uma esposa para Isaque, é o que narra Gênesis, 24:10-14:

> E o servo tomou dez camelos, dos camelos do seu senhor, e partiu, pois que toda a fazenda de seu senhor estava em sua mão; e levantou-se e partiu para a Mesopotâmia, para a cidade de Naor. E fez ajoelhar os camelos fora da cidade, junto a um poço de água, pela tarde, ao tempo em que as moças saíam a tirar água. E disse: Ó Senhor, Deus de meu senhor Abraão, dá-me hoje bom encontro e faze beneficência ao meu senhor Abraão! Eis que eu estou em pé junto à fonte de água, e as filhas dos varões desta cidade saem para tirar água; Seja, pois, que a donzela a quem eu disser: abaixa agora o teu cântaro para que eu beba; e ela disser: Bebe, e também darei de beber aos teus camelos, esta seja a quem designaste ao teu servo Isaque; e que eu conheça nisso que fizeste beneficência a meu senhor.

O texto apresenta uma estratégia diferente. O servo de Abraão chega a uma cidade com uma comitiva respeitável e o esperado seria que ele buscasse se encontrar com os líderes da cidade, que visitasse famílias nobres, importantes, mas ao invés disso ele acampa com toda sua comitiva fora da cidade, ao lado de uma fonte de água.

A sua ideia era considerar alguma jovem que o atendesse quando pedisse a ela água. Naquele tempo, como ainda hoje, havia uma divisão clara de tarefas: eram as mulheres que buscavam água, assim como eram os homens que se dedicavam ao pastoreio de ovelhas e à caça.

O detalhe é que ao propor essa forma de contato com a futura mulher de Isaque, o servo de Abraão estipula não uma escolha convencional, em que seriam levadas em consideração, por exemplo, a aparência física da mulher, ou as posses da família ou a nobreza de sua origem. A opção era por uma mulher que fosse dada ao trabalho, voluntariosa, forte e capaz de tomar suas próprias decisões. Observando-se a história de Rebeca, fica clara a necessidade de tais características. Características que são somente encontradas em uma mulher poderosa. Observe o que descreve Gênesis, 24:15-25:

> E sucedeu que, antes que ele acabasse de falar, eis que Rebeca, que havia nascido a Betuel, filho de Milca, mulher de Naor, irmão de Abraão, saía com o seu cântaro sobre o seu ombro. E a donzela era mui formosa à vista, virgem, a quem varão não havia conhecido; e desceu à fonte, e encheu o seu cântaro, e subiu. Então, o servo correu-lhe ao encontro e disse: Ora, deixa-me beber um pouco de água do teu cântaro. E ela disse: Bebe, meu senhor. E apressou-se, e abaixou o seu cântaro sobre a sua mão, e deu-lhe de beber. E, acabando ela de lhe dar de beber, disse: Tirarei também água para os teus camelos, até que acabem de beber. E apressou-se, e vazou o seu cântaro na pia, e correu outra vez ao poço para tirar água, e tirou para todos os seus camelos. E o varão estava admirado de vê-la, calando-se, para saber se o Senhor havia prosperado a sua jornada ou não. E aconteceu que, acabando os camelos de beber, tomou o varão um pendente de ouro de meio siclo de peso e duas pulseiras para as suas mãos, do peso de dez siclos de ouro, e disse: De quem és filha? Faze-mo saber, peço-te; há também em casa de teu pai lugar para nós pousarmos? E ela lhe disse: Eu sou filha de Betuel, filho de Milca, o qual ela deu a Naor. Disse-lhe mais: Também temos palha, e muito pasto, e lugar para passar a noite.

O texto apresenta uma jovem que se aproxima com o objetivo de buscar água. Ela, entretanto, atende ao pedido do servo de Abraão e mata sua sede e mais que isso, retira da fonte água para todos os camelos. A postura da jovem encanta o homem, que a presenteia. Em seguida, ele pergunta se há na casa de seu pai um lugar para que ele possa passar a noite. A jovem não titubeia, não vacila, ela decide, e de forma surpreendente, afirma que além de lugar para pousarem, também ofereceria pasto para o seu gado.

Após contato com a família de Rebeca, a proposta de levá-la para casar-se com Isaque é muito bem-recebida, especialmente por conta dos muitos presentes que recebem e pela certeza de que o futuro marido estava em situação econômica muito confortável. Entretanto, a palavra final seria da jovem, que fica clara nos versos 57 a 61 do mesmo capítulo 24:

> E disseram: Chamemos a donzela e perguntemos-lho. E chamaram Rebeca e disseram-lhe: Irás tu com este varão? Ela respondeu: Irei. Então despediram Rebeca, sua irmã, e a sua ama, e o servo de Abraão, e os seus varões. E abençoaram Rebeca e disseram-lhe: Ó nossa irmã, sejas tu em milhares de milhares, e que a tua semente possua a porta de seus aborrecedores! E Rebeca se levantou com as suas moças, e subiram sobre os camelos e seguiram o varão; e tomou aquele servo a Rebeca e partiu.

Rebeca dá sua resposta, não consulta a quem quer que seja, apenas exerce o seu direito de escolher e faz isso de maneira simples, breve e objetiva, como normalmente são as respostas de pessoas decididas e corajosas. Ela afirma simplesmente: “Irei”. Um verbo, uma ação, uma decisão. Típico de mulheres cheias de poder e coragem.

Rebeca e a primogenitura de Jacó

As características da personalidade de Rebeca foram fundamentais para que ocorresse algo que mudaria totalmente a história do povo judeu. A referência é ao estratagema que ela e seu filho Jacó empreendem para que a tão desejada bênção da primogenitura fosse transferida de Esaú para Jacó.

Ocorre que os dois eram gêmeos e nasceram como que brigando para ser o primeiro, o que conferiria a primogenitura, observe o que narra Gênesis, 25:22-23:

> E os filhos lutavam dentro dela; então, disse: Se assim é, por que sou eu assim? E se foi a perguntar ao Senhor. E o Senhor lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.

Não se pode perder de vista que Rebeca não participa a ninguém o ocorrido, nem mesmo ao marido. Pelo que o autor apresenta, tratava-se de uma relação íntima entre ela e Deus, em que ninguém mais participava. Tal fato foi de grande valia porque ela entendeu que entre os dois filhos um deles serviria o outro e não seria a ordem natural, o menor servindo o maior, mas ao contrário. Isso porque o maior era o que detinha, em princípio, a primogenitura: Esaú. Rebeca, entretanto, sabia algo que o autor sugere ser da soberania de Deus, do seu projeto, o qual seria que Jacó fosse servido por Esaú.

Assim, quando Isaque entendeu que se aproximava o fim de sua vida, fez algo que era comum na época, abençoar o filho primogênito, transferindo para ele o comando da família. Rebeca, com sua atitude, modifica esse processo e ao invés de ser Esaú, foi Jacó o abençoado. Isaque então falou a seu filho Esaú o que pretendia fazer, Gênesis, 27:1-5:

> E aconteceu que, como Isaque envelheceu, e os seus olhos se escureceram, de maneira que não podia ver, chamou a Esaú, seu filho mais velho, e disse-lhe: Meu filho! E ele lhe disse: Eis-me aqui! E ele disse: Eis que já agora estou velho e não sei o dia da minha morte. Agora, pois, toma as tuas armas, a tua aljava e o teu arco, e sai ao campo, e apanha para mim alguma caça, e faze-me um guisado saboroso, como eu gosto, e traze-mo, para que eu coma, e para que minha

alma te abençoe, antes que morra. E Rebeca escutou quando Isaque falava ao seu filho Esaú; e se foi Esaú ao campo, para apanhar a caça que havia de trazer.

Diante da situação, Rebeca chama a Jacó e fala do seu plano, Gênesis, 27:8-10:

> Agora, pois, filho meu, ouve a minha voz naquilo que eu te mando. Vai agora ao rebanho e traze-me de lá das cabras dois bons cabritos; e eu farei deles um guisado saboroso para teu pai, como ele gosta; e levá-lo-ás a teu pai, para que o coma e para que te abençoe antes da sua morte.

Note que Rebeca manda o filho fazer algo. Ela dá uma ordem, impõe sua autoridade e determina que o filho faça sem questionar. Mesmo para uma relação entre mãe e filho, observados os fatores temporais e culturais, chega-se à conclusão de que a atitude é incomum, uma vez que se trata de uma ordem partindo de uma mulher para um homem adulto.

Obviamente, Jacó sabia que apesar de o pai enxergar muito mal, ainda ouvia e poderia ainda tocar o filho, e havia uma diferença física muito grande entre os dois. Esaú era peludo e Jacó não tinha pelos. Observe o que é dito em Gênesis, 27:11,12: “Então disse Jacó a Rebeca, sua mãe: Eis que Esaú, meu irmão, é varão cabeludo, e eu, varão liso. Porventura, me apalpará o meu pai, e serei, a seus olhos, enganador; assim, trarei eu sobre mim maldição, e não bênção”.

A esse questionamento Rebeca responde de forma audaciosa, Gênesis, 27:13: “E disse-lhe sua mãe: Meu filho, sobre mim seja a tua maldição; somente obedece à minha voz, e vai, e traze-mos”.
Em seguida, Jacó se apresenta ante Isaque e recebe a bênção que tanto almejara. Seria importante que se levasse em consideração que Esaú desprezou essa mesma bênção quando a vendeu a seu irmão por um prato de lentilhas. Como relata Gênesis, 25:29-34:

> E Jacó cozera um guisado; e veio Esaú do campo e estava ele cansado. E disse Esaú a Jacó: Deixa-me, peço-te, comer desse guisado vermelho, porque estou cansado. Por isso, se chamou o seu nome Edom. Então, disse Jacó: Vende-me, hoje, a tua primogenitura. E disse Esaú: Eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura? Então, disse Jacó: Jura-me hoje. E jurou-lhe e vendeu a sua primogenitura a Jacó. E Jacó deu pão a Esaú e o guisado das

> lentilhas; e ele comeu, e bebeu, e levantou-se, e se foi. Assim, desprezou Esaú a sua primogenitura.

Contextualizado o acontecido, entende-se que ao saber de tudo isso, somado ao que lhe fora dito sobre seu filho maior servindo ao menor, Rebeca articula de maneira que a primogenitura e o comando da família fiquem com quem de fato valoriza a posição, e ela entendia que esse nome seria Jacó, o mesmo Jacó que teve seu nome mudado posteriormente para Israel.

Voltando ao momento em que foi abençoado, Jacó, devidamente orientado por Rebeca, apresenta-se para o pai, em Gênesis, 27:21-23:

> E disse Isaque a Jacó: Chega-te agora, para que te apalpe, meu filho, se és meu filho Esaú mesmo ou não. Então se chegou Jacó a Isaque, seu pai, que o apalpou, e disse: A voz é a voz de Jacó, porém as mãos são as mãos de Esaú. E não o conheceu, porquanto as suas mãos estavam cabeludas, como as mãos de Esaú, seu irmão; e abençoou-o.

Como visto, Rebeca, a jovem decidida e corajosa que escolhera sair do conforto do seio de sua família e partiu com um estranho para casar-se com um desconhecido, tornou-se um importante motor para a construção não apenas da sua família, mas de todo um povo e, posteriormente, de uma nação. História que há mais de três mil anos o autor escolheu registrar, dando-lhe todo o protagonismo que exerceu, por isso, Rebeca merece figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Joquebede, Mirian e a filha do Faraó

Uma das histórias mais extraordinárias descritas na Bíblia é a de Moisés. Nascido sob uma sentença de morte, ele é adotado pela filha do Faraó, mas criado pela própria mãe após engenhoso estratagema, que teve como participante a jovem Mirian, provavelmente, irmã de Moisés. Note que o recém-nascido, que seria o grande líder que levaria um agrupamento de escravos a tornar-se uma nação, teve como responsáveis pela sua vida três mulheres.

Nada mais extraordinário e improvável para um texto com mais de 2500 anos. Não seria o caso de que um dos maiores líderes da história bíblica fosse alguém com uma origem mais masculinizada? Como Rômulo e Remo, que foram amamentados por uma loba.
O texto é bem claro em Êxodo, 2:1-9:

> E foi-se um varão da casa de Levi e casou com uma filha de Levi. E a mulher concebeu, e teve um filho, e, vendo que ele era formoso, escondeu-o três meses. Não podendo, porém, mais escondê-lo, tomou uma arca de juncos e a betumou com betume e pez; e, pondo nela o menino, a pôs nos juncos à borda do rio. E a irmã do menino postou-se de longe, para saber o que lhe havia de acontecer. E a filha do Faraó desceu a lavar-se no rio, e as suas donzelas passeavam pela borda do rio; e ela viu a arca no meio dos juncos, e enviou a sua criada, e a tomou. E, abrindo-a, viu o menino, e eis que o menino chorava; e moveu-se de compaixão dele e disse: Dos meninos dos hebreus é este. Então, disse sua irmã à filha do Faraó: Irei eu a chamar uma ama das hebreias, que crie este menino para ti? E a filha do Faraó disse-lhe: Vai. E foi-se a moça e chamou a mãe do menino. Então, lhe disse a filha do Faraó: Leva este menino e cria-mo; eu te darei teu salário. E a mulher tomou o menino e criou-o.

A mãe de Moisés, percebendo que não seria mais possível manter o filho escondido, coloca em prática um plano audacioso. Prepara

uma espécie de arca ou de cesto em que coloca o filho para que deslize com relativa segurança pelas águas dos rios. Mas, de certa distância, estava a pequena Mirian, que cuidava do destino do pequeno Moisés. Quando percebe que uma das filhas do Faraó, que estava na margem do rio, mandou que a arca fosse resgatada, Mirian se aproxima e ao ver a preocupação da filha do Faraó com a criança, prontificou-se a encontrar uma ama de leite para a criança. O resultado dessa estratégia é que Moisés acabou sendo criado pela sua própria mãe, que ainda foi paga pela tarefa.

Mais ainda, possibilitou que Joquebede, mãe de Moisés, pudesse transmitir para ele sua identidade cultural, o que foi fundamental, pois apesar de ter sido criado e educado segundo os costumes egípcios, ele entendia que não era um deles, o que foi de grande relevância para que, mais tarde, pudesse assumir a liderança do povo e contribuir de maneira relevante para que a escravidão, que durava mais de 400 anos, chegasse ao fim. Apenas a título de curiosidade e para que fique claro a capacidade de Joquebede de passar para o pequeno Moisés sua identidade cultural, perceba o leitor o que afirma o texto em Êxodo, 2:10-12:

> E, sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha do Faraó, a qual o adotou; e chamou o seu nome Moisés, e disse: Porque das águas o tenho tirado. E aconteceu, naqueles dias, que, sendo Moisés já grande, saiu a seus irmãos e atentou nas suas cargas; e viu que um varão egípcio feria a um varão hebreu, de seus irmãos.
> E olhou a uma e a outra banda, e, vendo que ninguém ali havia, feriu ao egípcio, e escondeu-o na areia.

O autor parece deixar claro que um dos maiores vultos da Bíblia deve sua existência a três mulheres: sua mãe, Joquebede; sua irmã, Mirian e a uma das filhas do Faraó, que o adotou e o criou até adulto ser. Três mulheres que, na medida de sua capacidade, exerceram seu poder para atingir um objetivo. Joquebede e Mirian queriam criar uma criança nascida sob uma sentença de morte e a filha do Faraó

queria ter um filho, desafiando a ordem do próprio pai, que determinara a morte de todas as crianças judias. Por isso, Joquebede, Mirian e a filha do Faraó merecem estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Sara e Agar, poderosas rivais

Sara era mulher de Abraão, contudo, não era capaz de gerar filhos. Em 1800 a.C., quando se acredita que tenha vivido, ter filhos era muito importante não apenas para uma mulher. Uma família precisava de braços para trabalhar e para preservar a própria vida da violência que, naquele momento, era típica da indomada natureza e da violência de outros seres humanos. Não se esquecendo de que ter filhos era muito importante, especialmente, quando se tinha uma herança para deixar, como era o caso. Na verdade, os próprios filhos já eram considerados uma herança.

Sara utiliza uma estratégia muito comum naquele tempo e que foi comum ainda no Brasil Colônia, quando os filhos do senhor da fazenda eram trazidos para a Casa Grande e criados ali. Sara, quando entregou sua serva Agar para que tivesse filhos com Abraão estava, na verdade, utilizando Agar, que era sua escrava, para que ela tivesse os filhos que ela, Sara, não podia. Ocorre que, após Ismael ter nascido, Sara dá à luz a Isaque e com o passar do tempo começa a existir certa rixa entre as duas e Sara pede para que Abraão mande Agar e o filho embora, Gênesis 21:9-11:

> E viu Sara que o filho de Agar, a egípcia, que esta tinha dado a Abraão, zombava. E disse a Abraão: Deita fora esta serva e o seu filho; porque o filho desta serva não herdará com meu filho, com Isaque. E pareceu esta palavra mui má aos olhos de Abraão, por causa de seu filho.

A convivência entre Sara e Agar não era fácil, especialmente após a serva ter engravidado de Abraão. Observe o que afirma o texto, Gênesis 16:4,5:

> Ele entrou a Agar, e ela concebeu; e, vendo ela que concebera, foi sua senhora desprezada aos seus olhos. Então disse Sarai a Abrão: Meu agravo seja sobre ti. Minha serva pus eu em teu regaço; Vendo ela agora que concebeu, sou menosprezada aos seus olhos. O Senhor julgue entre mim e ti.

O que acabou por levar Sara a uma reação improvável e Agar é duramente castigada, foge e somente retorna após uma intervenção de Deus, Gênesis 16:06: "E disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está na tua mão; Faze-lhe o que bom é aos teus olhos. E afligiu-a Sarai, e ela fugiu da sua face".

Apesar de Abraão não concordar, ele cede e despede Agar, Gênesis 21:14: "Então se levantou Abraão pela manhã, de madrugada, e tomou pão e um odre de água, e os deu a Agar, pondo-os sobre o seu ombro; também lhe deu o menino e despediu-a; e ela se foi, andando errante no deserto de Berseba".

Não estaria errado afirmar que Abraão somente faz o que Sara pediu porque Deus o ordenara, como descreve Gênesis, 21:12,, o que deve ser encarado como um mérito, dada a natureza do texto, seria inegável reconhecer a virtude de se estar em consonância com os planos do próprio Deus: "Porém Deus disse a Abraão: Não te pareça mal aos teus olhos acerca do moço e acerca da tua serva; em tudo o que Sara te diz, ouve a sua voz; porque em Isaque será chamada a tua semente. Mas também do filho desta serva farei uma nação, porquanto é tua semente".

Contudo, pela ousadia que Sara demonstrou entregando sua escrava para ter um filho com seu marido, muito mais se poderia esperar dela. Então, despedir Agar seria, sem dúvidas, a melhor solução. Não se pode perder de vista que era um tempo em que as

coisas eram resolvidas de maneira mais “bruta”. Recorrer à violência para solucionar uma simples desavença não era incomum naquela época e continuou não sendo por muitos séculos. Apenas a título de curiosidade, a palavra Camarada, conforme descreve o site especializado em Etimologia, Origem da Palavra, vem do Grego, de Kamára:

> Que era uma parte de uma construção com um arco, um lugar abobadado. Esse nome passou depois a designar um aposento para dormir, o que hoje é conhecido como quarto. Em épocas em que a lei não era muito expedita para punir agressões, só se podia dormir no mesmo aposento com outra pessoa se houvesse muita confiança nela (eram épocas em que as construções dispunham de poucos quartos isolados). Daí que um “Camarada”, em seu sentido original, era uma pessoa em quem se podia depositar confiança (ORIGEM DA PALAVRA, 2021).

Após ser despedida, Agar viu-se numa situação muito difícil, e esteve muito próxima da morte, e o escritor relata que ocorre uma intervenção de Deus para que o pior não ocorra, Gênesis 21:16-21:

> E foi-se e assentou-se em frente, afastando-se a distância de um tiro de arco; porque dizia: Que não veja eu morrer o menino. E assentou-se em frente, e levantou a sua voz, e chorou. E ouviu Deus a voz do menino, e bradou o Anjo de Deus a Agar desde os céus e disse-lhe: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do rapaz desde o lugar onde está. Ergue-te, levanta o moço e pega-lhe pela mão, porque dele farei uma grande nação. E abriu-lhe Deus os olhos; e viu um poço de água, e se foi, e encheu o odre de água, e deu de beber ao moço. E era Deus com o moço, que cresceu, e habitou no deserto, e foi flecheiro. E habitou no deserto de Parã; e sua mãe tomou-lhe mulher da terra do Egito.

O episódio vivido por Sara e Agar é muito significativo, pois apresenta duas mulheres que disputavam o poder. Não se pode perder de vista que se tratava de um tempo em que a capacidade de gerar filhos era sim considerada um poder, uma vez que havia a necessidade de braços não só dispostos a pegar nas ferramentas e trabalhar, mas, igualmente, segurar uma espada e utilizá-la quando necessário.

Ter muitos filhos era uma questão de sobrevivência em muitos aspectos. Agar, certamente, utilizou esse poder em seu favor, tanto

que o seu filho zombava do filho de Sara. Embora a diferença entre os dois não deveria ser muito pequena.

No final, o que ocorre é uma disputa entre duas mulheres, Sara, a princípio, fica com a melhor parte, pois Agar é obrigada a partir; em Hebreus 11:11, há uma referência clara a esse poder: “Pela fé, também a mesma Sara recebeu a virtude de conceber e deu à luz já fora da idade; porquanto teve por fiel aquele que lho tinha prometido”.

Mas como já visto, Agar não fica desamparada e o mesmo Deus que conferiu poder a Sara para que ela gerasse um filho em um momento improvável de sua vida, interfere no sentido de trazer para Agar um escape seguro. Por isso, entende-se que se trata de duas Mulheres Poderosas que se confrontaram, e as duas, ao seu modo, foram vitoriosas. Por isso, Sara e Agar, embora concorressem entre si, na proposta deste trabalho, ficam juntas como duas Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Raabe, a bisavó de Davi

A história de Raabe é contada no livro de Josué a partir do capítulo 2. O livro que leva o nome do sucessor de Moisés foi escrito por volta do ano 1200 a.C. e narra muitas das batalhas travadas pelo povo de Israel até chegar à chamada Terra Prometida. Uma das mais significativas destas batalhas foi contra a magnífica cidade de Jericó. Não é segredo que a região era próspera, mas também era conhecido que era habitada por povos poderosos e os habitantes de Jericó estavam entre eles. Como era costume, Josué envia alguns espias em busca de informações para que pudesse melhor planejar a invasão, Josué, 2:1: "E enviou Josué, filho de Num, dois homens desde Sitim a espiar secretamente, dizendo: Andai e observai a terra e a Jericó. Foram, pois, e entraram na casa de uma mulher prostituta, cujo nome era Raabe, e dormiram ali".

No verso seguinte, pode ser percebido que havia alguma preocupação dos moradores da poderosa cidade com relação aos viajantes, pois logo a casa onde Raabe morava recebeu pessoas em busca de informações sobre os judeus, Josué, 2:2-3:

> Então deu-se notícia ao rei de Jericó, dizendo: Eis que esta noite vieram aqui uns homens dos filhos de Israel, para espiar a terra. Pelo que enviou o rei de Jericó a Raabe, dizendo: Tira fora os homens que vieram a ti e entraram na tua casa, porque vieram espiar toda a terra.

Seria aquela uma boa oportunidade para que Raabe entregasse os espias de Israel nas mãos do seu Rei, mas ela escolhe agir de maneira diferente, ela os esconde, observe Josué, 2:4-6:

> Porém aquela mulher tomou a ambos aqueles homens, e os escondeu, e disse: É verdade que vieram homens a mim, porém eu não sabia de onde eram. E aconteceu que, havendo-se de fechar a porta, sendo já escuro, aqueles homens saíram. Não sei para onde aqueles homens se foram; ide após eles depressa, porque vós os alcançareis. Porém ela os tinha feito subir ao telhado e os tinha escondido entre as canas do linho, que pusera em ordem sobre o telhado.

Havia uma fama muito grande da campanha militar que Israel fazia e essa fama já havia chegado a Jericó e pelo que afirma, Raabe estava muito bem informada a esse respeito, observe Josué, 2:10,11:

> Porque temos ouvido que o Senhor secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito, e o que fizestes aos dois reis dos Amorreus, a Seom e a Ogue, que estavam dalém do Jordão, os quais destruístes. Ouvindo isto, desmaiou o nosso coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o Senhor, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra.

Por entender que a queda de Jericó era inevitável, Raabe age com sagacidade ao propor um acordo para salvar a vida dela e de sua família, Josué, 2:12-14:

> Agora, pois, jurai-me, vos peço, pelo Senhor, pois que vos fiz beneficência, que vós também fareis beneficência à casa de meu pai, e dai-me um sinal certo, de que dareis a vida a meu pai e a minha mãe, como também a meus irmãos e a minhas irmãs, com tudo o que têm, e de que livrareis as nossas vidas da morte. Então aqueles homens responderam-lhe: A nossa vida responderá pela vossa até ao ponto de morrer, se não denunciardes este nosso negócio; e será, pois, que, dando-nos o Senhor esta terra, usaremos contigo de beneficência e de fidelidade.

O acordo é cumprido, escrupulosamente, na invasão da cidade, Raabe e toda sua família são poupados, sua residência é diferenciada por um pequeno detalhe, um fio de escarlata pendurado numa das janelas.

Seria inevitável que alguém afirmasse que ao se referir a Raabe como uma prostituta, se estaria cometendo um ato de desrespeito, o que é uma verdade, mas se era um desrespeito que uma mulher fosse taxada de ser prostituta, por que o fizeram? A pergunta é pertinente porque Raabe veio a figurar na genealogia de uma das famílias mais nobres daquele povo, observe o que afirma, mais de mil anos mais tarde, o Discípulo de Jesus, Mateus, em seu Evangelho, 1:4-6:

> E Arão gerou a Aminadabe; e Aminadabe gerou a Naassom; e Naassom gerou a Salmom; e Salmom gerou, de Raabe a Boaz; e Boaz gerou, de Rute a Obede; e Obede gerou a Jessé; e Jessé gerou ao rei Davi, e o rei Davi gerou a Salomão da que foi mulher de Urias;

Caso o pensamento fosse depreciar Raabe, por qual motivo o nome dela figuraria entre os de uma das famílias mais nobres de Israel? Caso fosse essa a intenção, não seria melhor ocultar sua existência? Mas, oposto a isso, o autor cuidou para que Raabe fosse devidamente registrada como a bisavó do Rei Davi, um dos mais importantes – senão o mais – dentre os governantes que aquele povo conheceu. Entretanto, o autor não se restringe a essa citação, mas menciona Raabe em outros tantos momentos dentro das escrituras. Inclusive, não ocultando que Raabe está entre os familiares da figura mais importante da história, a referência óbvia é a Jesus Cristo, que descende de Raabe tanto por linha materna quanto pela linha do seu pai de criação, José.

Pelo lado de Maria, conforme relata Mateus 1:5, a genealogia de Jesus parte do filho mais nobre e conhecido do Rei Davi, o Rei Salomão. Já pelo lado de José, a genealogia de Jesus parte de Natã, também filho do Rei Davi, conforme Lucas 3:31.

Por mais improvável que possa parecer, a prostituta Raabe é reconhecida como ancestral do mais importante nome da história da humanidade, em suas duas linhas, materna e paterna.

Como visto, Raabe surge como uma mulher forte e inteligente, que foi capaz de identificar uma oportunidade e fez uma aliança que possibilitou, em tempo de guerra, salvar não apenas a sua vida, mas a de toda a sua família, juntamente com seus bens. Nessa perspectiva, Raabe deveria ser considerada uma heroína.

Não é intrigante que o autor, mesmo tendo escrito esse texto há mais de 3 mil anos, não tenha escolhido um homem para desempenhar esse papel de protagonismo singular, como era de se

esperar para uma época em que as mulheres eram legadas a um papel secundário? Seria importante que fosse observado que o texto apresenta Raabe como uma das figuras fundamentais para o sucesso da campanha de Israel frente à poderosa cidade de Jericó, na medida em que foi ela quem manteve em segurança e deu abrigo aos espias enviados por Josué. Raabe, certamente, foi um exemplo, mas não apenas para as mulheres. Por isso, Raabe merece figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A mãe de Sansão

O livro de Juízes, a partir do capítulo 13, narra a história de um dos mais icônicos personagens da Bíblia, Sansão. Conhecido pela sua força incomum, pelas inúmeras aventuras e, principalmente, pela sua queda e redenção extraordinária, o herói nasceu de uma mulher estéril, seria, portanto, uma criança especial desde o princípio e, por conta disso, havia uma série de cuidados a se ter com ele e um o Anjo passa a sua mãe essas informações, Juízes 13:6,7:

> Então a mulher entrou e falou a seu marido, dizendo: Um homem de Deus veio a mim, cuja vista era semelhante à vista de um anjo de Deus, terribilíssima; e não lhe perguntei de onde era, nem ele me disse o seu nome. Porém disse-me: Eis que tu conceberás e terás um filho; agora, pois, não bebas vinho nem bebida forte e não comas coisa imunda; porque o menino será nazireu de Deus, desde o ventre até o dia da sua morte.

Ocorre que Manoá, o marido, apesar de acreditar na mulher, quando o Anjo os visitou em outra oportunidade, faz questão de inquirir sobre como deveria criar a criança, Juízes 13:12,13: “Então disse Manoá: Cumpram-se as tuas palavras; mas qual será o modo de viver e serviço do menino? E disse o Anjo do Senhor a Manoá: De tudo quanto eu disse à mulher se guardará ela”.

A resposta do ser celestial é muito significativa, pois ele não repete o que já havia dito à mulher, mas afirma que o que ele já havia dito a ela deveria ser seguido. Tal fala é muito significativa, pois implica ao autor apresentar um pensamento muito simples, a palavra de uma mulher, que muitas culturas contemporâneas não valorizavam, era considerada suficiente para um Anjo. O contexto permite uma interferência quase que cartesiana: Eu já falei com ela, pergunte! Diante do fato extraordinário, Manoá oferece a Deus um culto e no Velho Testamento o culto a Deus era realizado de uma maneira muito singular, Juízes 13:19-22:

> Então Manoá tomou um cabrito e uma oferta de manjares e os ofereceu sobre uma penha ao Senhor; e obrou o Anjo maravilhosamente, vendo-o Manoá e sua mulher. E sucedeu que, subindo a chama do altar para o céu, o Anjo do Senhor subiu na chama do altar; o que vendo Manoá e sua mulher, caíram em terra sobre seu rosto. E nunca mais apareceu o Anjo do Senhor a Manoá, nem à sua mulher; então, conheceu Manoá que era o Anjo do Senhor. E disse Manoá à sua mulher: Certamente morreremos, porquanto temos visto Deus.

A experiência foi tão marcante que Manoá se assusta e teme morrer, mas diante da situação, a sua mulher apresenta um pensamento lúcido, de quem é capaz de entender perfeitamente o que está acontecendo, Juízes 13:23,24:

> Porém sua mulher lhe disse: Se o Senhor nos quisera matar, não aceitaria da nossa mão o holocausto e a oferta de manjares, nem nos mostraria tudo isto, nem nos deixaria ouvir tais coisas neste tempo. Depois, teve esta mulher um filho e chamou o seu nome Sansão; e o menino cresceu, e o Senhor o abençoou.

É notável a capacidade de análise da mulher em meio a uma experiência sobrenatural sem precedentes em sua vida. Seria perfeitamente normal que alguém entrasse em pânico ao encontrar-se com um Anjo de Deus, mas ela mantém o seu pensamento claro no que estava acontecendo, pois ela sabia que seria mãe de uma criança e para que tal fato acontecesse ela precisaria, necessariamente, estar viva, então como ela poderia morrer naquele momento? Mais do que isso, ela sabia que havia prescrições específicas quanto à maneira como a criança seria criada e como isso ocorreria se ela morresse naquele momento?

Sob outra perspectiva, o acontecimento ganha proporções ainda mais relevantes, pois há um entendimento de que este ser celestial que surge para a mulher e depois para o casal não é apenas um anjo, mas tratar-se-ia do próprio filho de Deus e para sustentar a afirmativa, um dos principais argumentos é que ele não se permite nomear, mas apenas afirma ser “eu sou”, em Josué, 13:11: “Então Manoá levantou-se, e seguiu a sua mulher, e veio àquele homem, e

disse-lhe: És tu aquele homem que falaste a esta mulher? E disse: Eu sou".

No Êxodo, ocorre o mesmo fenômeno quando Moisés é chamado para sua missão de tirar o povo da escravidão egípcia, Deus lhe fala de uma sarça que não se incendiava, mas não se consumia. Esse mesmo ser celestial não se permite ser nomeado. Êxodo 3:13,14:

> Então disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.

Soma-se a isso o fato de que quando Manoá pergunta como seria seu nome para que pudesse honrá-lo, ocorre a resposta, Juízes, 13:17,18: "E disse Manoá ao Anjo do Senhor: Qual é o teu nome? Para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos. E o Anjo do Senhor lhe disse: Por que perguntas assim pelo meu nome, visto que é maravilhoso?"

A resposta é significativa, na medida em que se leva em consideração o que afirma Isaías 9:6, que apresenta uma profecia notável a respeito do Messias: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz".

O leitor perceberá que o termo "maravilhoso", que surge em Juízes, também surge em Isaías, e em ambos serve para nomear uma pessoa, se não de forma objetiva, de forma simbólica, o que, dentro da referida linha de abordagem, permite inferir que tal ser celestial poderia ser o próprio Jesus que vivia no Novo Testamento. Se tal abordagem for considerada, a experiência vivida pela mãe de Sansão ganha dimensões ainda mais notáveis.

O nome da mãe de Sansão não é registrado, embora alguns especialistas acreditam que seja Hazelelponi, mencionada em 1 Crônicas 4:3. O que não pode ser considerado um problema, pois o Anjo, um ser celestial, também não revelou qual era o seu nome. Mesmo porque ainda nos dias atuais, quando alguém alcança uma posição de destaque na sociedade, as pessoas tendem a memorizar apenas o seu nome, não o de seus familiares. Apenas como um exemplo, caso fosse perguntado ao leitor qual o nome da mãe ou do pai de alguma figura de destaque na atualidade, saberia dizer? Dificilmente!

Por isso, entende-se, de modo algum esse fato impediria a mãe de Sansão de figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Dalila, uma espiã Filisteia

O livro dos Juízes narra a história de Sansão. Em toda a Bíblia, seria ele o que mais se assemelharia ao que se pode chamar de herói. Sansão era muito forte e vencia sempre, mas isso não significava, entretanto, tratar-se de um brutamontes desprovido de qualquer capacidade intelectual. Isso se constata ao observar sua festa de casamento, que é narrada no capítulo 14, em que ele propõe um enigma para que seus convidados possam descobrir. O que aconteceu foi que seus convidados obrigaram, sob fortes ameaças, sua esposa a descobrir e revelar o segredo. Depois de alguma relutância, Sansão não resiste e cede à insistência da mulher, revelando-lhe o segredo. O leitor perceberá que, nesse momento, o principal argumento da mulher é o mesmo usado por Dalila, observe, Juízes, 14:15,16:

> E sucedeu que, ao sétimo dia, disseram à mulher de Sansão: Persuade a teu marido que nos declare o enigma, para que, porventura, não queimemos a fogo a ti e à casa de teu pai; chamaste-nos vós aqui para possuir o que é nosso, não é assim? E a mulher de Sansão chorou diante dele, e disse: Tão somente me aborreces e não me amas; pois deste aos filhos do meu povo um enigma a advinha e ainda não declaraste a mim. E ele lhe disse: Eis que nem a meu pai nem a minha mãe o declarei, e declararia a ti? E chorou diante dele os sete dias em que celebravam as bodas. Sucedeu, pois, que, ao sétimo dia, lhe declarou, porquanto o importunava; então ela declarou o enigma aos filhos do seu povo.

O texto mostra uma mulher numa situação muito difícil. Entre o marido que não queria revelar o segredo e as ameaças de seu próprio povo, nesse caso, seus próprios familiares, que ameaçavam matar a ela e o pai a fogo. O que chama a atenção é que ela escolhe enfrentar o grande Sansão e não aos seus familiares e mais ainda, os seus

recursos foram a insistência e o ato de colocar em dúvida o amor que o esposo sentia por ela. Note o leitor que o temor dela com relação ao seu povo não era sem motivos, uma vez que as ameaças vieram a se concretizar pouco tempo depois, como pode ser visto no verso 6 do capítulo 15.

Seria esse um indicativo de que os Filisteus eram um povo mais cruel que os Judeus? É uma inferência possível, e talvez ela fique ainda mais clara quando se levar em consideração o comportamento do principal tema deste texto.

Dalila será a figura mais importante desta abordagem e não sem motivos. Não apenas, deva-se ressaltar, por ser uma mulher que tinha uma aparência capaz de cativar Sansão, mas pelo fato de que ela era muito mais que um rostinho belo, Dalila era uma mulher com uma resiliência extraordinária. As palavras ganham mais força quando se observa como se deu a grande vitória de Dalila e consequentemente, a grande derrota de Sansão.

Para iniciar, seria muito importante que se tivesse em mente que Sansão era o homem mais forte de seu tempo. Nada o vencia, nem homens nem as feras selvagens. Apenas para que se tenha uma ideia, em Juízes no capítulo 15, conta o texto que Sansão aprisionou 300 raposas e amarrou tochas de fogo em suas caudas e as soltou na lavoura dos Filisteus, causando grande prejuízo. Ainda no mesmo capítulo, Sansão fere mil homens usando como arma a queixada de um jumento. Não se pode perder de vista que os Filisteus eram um povo tradicionalmente guerreiro. Contudo, qualquer pessoa que vivesse no tempo de Sansão deveria ter alguma preocupação em contrariá-lo, pois estaria diante de um poderoso adversário, mesmo que estivesse munido de lanças e espadas.

Dalila sabia disso, mas não se furtou a cumprir sua missão. Embora seja muito importante observar que sua maneira de enfrentar o poderoso adversário foi muito diferente dos que anteriormente tentaram. Ela não cai no campo em que Sansão era um especialista, ela não tenta matá-lo com o uso de alguma artimanha violenta, por exemplo. Mas, ao contrário, ela busca no próprio Sansão informações que poderiam levá-la à vitória. Dalila o questiona sobre qual seria a origem de sua descomunal força e faz isso, incessantemente. Tenta não uma ou duas vezes, mas quatro. A princípio o hebreu parecia brincar e se divertir com ela, mas com o passar dos dias e com a insistência, ele acabou por revelar qual seria sua fraqueza. Observe a capacidade persuasiva de Dalila em Juízes, 16:15:

> Então ela lhe disse: Como dirás: Tenho-te amor, não estando comigo o teu coração? Três vezes já zombaste de mim e ainda me não declaraste em que consiste a tua força.

O argumento de Dalila não está na força, mas no sentimento que acreditava que Sansão nutrisse por ela. Estranho que num momento tão insalubre da história da humanidade, dominado por guerreiros e pelo cheiro do sangue fresco, tal argumento pudesse surtir algum efeito. De fato, não foi apenas esse questionamento que derrubou as defesas de Sansão, mas foi um dos argumentos que fizeram isso. Contudo, as coisas complicam quando tal argumento começa a ser repetido com relativa frequência e começa a incomodar, observe o que descreve Juízes, 15:16:

> Isso sucedeu que, importunando-o ela todos os dias com as suas palavras, e molestando-o, sua alma se angustiou até a morte.

Diante da resiliência de Dalila, Sansão não consegue enxergar outra saída e abre o seu coração para ela, revelando o seu grande segredo, como se observa em Juízes, 16:17-

> E descobriu-lhe todo o seu coração, e disse-lhe: nunca subiu navalha à minha cabeça, porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe; se viesse a ser rapado, ir-se-ia de mim a minha força, e me enfraqueceria e seria como todos os mais homens.

Dalila conhecia muito bem a Sansão, tanto que ela de imediato percebe que ele havia dito a verdade, que realmente havia lhe aberto o coração. Diante dessa situação ela age para que Sansão fosse neutralizado imediatamente, Juízes, como se nota em 16:18-21:

> Vendo, pois, Dalila que já lhe descobrira todo o seu coração, enviou, e chamou os príncipes dos filisteus dizendo: subi esta vez, porque agora me descobriu todo o seu coração. E os príncipes dos filisteus subiram a ela e trouxeram o dinheiro na sua mão.
> Então ela o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem, e rapou-lhe a sete tranças do cabelo de sua cabeça; e começou a afligi-lo e retirou-se dele a sua força. E disse ela: os filisteus vêm sobre ti, Sansão. E despertou do seu sono, e disse: sairei esta vez, como dantes e me livrarei. Porque ele não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele. Então os filisteus pegaram ele, e lhe arrancaram os olhos, e fizeram-no descer a Gaza e amararam-no com duas cadeias de bronze e andava ele moendo no cárcere.

O texto permite inferir que Dalila tinha tudo sob controle. Ela manda chamar os Filisteus, que trariam sua recompensa, providencia para que Sanção durma e, em seguida, chama um homem para que raspe sua cabeça. Dalila, literalmente, estava no total controle da situação.

Seria curioso que num texto localizado entre os livros bíblicos fosse identificado que a parte mais sentimental, mais romântica e até, em certa maneira, frágil, em um relacionamento ficasse por conta de um homem, mas não apenas um homem comum, o homem mais forte, fisicamente, de seu tempo, um homem que muitos ao ouvirem seu nome imaginam um gigante, musculoso, com aparência de poucos amigos.

O leitor percebe como Dalila usa, habilmente, uma artimanha que já havia sido usada contra ele, por sua primeira mulher, quando seus compatriotas, sob ameaça de matarem a ela e sua família, obrigam-na a descobrir qual era o enigma de Sansão? Uma

artimanha que já havia vencido Sansão no passado e que poderia vencê-lo novamente.

Essa observação permite inferir que Dalila agira não apenas como uma mulher carente e frágil, mas como uma verdadeira agente secreta, uma espiã, que pesquisou sobre seu alvo – pontos fortes e fracos – pacientemente, buscou a melhor forma de descobrir sua grande fraqueza, infiltrando-se no seu próprio coração, conquistando-lhe a confiança necessária para que ele revelasse o seu maior segredo. No melhor estilo Marta Hari, dois mil anos antes.

Dalila coloca em dúvida o amor que Sansão sente por ela, por conta de não lhe ter revelado o seu segredo. Novamente, o curioso é que Sansão – que não era apenas um simples homem, mas o homem que detinha mais força física de seu tempo – foi tocado por tal argumento.

Dalila, por sua vez, age com uma frieza que não se esperaria de uma mulher frágil. Ela busca o tempo todo seu objetivo, não se desvia um segundo sequer. Então questiona-o sempre que pode e chega ao ponto de causar-lhe grande mal, não restando outra saída a não ser lhe abrir o coração.

Dalila sabia muito bem o que queria. Vencer Sansão, o grande inimigo de seu povo, os Filisteus. Mais que isso, queria poder, queria uma recompensa em dinheiro que havia para quem tal ato conseguisse, como descreve Juízes, 16:18b: “E os príncipes dos filisteus subiram a ela e trouxeram o dinheiro na sua mão”.

Mas diferente de todos, Dalila usa o poder da inteligência, da determinação, da resiliência. Ela não desiste, mesmo após seguidas derrotas, ela insiste. Na verdade, ao se observar a história de Dalila, observa-se que a sua maneira de manifestar o seu poder é bem diferente. Como já destacado, ela não busca o confronto físico, sabia

que perderia, fragorosamente. Antes ela revela seu poder utilizando outros meios e sem qualquer efeito colateral, sem que qualquer outra pessoa ficasse ferida ela, consegue o que um exército de mil homens não conseguiu. Capturar o grande campeão dos hebreus, Sansão.

Mesmo assim, algumas pessoas podem não ser capazes de perceber o poder de Dalila e a tomarem por uma fraca. E provável que farão isso por não perceberem que o poder não se manifesta nas pessoas de uma única forma. Imagine, leitor, a surpresa que muitos ficaram ao saber que uma mulher foi capaz de dominar o poderoso Sansão? Provavelmente, até mesmo os que estavam do lado dela não perceberiam o evoluir do seu elaborado planejamento, quanto mais os distantes. Provável então que para muitos Dalila não passasse de uma submissa a um estrangeiro. Pior ainda, de uma mulher que consentiu em viver com alguém que tanto mal fizera aos Filisteus. Seria possível inferir que, após conseguir seu intento Dalila tenha se tornado uma heroína, mas antes certamente muitos não a tinham em bom conceito. E faziam isso porque não a compreendiam, uma vez que não eram capazes de identificar a forma como ela manifestava o seu poder.

Os Filisteus eram um povo guerreiro e orgulhoso. Para eles, o que seria uma demonstração de poder seria a força física explícita, que aliás foi a mesma maneira com a qual tentaram infrutiferamente derrotar Sansão. Dalila, sem muito alarde, usa o seu poder, a sua incansável determinação e derrota o invencível guerreiro.

Diante de tudo o que foi dito, não se pode negar que Dalila, a espiã poderosa dos Filisteus, que venceu o mais forte dos homens de seu tempo, muito justificadamente merece figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Débora, a Juíza de uma nação, e Jael, a matadora de Sísera

O período dos Juízes durou cerca de 400 anos e teve início logo após a morte de Josué; como era comum naquele tempo, após a morte de um líder o povo se desviava e como não havia rei, surge a figura de um Juiz, que segundo o autor, era alguém que julgava toda a nação segundo a vontade de Deus. No total, foram 12 Juízes e dentre eles, houve uma mulher, Débora.

Há mais de três mil anos, a Bíblia coloca uma mulher numa posição de liderança de toda a nação. Não se exagera que até mesmo nos dias atuais, tal fato seria considerado uma inovação, quanto mais na época em questão.

Era um tempo muito conturbado, Israel ainda não estava consolidado como uma nação, havia 12 tribos com um contingente muito grande de pessoas, que sofriam agressões sistemáticas dos povos que estavam estabelecidos na terra. Como estavam em Canaã, os agressores eram os Cananeus, sob o comando de um grande líder chamado Sísera. Nesse tempo, Débora, além de julgar toda a nação, também empreendeu uma campanha militar contra o poderoso exército de Sísera, Jz 4:4-7:

> E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. E habitava debaixo das palmeiras de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo. E enviou, e chamou a Baraque, filho de Abinoão, de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura o Senhor, Deus de Israel, não deu ordem, dizendo: Vai, e atrai gente ao monte de Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de

> Zebulom? E atrairei a ti para o ribeiro de Quisom a Sísera, capitão do exército de Jabim, com os seus carros e com a sua multidão, e o darei na tua mão.

Baraque era um guerreiro, e deveria confiar nas armas e na força dos braços dos homens que as empunhavam, mas, estranhamente, Baraque convida a Juíza para acompanhar o exército em batalha, Juízes, 4:8,9:

> Então, lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. E disse ela: Certamente irei contigo; porém não será tua a honra pelo caminho que levas; pois à mão de uma mulher o Senhor venderá a Sísera. E Débora se levantou e partiu com Baraque para Quedes.

Débora concorda em acompanhar o exército na batalha, mas deixa claro que haveria uma consequência, nesse caso, a honra pela morte do comandante do exército adversário, que a rigor, seria a honra pela vitória dos israelitas, que não seria dele, mas de uma mulher. Ela não afirma que ela seria essa mulher, mas que caberia a uma mulher.

Estranhamente, o comandante Baraque, um homem, um guerreiro, não se preocupa com isso, ele concorda com as condições impostas. Mas não seria estranho um comandante de um exército aceitar passivamente não ter para si a honra da vitória de uma grande batalha? Sim, é muito estranho, especialmente quando se leva em consideração que o acontecido data de mais de três mil anos. Mas é o que acontece, observe em Juízes, 4:16-22

> E Baraque os seguiu após os carros e após o exército, até Harosete dos gentios, e todo o exército de Sísera caiu a fio de espada, até não ficar um só. Porém Sísera fugiu a pé para a tenda de Jael, mulher de Héber, queneu, porquanto havia paz entre Jabim, rei de Hazor, e a casa de Héber, queneu. E Jael saiu ao encontro de Sísera, e disse-lhe: Retira-te, senhor meu, retira-te para mim; não temas. Retirou-se para a sua tenda, e ela cobriu-o com uma coberta. Então, ele lhe disse: Dá-me, peço-te, de beber um pouco de água, porque tenho sede. Então, ela abriu um odre de leite, e deu-lhe de beber, e o cobriu. E ele lhe disse: Põe-te à porta da tenda; e há de ser que, se alguém vier, e te perguntar, e disser: Há aqui alguém? Responde tu então: Não. Então, Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda, e lançou mão de um martelo, e foi-se mansamente a ele, e lhe cravou a estaca na fonte, e a pregou na terra, estando ele, porém, carregado de um profundo sono e já cansado. E assim morreu. E eis que, seguindo Baraque a

> Sísera, Jael lhe saiu ao encontro e disse-lhe: Vem, e mostrar-te-ei o homem que buscas. E veio a ela, e eis que Sísera jazia morto, e a estaca, na fonte.

Como predito por Débora, Jael, uma mulher, é a responsável pela morte de Sísera, o grande líder que colocava em risco a vida dos israelitas. Novamente duas mulheres são protagonistas dentro de uma história bíblica. Ainda nos dias de hoje, o fato de uma mulher estar na posição de Juíza é considerado um avanço, mesmo sendo de uma modesta circunscrição no interior de algum dos muitos estados brasileiros, abarcando menos de 50 mil habitantes, quanto mais quando se leva em consideração que Débora era a Juíza de todas as 12 tribos de Israel, o que consistia numa massa populacional que chegava aos milhões, pessoas que vinham de todas as partes até ela em busca de justiça. O grande comandante Baraque, que foi à guerra à frente de 10 mil homens, concordou que uma mulher, Jael, fosse a responsável por matar o temido Sísera e eliminar um dos mais temidos adversários da ainda proto-nação de Israel.

Mais do que isso, o autor preocupou-se em registrar o fato, o que poderia não ter feito, sem o menor problema e hoje se estaria dando honra apenas ao comandante Baraque e à forma como levou seu exército à vitória. Mas para surpresa de muitos, o autor preferiu não ocultar o protagonismo nem de Débora e nem de Jael, dando a elas a honra que merecem.

Para que se tenha uma ideia do que Débora representa, cabe mencionar uma pesquisa divulgada pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) em novembro de 2018, que aponta que as mulheres são minoria na Magistratura brasileira, ficando com menos de 20% das vagas em 14 estados brasileiros e em seis são menos de 10%. As mulheres são maioria em apenas um estado, o Paraná, onde são 60% dos magistrados. Ainda segundo a pesquisa,

houve um crescimento do número de mulheres na Magistratura, mas esse crescimento não é constante.

> De fato, o período de maior entrada das mulheres na magistratura se dá entre 1990 e 1999 e entre 2000 e 2009, confirmando a tendência sugerida pela primeira pesquisa. Nesses dois intervalos de tempo, as mulheres chegaram a representar, respectivamente, 38% e 41% do total de juízes ingressantes no 1º grau da carreira. Nos últimos anos, porém, entre 2010 e 2018, o percentual de ingresso de mulheres caiu para cerca de 34%, evolução também percebida pela recente pesquisa do CNJ (2018). Portanto, no que se refere à tendência à feminização, o movimento ascensional em flecha, que havia sido detectado há vinte anos, vem perdendo sua força desde 2010 (AMB, 2018, p. 18).

Se em pleno século XXI pode ser identificado que as mulheres ainda encontram certa dificuldade em se colocar na Magistratura, imagine há mais de dois mil anos. Aliás, seria possível que fosse citado o nome de uma Juíza contemporânea de Débora ou que vivesse nos séculos seguintes, talvez em Roma, na Assíria, na Babilônia, no Egito ou na Grécia? Na verdade, às mulheres somente foi possível ocupar uma posição dessa envergadura muito recentemente, por isso, ao invés de se pensar que houve apenas uma Juíza dentre os doze registrados no livro de Juízes, seria mais coerente e justo que se pensasse que representou um avanço sem precedente que houvesse uma mulher julgando toda uma nação, por cerca de 40 anos, há mais de dois mil anos. Por isso, entende-se que tanto Débora quanto Jael merecem estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Noemi e Rute

O livro de Rute está inserido no período dos Juízes, portanto, data de mais de 1000 a.C. Trata-se de uma história que tem como núcleo a família de uma mulher chamada Noemi. Casada com Elimeleque, seus filhos, Malom e Quilom, casaram-se com duas mulheres que não eram de sua pátria, Orfa e Rute. Ocorre que passados cerca de 10 anos, morrem Malom, Quilom e Elimeleque, deixando as mulheres desamparadas.

Diante dessa situação, Noemi toma uma atitude, decide dispensar suas duas noras para que retornassem para seus familiares, os Moabitas, e voltar para Belém, em Judá, terra de sua família. Diante dessa situação, as duas noras não ficam felizes, mas Orfa resolve retornar para Moabe e Rute escolhe permanecer com Noemi. Observe o que narra o texto em Rute 1:14-17:

> Então, levantaram a sua voz e tornaram a chorar; e Orfa beijou a sua sogra, porém Rute se apegou a ela. Pelo que disse: Eis que voltou tua cunhada ao seu povo e aos seus deuses; volta tu também após a tua cunhada. Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me afaste de ti, porque aonde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu, e ali serei sepultada; faça-me assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.

O texto relata um drama vivido por três mulheres e todas o enfrentam com uma dignidade singular. Orfa, após muito chorar, toma uma decisão, ela escolhe retornar para sua família e recomeçar sua vida. Rute, por sua vez, também faz uma escolha, ela também toma uma decisão, permanecer com Noemi. Não é pretensão deste

trabalho julgar quem agiu de forma mais adequada, mas entender que elas foram capazes de exercer o mais importante de todos os poderes que um ser humano poderá ter, o poder da escolha. Ambas escolhem e embora se oponham na opção, ambas fazem com total autonomia.

Após a despedida, Orfa retorna para sua família e Rute segue com Noemi para Judá. Não se pode perder de vista que ambas chegam em situação muito precária, praticamente como pedintes. Mas havia em Israel uma tradição que permitia que os pobres viessem após os trabalhadores, durante a colheita, e pegassem o que eles deixassem. E foi isso que Rute se propôs a fazer na propriedade de um homem chamado Boaz, familiar de Noemi por parte de seu falecido marido.

Na verdade, Noemi, que já era idosa, queria ter a herdade de seu marido novamente em sua posse, mas isso só seria possível se Rute conseguisse o que na época era chamado de Casamento por Levirato, embora deva-se admitir que tal costume não fosse uma exclusividade dos israelitas, sua origem na Bíblia está no livro de Deuteronômio, 25:5-10:

> Quando alguns irmãos morarem juntos, e algum deles morrer e não tiver filho, então a mulher do defunto não se casará com homem estranho de fora; seu cunhado entrará a ela, e a tomará por mulher, e fará a obrigação de cunhado para com ela. E será que o primogênito que ela der à luz estará em nome de seu irmão defunto, para que o seu nome se não apague em Israel. Porém, se o tal homem não quiser tomar sua cunhada, subirá então sua cunhada à porta dos anciãos, e dirá: Meu cunhado recusa suscitar a seu irmão nome em Israel; não quer fazer para comigo o dever de cunhado. Então os anciãos da sua cidade o chamarão e com ele falarão; e, se ele ficar nisto, e disser: Não quero tomá-la; Então sua cunhada se chegará a ele aos olhos dos anciãos, e lhe descalçará o sapato do pé, e lhe cuspirá no rosto, e protestará, e dirá: Assim se fará ao homem que não edificar a casa de seu irmão; e o seu nome se chamará em Israel: A casa do descalçado.

Esta lei visava, através da preservação do nome do marido, a proteção da própria mulher, pois caso não houvesse um homem na família, ela poderia perder todos os seus bens e ficar numa posição semelhante à de Noemi e sua nora.

Diante da situação, Rute faz o que uma mulher forte faria, ela se coloca em posição de trabalhar e enfrentar todos os desafios, rejeitando qualquer figura de pobrezinha que precisa de um herói, Rute, 2:2: “E Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele em cujos olhos eu achar graça.
E ela lhe disse: Vai, minha filha”.

Noemi, já idosa, trabalha como estrategista e orientando Rute; observe o que narra o texto em Rute, 3:3,4:

> Lava-te, pois, e unge-te, e veste os teus vestidos, e desce à eira; porém não te dês a conhecer ao homem, até que tenha acabado de comer e beber. E há de ser que, quando ele se deitar, notarás o lugar em que se deitar; então, entra, e descobrir-lhe-ás os pés, e te deitarás, e ele te fará saber o que deves fazer.

Conhecedora das tradições do seu povo, Noemi apresenta para Rute um caminho para atingir seu objetivo, Rute, 3:7-11:

> Havendo, pois, Boaz comido e bebido, e estando já o seu coração alegre, veio deitar-se ao pé de uma meda; então veio ela de mansinho, e lhe descobriu os pés, e se deitou. E sucedeu que, pela meia-noite, o homem estremeceu e se voltou; e eis que uma mulher jazia a seus pés. E disse ele: Quem és tu? E ela disse: Sou Rute, tua serva; estende, pois, tua aba sobre a tua serva, porque tu és o remidor. E disse ele: Bendita sejas tu do Senhor, minha filha; melhor fizeste esta tua última beneficência do que a primeira, pois após nenhuns mancebos foste, quer pobres quer ricos. Agora, pois, minha filha, não temas; tudo quanto disseste te farei, pois toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa.

Observando-se o texto, pode-se concluir que o objetivo foi parcialmente atingido, pois Boaz já se colocou em condições de agir para beneficiar Rute e, consequentemente, Noemi. O texto finaliza com Boaz casando-se com Rute e tomando posse da herdade que era anteriormente de posse de Noemi e seu marido, Elimeleque; Rute, 4:13-17.

> Assim, tomou Boaz a Rute, e ela lhe foi por mulher; e ele entrou a ela, e o Senhor lhe deu conceição, e ela teve um filho. Então as mulheres disseram a Noemi: Bendito seja o Senhor, que não deixou hoje de te dar remidor, e seja o seu nome afamado em Israel. Ele te será recriador da alma e conservará a tua velhice, pois tua nora, que te ama, o teve, e ela te é melhor do que sete filhos. E Noemi tomou o filho, e o pôs no seu regaço, e foi sua ama. E as vizinhas lhe deram um nome, dizendo: A Noemi nasceu um filho. E chamaram o seu nome Obede. Este é o pai de Jessé, pai de Davi.

Finalmente, as duas mulheres que se encontravam sem qualquer perspectiva, viram-se numa posição de conforto e segurança. Mais ainda, Rute, uma estrangeira, a exemplo de Raabe, é inserida na genealogia de uma das famílias mais nobres do povo de Israel; como pode ser visto no último verso da citação, Rute deu à luz a Obede, que veio a ser pai de Jessé, pai do Rei Davi, que posteriormente teve como descendente Jesus de Nazaré, seguramente, a figura histórica mais importante de todos os tempos. O autor relata a história de duas mulheres corajosas e trabalhadoras, uma delas idosa, para atingir uma posição de respeito e, por que não dizer, de poder dentro de um povo que tem como tradição ser mais fechado a estrangeiros. Duas mulheres que em condições normais, pelos costumes da época, estariam legadas a serem pedintes pelas ruas e praças, mas que nas páginas deste livro encontraram um destino, surpreendentemente, mais nobre. Por tudo isso, Noemi e Rute merecem estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Ana,
o poder da determinação

O primeiro livro do profeta Samuel começa contando a história de sua própria mãe. Sua dificuldade em conceber e da disputa que havia entre ela e a outra mulher do seu marido, um costume da época e ainda dos dias de hoje em algumas culturas. Observe 1 Samuel, 1:1,2:

> Houve um homem de Ramataim de Zofim, da montanha de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efrateu. E este tinha duas mulheres: o nome de uma era Ana, e o nome da outra, Penina; Penina tinha filhos, porém Ana não tinha filhos.

Não se pode perder de vista que se trata de uma história ambientada em 1040 a.C., uma época em que ter filhos era de grande importância, como é possível entender lendo o já comentado livro de Rute e as grandes aflições que viveram aquelas mulheres por terem ficado viúvas e sem filhos.

Como visto, havia entre Ana e Penina uma rixa por conta da primeira não ter tido filhos, por isso a segunda deveria se achar mais importante para seu marido, uma vez que teve filhos. Novamente, tratava-se de uma época em que braços eram muito importantes e filhos, certamente, eram importantes, não apenas por se tratar de uma sociedade agropastoril, mas porque a presença de filhos garantia, inclusive, segurança para a família. Entretanto,

parece que Elcana não se importava muito com isso, observe o que afirma ١ Samuel, ١:٧,٨:

> E assim o fazia ele de ano em ano; quando ela subia à Casa do Senhor, assim a outra a irritava; pelo que chorava e não comia. Então Elcana, seu marido, lhe disse: Ana, por que choras? E por que não comes? E por que está mal o teu coração? Não te sou eu melhor do que dez filhos?

Elcana parecia não ficar satisfeito com a tristeza que ela sentia por não ter filhos. O interessante é que o autor não se preocupa em registrar por quanto tempo Ana viveu essa situação. Alguns especialistas acreditam que essa espera pode ter durado mais de duas décadas, o que permite inferir que Ana já não era tão jovem e, nem por isso, o marido foi capaz de indispor-se com ela. Seria curioso que se questionasse o motivo de Elcana ter adotado uma postura incomum para a época, colocando-se ao lado de Ana independente da situação, que para a época era mais que adversa, evidenciava até certa humilhação.

Ainda sobre Ana e Penina, observa-se que ocorria certa disputa de poder entre aquelas duas mulheres, e no mundo delas, ter filhos era uma forma de conseguir esse poder e Ana sentia-se prejudicada nessa disputa, apesar de Elcana tentar mostrar que isso não era importante. Mas Ana não se conforma e faz o que pode para ter o tão sonhado filho, 1 Samuel, 1:12-14:

> E sucedeu que, perseverando ela em orar perante o Senhor, Eli fez atenção à sua boca, porquanto Ana, no seu coração, falava, e só se moviam os seus lábios, porém não se ouvia a sua voz; pelo que Eli a teve por embriagada. E disse-lhe Eli: Até quando estarás tu embriagada? Aparta de ti o teu vinho.

Pode ser visto no texto que Ana estava no Templo orando, pedindo a Deus que lhe abrisse a madre e o Sacerdote Eli, que passava por perto, interpreta, equivocadamente, que Ana estava embriagada, entretanto, apesar de estar diante de uma autoridade,

Ana não se conforma e argumenta, expondo a verdade dos fatos, o Sacerdote reconhece o seu erro e a abençoa, 1 Samuel, 1:15-17:

> Porém Ana respondeu, e disse: Não, senhor meu, eu sou uma mulher atribulada de espírito; nem vinho nem bebida forte tenho bebido; porém tenho derramado a minha alma perante o Senhor. Não tenhas, pois, a tua serva por filha de Belial; porque da multidão dos meus cuidados e do meu desgosto tenho falado até agora. Então, respondeu Eli e disse: Vai em paz, e o Deus de Israel te conceda a tua petição que lhe pediste.

O autor não mensura o tempo, apenas afirma que passado algum tempo ela teve o seu tão sonhado filho. O detalhe é que após ter o filho tão desejado, Ana escolhe não ficar com ele, mas entregá-lo para servir no Templo. A atitude de Ana parece não apenas ilógica, mas irracional, afinal, ela lutou tanto para ter aquele filho e agora vai ficar sem ele? Seu marido parece igualmente ter encontrado dificuldades para entender suas razões, mas a apoia totalmente, observe em 1 Samuel, 1:20-23:

> E sucedeu que, passado algum tempo, Ana concebeu, e teve um filho, e chamou o seu nome Samuel, porque, dizia ela, o tenho pedido ao Senhor. E subiu aquele homem Elcana, com toda a sua casa, a sacrificar ao Senhor o sacrifício anual e a cumprir o seu voto. Porém Ana não subiu, mas disse a seu marido: Quando o menino for desmamado, então o levarei, para que apareça perante o Senhor e lá fique para sempre. E Elcana, seu marido, lhe disse: Faze o que bem te parecer a teus olhos; fica até que o desmames; tão somente confirme o Senhor a sua palavra. Assim, ficou a mulher e deu leite a seu filho, até que o desmamou.

Após tomar conhecimento do que Ana pretendia fazer com o filho, Elcana não se manifesta contrariamente. Numa atitude estranha, pelo menos é o que se suporia de um homem que viveu, aproximadamente, no ano 1000 a.C., portanto há mais de 3 mil anos dos dias atuais. Ele simplesmente afirma: “Faze o que bem te parecer a teus olhos”. Era uma afirmação de quem estava se colocando numa posição de respeito à posição tomada pelo outro.

Mas a virtude de Ana vai além de ser uma mulher de posições fortes e determinada. Seu encontro inicial com o Sacerdote Eli pode ter permitido que ela entendesse que as coisas não iam bem e por isso ela coloca o filho, que cria ter sido dado por Deus, para que

estivesse no templo com o objetivo de restaurar a vida espiritual de todo o seu povo. Essa inferência encontra amparo nos capítulos de 2 a 4 do mesmo livro, que apresentam uma decadência espiritual vivida pelos Sacerdotes da casa de Eli.

Também merece registro quanto a Ana que, ao se observar o texto, é possível inferir que ela tinha consciência de que era uma Mulher Poderosa. Evidente que por se tratar de um texto com foco no relacionamento entre Deus e o ser humano, a percepção de Ana é que o seu poder estava no seu relacionamento com o seu Deus. É o que se pode perceber ao ler o texto em 1 Samuel, 2:1: "Então, orou Ana e disse: O meu coração exulta no Senhor; o meu poder está exaltado no Senhor; a minha boca se dilatou sobre os meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação".

Seria importante que fosse mencionado ainda que enquanto Raabe e Rute estão na genealogia do Rei Davi, foi o filho de Ana, o profeta Samuel, quem deu início ao período chamado dos Reis, ungindo primeiro Saul e depois a Davi como os primeiros Reis de Israel.

Pode-se ver a importância dessas mulheres quando se pensa na corajosa atitude de Raabe de acolher os espias de Israel em sua casa e feito a audaciosa proposta para salvar sua vida e de toda sua família. Caso Raabe não tivesse se unido a Salmom e dessa união nascido um filho chamado Boaz e caso Boaz não tivesse se compadecido de Rute e com ela se casado e dessa união nascido Obede, que geraria a Jessé, pai de Davi, e se apesar de tudo isso, se Ana se contentasse com o amor de seu marido e não lutasse para gerar seu filho Samuel, o que seria de Israel? Teria outro rei amado como Davi? Provavelmente, mas não se pode negar a importância dessas mulheres numa época em que a elas era legada uma posição de submissão e praticamente

invisibilidade frente aos grandes acontecimentos. Por tudo isso, como Rute e Raabe, também Ana merece estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A sabedoria de Abigail

Quando o Rei Davi ainda não havia se estabelecido como rei sobre toda Israel, o que data de aproximadamente 1000 a.C., vivia momentos de muita dificuldade, muitas vezes buscou ajuda das pessoas para manter seu pequeno exército. Um destes momentos foi quando recorreu à ajuda de um homem chamado Nabal, o texto é descrito no livro de 1 Samuel, 25:2,3:

> E havia um homem em Maom, que tinha as suas possessões no Carmelo; e era este homem mui poderoso, e tinha três mil ovelhas e mil cabras, e estava tosquiando as suas ovelhas no Carmelo. E era o nome deste homem Nabal, e o nome de sua mulher, Abigail; e era a mulher de bom entendimento e formosa, porém o homem era duro e maligno nas obras; e era da casa de Calebe.

O autor é bem claro ao classificar o casal: o marido é descrito como “poderoso”, mas também “era duro e maligno nas obras”. Em contrapartida, a mulher é descrita como “de bom entendimento e formosa”. A descrição é curiosa, pois apresenta um homem capaz de obras malignas, de atitudes más, logo uma pessoa de índole ruim. Mas a sua mulher não era assim, ela era uma pessoa que o autor chama de “bom entendimento”, o que pode ser entendido como ter uma boa capacidade de entender o que está acontecendo, de fazer uma leitura da própria realidade. Foi exatamente a deficiência de Nabal em ler a realidade que o colocou numa situação muito difícil, pois ele se recusa a ajudar Davi, o que tem uma resposta imediata do guerreiro, que é descrita em 1 Samuel, 25:13: “Pelo que disse Davi aos seus homens: Cada um cinja a sua espada. E cada um cingiu a sua espada, e cingiu também Davi a sua; e subiram após Davi uns quatrocentos homens, e duzentos ficaram com a bagagem”.

Davi e seu pequeno exército dirigem-se ao encontro de Nabal para, presume-se, ter uma conversa pessoal com ele, uma vez que havia enviado mensageiros anteriormente. Pode-se inferir que seria quase certa a reação violenta do futuro rei, pois ele ordena aos seus guerreiros que "cada um cinja a sua espada". Esta era uma atitude de preparação para a luta. O que sugere que aquela era uma ordem para se preparar para a luta.

A mulher de Nabal, Abigail, ao ser informada do acontecido, do problema que seu marido havia criado para toda sua família, coloca sua sabedoria em ação, ela vai ao encontro de Davi, e o alcança antes que ele chegue a sua herdade, e tem com ele uma conversa que se aproxima muito de uma súdita e seu rei, o que é descrito em 1 Samuel, 25:23-28:

> Vendo, pois, Abigail a Davi, apressou-se, e desceu do jumento, e prostrou-se sobre o seu rosto diante de Davi, e se inclinou à terra. E lançou-se a seus pés, e disse: Ah! Senhor meu, minha seja a transgressão; deixa, pois, falar a tua serva aos teus ouvidos e ouve as palavras da tua serva. Meu senhor, agora não faça este homem de Belial, a saber, Nabal, impressão no seu coração, porque tal é ele qual é o seu nome. Nabal é o seu nome, e a loucura está com ele, e eu, tua serva, não vi os jovens de meu senhor, que enviaste. Agora, pois, meu senhor, vive o Senhor, e vive a tua alma, que o Senhor te impediu de vires com sangue e de que a tua mão te salvasse; e, agora, tais quais Nabal sejam os teus inimigos e os que procuram mal contra o meu senhor. E agora esta é a bênção que trouxe a tua serva a meu senhor; dê-se aos jovens que andam após as pisadas de meu senhor. Perdoa, pois, à tua serva esta transgressão, porque certamente fará o Senhor casa firme a meu senhor, porque meu senhor guerreia as guerras do Senhor, e não se tem achado mal em ti por todos os teus dias.

Vemos no texto algo muito significativo, pois Abigail se apresenta como uma súdita de um rei que ainda não era, de fato, rei. Embora o fosse de direito, uma vez que já fora colocado como rei pelo profeta Samuel, que foi o mesmo que colocou Saul, o atual rei, e que o rejeitou.

O que pode ser visto na atitude de Abigail é uma capacidade de prever cenários futuros, o que ainda nos dias de hoje é muito significativo, mas seria uma atitude inconsequente de Abigail

acreditar que Davi seria rei, mesmo nesse momento ele sendo apenas um guerreiro com pouco mais de 600 soldados? Não, Abigail não era uma inconsequente, ela tinha uma boa capacidade de entender a realidade e é isso que a leva reconhecer que Davi seria rei, observe o que afirma 2 Samuel, 3:1: “E houve uma longa guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi; porém, Davi se ia fortalecendo, mas os da casa de Saul se iam enfraquecendo”. Logo, pode-se inferir que Abigail era uma mulher capaz de perceber as mudanças que poderiam acontecer no mundo e se adaptar a elas, algo que seu marido não conseguiu fazer, e com isso colocou em risco toda a família.

Seria pertinente que se reconhecesse que Abigail apresenta uma atitude que o próprio Davi apresentaria no futuro, quando ela assume a responsabilidade pelo ato e não conspira para colocar o marido numa situação difícil, o que ela poderia ter feito com razão, inclusive. Observe que ela assume toda a responsabilidade pelo feito do marido quando afirma na citação anterior: “Ah! Senhor meu, minha seja a transgressão” e “Perdoa, pois, à tua serva esta transgressão”. Pela nobreza de atitude, pela sabedoria e percepção da realidade, Abigail merece estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Jezabel,
uma vilã poderosa

A história de Jezabel é apresentada no primeiro livro dos Reis, a partir do capítulo 16, quando ela se casa com o rei Acabe. A data é, aproximadamente, 850 a.C., eram tempos difíceis, pois Israel, diferente dos dias de hoje, era governado com forte influência dos chamados Homens de Deus, os Profetas, que eram responsáveis por manter a jovem nação no caminho iniciado, ainda na saída do Egito.

Era o tempo do profeta Elias, um vigoroso profeta que acumulou inúmeros feitos extraordinários registrados na Bíblia, mas mesmo sendo Elias dotado de uma personalidade audaciosa, não foi fácil para ele lidar com a oposição apresentada por Jezabel.

A rainha de Acabe era de origem Fenícia, da cidade de Tiro onde, acredita-se, seu pai havia sido rei e sumo sacerdote de um deus chamado Baal. Quando se muda para Israel, Jezabel traz consigo sua fé e embora tivesse uma personalidade singular, especialmente para a época, a impressão que se tem é que a rainha é alvo de uma visão que não lhe faz justiça. O interessante é que na atualidade, quando é tecido algum comentário sobre Acabe e Jezabel, uma das colocações mais recorrentes é classificar o rei Acabe como um “fraco”, um “banana”, alguém que não se impunha. O curioso é que a colocação, mesmo que inconscientemente, afasta de Jezabel qualquer reconhecimento, pois ela seria poderosa não por seus méritos, mas

por deméritos do marido. O que seria verdade somente caso a rainha exercesse o seu poder apenas com ele, o que não é verdade. Tanto que ela consegue impor à nação, que a esta altura era composta por dez das doze tribos, a fé em outro deus que não Jeová.

A reação foi imediata, o profeta levantou-se e de maneira audaciosa deixou claro que o que estava acontecendo era uma heresia, mas o rei Acabe era totalmente dominado pela rainha.

Apenas para que se tenha uma ideia do tipo de adoração que Jezabel trouxera para Israel, seria prudente mencionar o que afirma o Profeta Jeremias, 19:5: “Porque edificaram os altos de Baal, para queimarem seus filhos no fogo em holocaustos a Baal; o que nunca lhes ordenei, nem falei, nem subiu ao meu coração”.

Sacrifícios humanos nunca foram tolerados naquela nação, mas por influência de Jezabel, eles aconteciam regularmente. O que levou o profeta Elias a questionar o povo quanto à tomada de uma decisão, 1 Reis, 18:21: “Então, Elias se chegou a todo o povo, e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; e, se Baal, segui-o. Porém o povo lhe não respondeu nada”.

Esta citação é muito relevante, na medida em que traz à tona o que se defende que seja o ápice do poder de um ser humano, o poder de escolher.

Jezabel insiste na sua ousadia, mas um dia Elias se reúne com 450 de seus profetas de Baal e propõe um desafio. Elias se colocaria de um lado e os 450 profetas de Baal de outro, ambos evocariam seu Deus e ao final, o Deus que respondesse com fogo do céu seria o Deus verdadeiro. Os profetas de Baal começam primeiro, mas nada acontece, como de costume, fendem um cordeiro, colocam sobre um altar com lenha para que desça fogo do céu e consuma o sacrifício. Entretanto, passado meio-dia, nada acontecera, a ponto dos

sacerdotes de Baal se mutilarem em busca de uma resposta, observe em 1 Reis, 18: 22-24:

> Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei por profeta do Senhor, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens. Dêem-se-nos, pois, dois bezerros, e eles escolham para si um dos bezerros, e o dividam em pedaços, e o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo, e eu prepararei o outro bezerro, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo, esse será Deus. E todo o povo respondeu e disse: É boa esta palavra.

Chegando ao meio-dia, Elias evoca sua oportunidade de fazer o sacrifício, 1 Reis, 18:27,28:

> E sucedeu que, ao meio-dia, Elias zombava deles, e dizia: Clamai em altas vozes, porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; porventura dorme e despertará. E eles clamavam a grandes vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, conforme o seu costume, até derramarem sangue sobre si.

Jezabel não estava presente, mas logo em seguida Eliseu promoveu uma grande vitória, como pode ser visto em 1 Reis, 18:36-40:

> Sucedeu, pois, que, oferecendo-se a oferta de manjares, o profeta Elias se chegou, e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu, Senhor, és Deus, e que tu fizeste tornar o seu coração para trás. Então, caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o povo, caiu sobre os seus rostos e disseram: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus! E Elias lhes disse: Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape. E lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou.

Jezabel é informada do acontecido pela boca do próprio marido, o rei Acabe, e sua reação é como se podia esperar, audaciosa e cheia de determinação, Reis, 19:1,2:

> E Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como totalmente matara todos os profetas à espada. Então Jezabel mandou um mensageiro a Elias, a dizer-lhe: Assim me façam os deuses, e outro tanto, se decerto amanhã a estas horas não puser a tua vida como a de um deles.

Elias teme grandemente a sentença de Jezabel e foge para salvar sua vida. Ele sabia que se tratava de uma opositora singular e que não poderia descuidar-se. Lendo o restante da história ficará claro

que Jezabel é vencida, mas por uma interferência de Deus. Não se pretende julgar se o que Jezabel fez foi correto ou não, o que até poderia ser feito, mas em outra ocasião, em um trabalho com escopo diferente.

Jezabel marcou tanto a vida do povo da Bíblia que centenas de anos mais tarde, quando foi escrito o último livro, o autor faz alusão a Jezabel para referir-se a outra mulher com características semelhantes, Apocalipse 2:20: “Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria”.

Como visto, não se pode negar a importância de Jezabel, mesmo porque o próprio autor da Bíblia não se negou a apresentá-la como uma mulher forte, poderosa, influente e corajosa, que não se acovardou em defender aquilo que entendia merecer sua atenção. Jezabel, certamente, mesmo sendo uma terrível vilã, merece ser considerada uma das Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A menina
que salvou o General

O segundo livro dos Reis de Israel narra uma história muito curiosa e que evidencia acima de tudo a simplicidade. Trata-se de um fato ocorrido com uma menina, ela era israelita, mas como era comum naquela época, havia sido capturada numa campanha militar e servia na casa de um homem muito importante chamado Naamã, que apesar de poderoso, tinha uma doença incurável na época, a lepra. Tal fato trazia grande tristeza para ele, pois acarretaria uma série de consequências, como o isolamento do convívio com as outras pessoas. Sabendo desse fato, a menina judia faz uma audaciosa declaração, 2 Reis, 5:1-3:

> E Naamã, chefe do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor e de muito respeito, porque por ele o Senhor dera livramento aos siros; e era este varão homem valoroso, porém leproso. E saíram tropas da Síria e da terra de Israel levaram presa uma menina, que ficou ao serviço da mulher de Naamã. E disse esta à sua senhora: Tomara que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra.

Por mais improvável que possa parecer, as pessoas deram ouvidos à declaração de uma simples criança, uma escrava, uma estrangeira. Não se pode perder de vista que o texto data de mais de 2500 anos. Quando se toma por referência que há apenas algumas décadas as crianças recebiam pouca atenção, é de se admirar que tal fato tenha acontecido naquela época, 2 Reis, 5:4-6:

> Então, entrou Naamã e o notificou a seu senhor, dizendo: Assim e assim falou a menina que é da terra de Israel. Então, disse o rei da Síria: Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel. E foi e tomou na sua mão dez talentos de prata, e seis mil siclos de ouro, e dez mudas de vestes. E

> levou a carta ao rei de Israel, dizendo: Logo, em chegando a ti esta carta, saibas que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o restaures da sua lepra.

Quando se observa a simplicidade que a menina apresenta a solução para Naamã, não se tem em mente o que estaria envolvido a partir de agora, pois como visto, o rei da Síria orienta seu súdito a que procure o rei de Israel, o que foi constrangedor, pois o rei não tinha conhecimento de que tal fato seria possível e chega a pensar que se tratava de uma tentativa de criar uma animosidade entre os dois estados, 2 Reis, 5:7: "E sucedeu que, lendo o rei de Israel a carta, rasgou os seus vestidos, e disse: Sou eu Deus, para matar e para vivificar, para que este envie a mim, para eu restaurar a um homem da sua lepra? Pelo que deveras notai, peço-vos, e vede que busca ocasião contra mim".

Entretanto, como já havia sido dito, a solução proposta pela criança era tão simples quanto ela própria, observe o que relata 2 Reis, 5:10-14:

> Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne te tornará, e ficarás purificado. Porém Naamã muito se indignou e se foi, dizendo: Eis que eu dizia comigo: Certamente ele sairá, pôr-se-á em pé, e invocará o nome do Senhor, seu Deus, e passará sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso. Não são, porventura, Abana e Farpar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar neles e ficar purificado? E voltou-se e se foi com indignação. Então chegaram-se a ele os seus servos, e lhe falaram, e disseram: Meu pai, se o profeta te dissera alguma grande coisa, porventura não a farias? Quanto mais, dizendo-te ele: Lava-te e ficarás purificado. Então, desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou, como a carne de um menino, e ficou purificado.

O interessante é que até mesmo Naamã demonstra não ter entendido muito bem a simplicidade da menina, mas para sua própria sorte, ele cede à simplicidade e atinge o seu objetivo.

Não se pode deixar de admirar que um texto escrito há tanto tempo traga como uma de suas personagens centrais uma criança, do sexo feminino, que estava numa posição muito inferior socialmente, afinal, era uma simples escrava. A menina sequer tem

um nome, isso porque tal fato não tinha qualquer importância, era uma escrava. Mas o autor entendeu que seria conveniente que fosse registrada sua história.

Por outro lado, a princípio, o grande Naamã não foi capaz de identificar nas palavras simples do profeta Eliseu poder algum. Tanto que não tinha a menor intenção de obedecê-las. Tal fato obviamente acontece porque Naamã queria que o profeta se comportasse como ele imaginava que deveria. Para Naamã, a manifestação de palavras de poder ocorreria de um modo específico e de outra forma, não seriam palavras de poder. Ainda hoje muitos se comportam desse mesmo modo, não são capazes de identificar palavras de poder. Isso porque essas pessoas já trazem consigo uma matriz de como seria uma manifestação de palavras de poder. Tal fenômeno pode ser designado como preconceito, que seria apresentar uma ideia anteriormente concebida de uma instituição, de uma pessoa ou de como alguma coisa deveria acontecer e, por conta disso, correm o risco de não serem capazes de identificar quando acontecem.

Para trazer algo mais tangível ao que se afirma, pode-se recorrer a um pequeno empresário do interior de Minas Gerais que este escritor conheceu quando ainda era jovem. Ele jamais discutia com um colaborador, mesmo que ele fosse muito mal-educado. A sua manifestação de poder ocorria sempre alguns dias após o acontecido. Ele chamava o colaborador na sua pequena sala e conversavam longamente. Quase sempre o colaborador saía da sala com os olhos molhados e a partir daquele dia, tornava-se um colaborador muito melhor. Verdade que ocorreu de alguns preferirem sair da empresa. Mas nunca foi visto aquele pequeno empresário levantar a sua voz para os seus colaboradores. Quem

não o conhecesse o teria como um bobo, um fraco ou como um medroso, alguém totalmente desprovido de poder. Mas na verdade, ele manifestava o seu poder de uma maneira diferente da que a maioria das pessoas estariam acostumadas a presenciar, nada mais.

O problema ganha proporções mais significativas quando o número de pessoas que trazem consigo essa matriz de manifestação de poder preconcebida aumenta, e parte da sociedade começa a entender que o poder somente será possível manifestar-se de uma determinada maneira específica. Quando isso ocorre, pode-se tomar uma pessoa poderosa como se não fosse, como o contrário também seria possível. Também pode-se estimular uma pessoa a manifestar o seu poder de uma maneira que não é a sua característica, criando uma situação de desconforto que não seria possível se a pessoa tivesse a liberdade de manifestar o seu poder da maneira como ela se sente melhor.

Para o Cristianismo, por exemplo, a maior manifestação de poder não é revidar a agressão, mas suportá-la. Observe o que Cristo diz em Mateus, 5:39: “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;”.

Uma pessoa que não pratica os ensinamentos de Jesus vendo um comportamento semelhante poderia entender que se trata de um covarde, embora, dentro dos ensinamentos de Jesus, fosse uma verdadeira manifestação de poder.

Agora, imagine o empresário que há pouco foi mencionado. Caso ele resolvesse, para agradar os outros, de um dia para o outro, manifestar o seu poder da maneira como esperam, buscando o embate, discutindo em alta voz, falando palavrões, ele estaria, realmente, manifestando o seu poder ou estaria manifestando o poder daqueles que querem que ele assim se comporte? Nessa

perspectiva, ele seria um fraco, pois estaria, simplesmente, fazendo o que foi pressionado a fazer.

Voltando ao acontecido com o grande Naamã, uma menina, uma criança do sexo feminino, uma escrava, num país estrangeiro, diante de um homem poderoso, foi capaz de, do seu modo, manifestar o seu poder. Ela não gritou, não brigou, não ofendeu, apenas falou; algo que quase todos os seres humanos podem fazer diariamente. Por tudo que foi dito, essa menina, certamente, merece estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Sunamita, determinação, coragem e foco

O segundo livro dos Reis de Israel, no seu capítulo 4, narra uma história em que o profeta Eliseu se depara com uma mulher que não é identificada. Ela ganha o nome de Sunamita, isso porque habitava numa região chamada Suném. Contudo, o seu feito é notável e não se está apenas falando do que ela fez que beneficiou o profeta, mas a sua reação às dificuldades que surgiram; observe como tudo começou, 2 Reis, 4:8-11:

> Sucedeu também um dia que, indo Eliseu a Suném, havia ali uma mulher grave, a qual o reteve a comer pão; e sucedeu que todas as vezes que passava ali, lá se dirigia a comer pão. E ela disse a seu marido: Eis que tenho observado que este que passa sempre por nós é um santo homem de Deus. Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro e ali lhe ponhamos uma cama, e uma mesa, e uma cadeira, e um candeeiro; e há de ser que, vindo ele a nós, para ali se retirará. E sucedeu um dia que veio ali, e retirou-se àquele quarto, e se deitou ali.

O texto é bem claro, existe um enfoque total na mulher, não se fala no seu marido. Ela é que recebe o predicado de ser rica, assim como é ela quem propõe ao marido que: “Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro e ali lhe ponhamos uma cama, e uma mesa, e uma cadeira, e um candeeiro”. O verbo está empregado o tempo todo no plural, dando a entender que os dois de comum acordo fariam. Não há uma preocupação de sua parte em pedir uma autorização do marido para tal. O que permite inferir que a Sunamita é uma mulher que possuía autoridade e a exercia. A deferência com que a mulher cuidava do profeta sensibilizou o homem de Deus, o que o levou a querer retribuir o seu zelo, o que pode ser visto em 2 Reis 4:12,13:

> Então, disse ao seu moço Geazi: Chama esta sunamita. E chamando-a ele, ela se pôs diante dele. Porque lhe dissera: Dize-lhe: Eis que tu nos tens tratado com todo o desvelo; que se há de

> fazer por ti? Haverá alguma coisa de que se fale por ti ao rei ou ao chefe do exército? E dissera ela: Eu habito no meio do meu povo.

O texto apresenta uma mulher decidida e resolvida: “não careço de nada, tudo está bem comigo”. Entretanto, o profeta não se acomoda com a resposta e busca uma maneira de retribuir a ação, 2 Rs 4:12: “Então, disse ele: Que se há de fazer, pois, por ela? E Geazi disse: Ora, ela não tem filho, e seu marido é velho”.

Diante dessa informação, o profeta entende que ter um filho seria algo que a Sunamita gostaria, embora estivesse totalmente fora de suas possibilidades, então Eliseu profetiza que ela terá um filho, 2 Reis, 4:16-20:

> E ele disse: A este tempo determinado, segundo o tempo da vida, abraçarás um filho. E disse ela: Não, meu senhor, homem de Deus, não mintas à tua serva.
> E concebeu a mulher e deu à luz um filho, no tal tempo determinado, segundo o tempo da vida que Eliseu lhe dissera.

Com o passar do tempo algo acontece, o filho tem um mal súbito e morre, 2 Reis, 4:18-20:

> E, crescendo o filho, sucedeu que, um dia, saiu para seu pai, que estava com os segadores. E disse a seu pai: Ai! A minha cabeça! Ai! A minha cabeça! Então, disse a um moço: Leva-o a sua mãe. E ele o tomou e o levou a sua mãe; e esteve sobre os seus joelhos até ao meio-dia e morreu.

Com o filho morto a mulher toma uma atitude muito interessante, pois ao invés de chorar pelo seu morto ela vai atrás do profeta Eliseu para questioná-lo sobre o acontecido. Uma atitude totalmente impensada para a situação, especialmente para a época, já que Eliseu profetizou aproximadamente no ano 900 a.C. Observe a singular reação da Sunamita em 2 Reis, 4:21-25:

> E subiu ela, e o deitou sobre a cama do homem de Deus; e fechou sobre ele a porta, e saiu. E chamou a seu marido e disse: Manda-me já um dos moços e uma das jumentas, para que eu corra ao homem de Deus e para que volte. E disse ele: Por que vais a ele hoje? Não é lua nova nem sábado. E ela disse: Tudo vai bem. Então, albardou a jumenta, e disse ao seu moço: Guia, e anda, e não te detenhas no caminhar, senão quando eu te disser. Partiu ela, pois, e veio ao homem de Deus, ao monte Carmelo; e sucedeu que, vendo-a o homem de Deus de longe, disse a Geazi, seu moço: Eis aí a sunamita.

No texto, pode-se ver que ela não pede autorização ao marido ou lhe dá muita satisfação, mas, simplesmente, dá ordens aos seus criados para que preparem seu transporte para que vá ao encontro do Profeta. Mesmo de longe Eliseu percebe que é a Sunamita e orienta a Geazi, seu ajudante, que vá ao encontro dela para saber do que se trata, mas ela não lhe dá a menor atenção, ela queria falar com o homem de Deus, Reis, 4:26-27:

> Agora, pois, corre-lhe ao encontro e dize-lhe: Vai bem contigo? Vai bem com teu marido? Vai bem com teu filho? E ela disse: Vai bem. Chegando ela, pois, ao homem de Deus, ao monte, pegou nos seus pés. Mas chegou Geazi para a retirar; disse porém, o homem de Deus: Deixa-a, porque a sua alma nela está triste de amargura, e o Senhor mo encobriu e não mo manifestou.

O texto deixa claro que se tratava de uma mulher focada, determinada e, acima de tudo, corajosa. Ela não se intimida diante do profeta, mas, de maneira respeitosa, apresenta seu pleito, observe o que afirma em 2 Rs 4:28: “Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?”. Não se pode deixar que se perca a importante informação de que o autor permite inferir que até Deus apoiava aquela mulher, quando o profeta afirma em 2 Rs 4:27: “Deixa-a, porque a sua alma nela está triste de amargura, e o Senhor mo encobriu e não mo manifestou”. Deus não permitiu que o profeta enxergasse o que havia no coração daquela mulher, por que será que isso aconteceu? Novamente, o autor permite inferir que seria para que ela pudesse ter a oportunidade de falar, de expressar seu sentimento, o que ocorre no verso seguinte, quando ela afirma: “Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?”. Novamente, o texto permite inferir que na Bíblia, à mulher era dada voz. E não será somente aqui que se verá isso. Fato muito semelhante ocorre com a mãe de Sansão, quando seu pai pergunta para o Anjo como deveria ser a criação do menino, o Anjo, que já havia estado com sua mulher, afirma que era o que ele já

havia dito à mulher.
O Anjo não repete as informações para o homem. Percebe o ocorrido? Seria como se ele dissesse: eu já falei com ela, pergunte para ela, não para mim. O Anjo deixa claro que a palavra da mulher era tão digna de confiança quanto a sua.

O resultado não poderia ser outro, o profeta vai até a casa e o filho da Sunamita é trazido à vida novamente. Diante de tudo que foi apresentado, pode-se afirmar que o autor registrou detalhes que evidenciam que Sunamita possuía características, como determinação, coragem e foco, por isso merece estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Os filhos de Zeruia

Na Antiguidade, era comum que as pessoas ao se referirem a uma família usassem o nome de um homem para fazê-lo. Na verdade, esse hábito ocorre até nos dias atuais. Apenas para ilustrar o que se afirma, alguns dos nomes bem conhecidos seguem essa linha. MacDonald, por exemplo, é um sobrenome que se refere ao pai, do antigo celta "makko-s", filho. Trata-se de um prefixo que se refere ao pai. Assim, MacArthur significa: filho de Arthur e MacDonald filho de Donald... Nos tempos bíblicos era exatamente assim, dizia-se que alguém (homem ou mulher) era filho de alguém, sempre homem. Entretanto, pode-se verificar que existem algumas exceções, como o caso de Zeruia, que era uma mulher, irmã ou meia-irmã do rei Davi, que tinha três de seus filhos entre seus mais corajosos guerreiros. Observe o que afirma em 1 Crônicas, 2:13-16:

> Jessé gerou Eliabe, o seu primogênito, e Abinadabe, o segundo, e Siméia, o terceiro, Natanael, o quarto, Radai, o quinto, Ozém, o sexto, Davi, o sétimo. Foram suas irmãs Zeruia e Abigail; e foram os filhos de Zeruia: Abisai, e Joabe, e Asael, três.

Em outro momento a referência se repete em 2 Samuel, 2:18a: "Estavam lá Joabe, Abisai e Asael, os três filhos de Zeruia". Novamente, em 1 Crônicas, 11:6 é descrita uma audaciosa atitude de Joabe, que veio a ser um importante Comandante do jovem exército do rei Davi: "Porque disse Davi: Qualquer que primeiro ferir os jebuseus será chefe e maioral. Então Joabe, filho de Zeruia, subiu primeiro a ela, pelo que foi feito chefe".

Seria pertinente que alguém afirmasse que tal fato possa ter se dado por ser Zeruia irmã de Davi, o rei. Entretanto, não seria o caso, pois para uma mulher figurar como chefe de uma família, ser irmã ou meia-irmã do rei não é o suficiente, pois se fosse assim, haveria muitas mulheres chefes de clã descritas, mas não há. Entretanto, o autor entendeu que seria pertinente registrar Abisai, Joabe e Asael como filhos de uma mulher, mesmo podendo fazer diferente. Nota-se que o fato poderia ser considerado uma desonra para o homem em questão, mesmo estando ele morto, seu nome deveria ter sido mantido como chefe da família, entretanto, algo ocorreu que mudou o que seria comum e esperado. Outra possibilidade seria colocar os três guerreiros como parentes de Davi, que seria honroso para todos, mas o autor escolhera grafar o nome de uma mulher numa posição de honra, comumente entregue aos homens. Por tudo que foi dito, Zeruia, certamente, merece figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A rainha de Sabá

O primeiro livro dos Reis de Israel, no capítulo 10, conta uma das mais conhecidas histórias vividas pelo Rei Salomão, a extraordinária visita da Rainha de Sabá. Acredita-se que o Reino de Sabá estava localizado no sul da Península Arábica, onde atualmente localiza-se o Iêmen. O texto permite entender que o motivo da visita não foi meramente uma cortesia, mas tratava-se de uma tentativa de verificar se o que era dito a respeito do rei era, realmente, verdade, 1 Reis, 10:1-3:

> E, ouvindo a rainha de Sabá a fama de Salomão, acerca do nome do Senhor, veio prová-lo por enigmas. E veio a Jerusalém com um mui grande exército, com camelos carregados de especiarias, e muitíssimo ouro, e pedras preciosas; e veio a Salomão e disse-lhe tudo quanto tinha no seu coração. E Salomão lhe declarou todas as suas palavras; nenhuma coisa se escondeu ao rei que não lhe declarasse.

Parece que a Soberana veio a Salomão com o objetivo de verificar se ele era realmente tão sábio como as pessoas diziam. Diante disso, pode-se inferir que alguém só será capaz de verificar se alguém é sábio, sendo igualmente sábio. Então, pode-se entender que a rainha de Sabá não era uma mulher simples, mas que detinha conhecimentos o suficiente para discernir se o que Salomão falava eram apenas palavras vazias ou se realmente eram palavras de sabedoria. Mais do que isso, ela seria uma pessoa capaz de observar o comportamento das pessoas e de julgá-los, pois foi exatamente o que ela fez em ١ Reis ٧-١٠:٤:

> Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, e a comida da sua mesa, e o assentar de seus servos, e o estar de seus criados, e os vestidos deles, e os seus copeiros, e a sua subida, pela qual subia à casa do Senhor, não houve mais espírito nela. E disse ao rei: Foi verdade a palavra que ouvi na minha terra, das tuas coisas e da tua sabedoria. E eu não cria naquelas palavras, até que vim, e os meus olhos o viram; eis que me não disseram metade; sobrepujaste em sabedoria e bens a fama que ouvi.

Não é um equívoco afirmar que a Rainha de Sabá era uma mulher de grandes conhecimentos, pois após analisar tudo o que ela viu na corte de Salomão, ela faz uma espécie de relatório e apresenta para o rei, destacando o que havia observado e que o rei a surpreendeu quanto a sua sabedoria. Ora, seria coerente inferir que somente um sábio seria capaz de reconhecer outro.

Imagine um sábio falando com alguém que pouca sabedoria tem, em pouco tempo a conversa se tornará um monólogo e no final, o de pouca sabedoria perderá o interesse no que é dito, por não conseguir penetrar na profundidade do que o outro afirma. Por isso, a Rainha de Sabá deve ser considerada uma das Mulheres Poderosas que a Bíblia registra.

Jemima, Quezia e Quéren-
-Hapuque; Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza

Outro momento em que também acontece algo que foge ao tradicional é no livro poético de Jó. Não é novidade para os que mesmo um pouco conhecem a cultura das civilizações antigas que as mulheres não tinham muitos direitos, e por isso elas não possuíam direito de herança. Se o marido morresse, quem administrava era um familiar próximo do sexo masculino. Era uma época em que as viúvas viviam em situação de muita dificuldade, por isso o Apóstolo Paulo determina especial atenção com os órfãos e com as viúvas quando escreve na carta a Tiago, 1:27: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo”.

Logo, quando uma mulher recebia o direito de herdar o patrimônio do pai ou do marido era uma situação atípica ao que se via entre as civilizações antigas e é o que ocorre no livro de Jó, no seu último capítulo. Como se sabe, Jó é aquele homem abastado que perde tudo, bens materiais e sua família, sendo provado. Relata o livro que após algum tempo, Jó recebe tudo em dobro, apenas os filhos são em igual número, três mulheres e sete homens, ocorre que, para os Cristãos, os filhos, que haviam morrido, estavam na Eternidade o aguardando, logo quando todos se reunissem, Jó teria 20 filhos, ou seja, o dobro do que tivera. Isto posto, pode-se perceber

que existe uma preocupação de Jó em garantir que suas filhas também herdassem, Jó, 42:13-15:

> Também teve sete filhos e três filhas. E chamou o nome da primeira, Jemima, e o nome da outra, Quezia, e o nome da terceira, Quéren-Hapuque. E em toda a terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos.

Desta forma, contrariando o que comumente ocorria naquela época, três mulheres tiveram direito à herança de seu pai, o que certamente lhes garantiu grande poder, uma vez que Jó era um homem muito rico, fez das filhas mulheres ricas e poderosas.

Trazendo um pouco mais de substância ao mencionado, há um episódio que ocorre ainda quando Moisés era vivo e algumas mulheres se vendo em difícil situação, porque seu pai havia morrido e elas não tinham direito a herdar as propriedades, trata-se das filhas de Zelofeade, em Números, 27:1-3:

> E chegaram as filhas de Zelofeade, filho de Héfer, filho de Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés, entre as famílias de Manassés, filho de José (e estes são os nomes de suas filhas: Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza); e puseram-se diante de Moisés, e diante de Eleazar, o sacerdote, e diante dos príncipes e de toda a congregação, à porta da tenda da congregação, dizendo: Nosso pai morreu no deserto e não estava entre a congregação dos que se congregaram contra o Senhor na congregação de Corá; mas morreu no seu próprio pecado e não teve filhos.

Seria esperado pelo costume dos povos antigos que aquelas mulheres não tivessem direito à herança e ficassem sem nada e seriam obrigadas a viver da boa vontade dos seus familiares. Mas elas não se conformaram com a situação e foram até Moisés e os líderes de seu povo e apresentaram a sua petição, Números, 27:4-8:

> Por que se tiraria o nome de nosso pai do meio da sua família, porquanto não teve filhos? Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai. E Moisés levou a sua causa perante o Senhor. E falou o Senhor a Moisés, dizendo: As filhas de Zelofeade falam retamente; certamente lhes darás possessão de herança entre os irmãos de seu pai; e a herança de seu pai farás passar a elas. E falarás aos filhos de Israel, dizendo: Quando alguém morrer e não tiver filho, então fareis passar a sua herança a sua filha.

Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza, não apenas conseguiram o que desejavam, como também foram capazes de modificar a Lei,

fazendo com que a partir daquele momento, sempre que uma mulher se encontrasse em situação similar tivesse direito à herança. Essa inovação foi sobremaneira importante para as mulheres, para todas as mulheres, pois não era incomum que no insalubre período histórico que viviam, ocorressem mortes precoces, graças a acidentes, ataque de animais selvagens, de ladrões e até uma simples infecção por conta de um ferimento simples.

Fato é que essas mulheres foram capazes de apresentar sua petição e através de seu audacioso ato, modificaram a Lei, não apenas a si, mas a todas as outras que em igual situação ficassem. Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza, portanto, são mais algumas das Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Ester,
a salvadora de uma nação

Escritos por volta do ano 500 a.C. os livros de Ester e Rute recebem o nome de mulher. Quando se lê os livros entende que isso não ocorre sem motivos. Rute já foi abordado anteriormente e Ester é a protagonista de uma história, que conseguiu evitar um genocídio, o extermínio do povo judeu por um homem poderoso, ocupante de um cargo político.

Conta a história que o rei da Pérsia, chamado Assuero, deu uma grande festa que durou cento e oitenta dias, para isso convidou todos os nobres, pessoas de povos que estavam submissos ao seu poder. No sétimo dia, o Rei manda que fosse chamada a Rainha Vasti, que também estava dando um banquete para as mulheres em seu palácio, entretanto, ele se nega a atender ao Rei e não vai, Ester, 1:12-15:

> Porém a rainha Vasti recusou vir conforme a palavra do rei, pela mão dos eunucos; pelo que o rei muito se enfureceu, e ardeu nele a sua ira. Então perguntou o rei aos sábios que entendiam dos tempos (porque assim se tratavam os negócios do rei na presença de todos os que sabiam a lei e o direito; e os mais chegados a ele eram: Carsena, Setar, Admata, Társis, Meres, Marsena, Memucã, os sete príncipes dos persas e dos medos, que viam a face do rei e se assentavam os primeiros no reino), o que, segundo a lei, se devia fazer da rainha Vasti, por não haver cumprido o mandado do rei Assuero, pela mão dos eunucos.

A atitude da Rainha foi um verdadeiro escândalo, pois a palavra do Rei deveria ser obedecida, inquestionavelmente, por todos, homens e mulheres de todas as nações e, em certa medida, até mesmo ele estava submisso a sua palavra, pois uma vez dito, ele não poderia voltar atrás na sua própria palavra. Observe, Ester, 1:19a: “Se bem parecer ao rei, saia da sua parte um edito real, e escreva-se

nas leis dos persas e dos medos, e não se revogue". As leis assinadas pelo rei não podiam ser revogadas; no decorrer da história, esse fato ficará muito mais claro, como descreve Ester, 8:8: "Escrevei, pois, aos judeus, como parecer bem aos vossos olhos, em nome do rei, e selai-o com o anel do rei; porque a escritura que se escreve em nome do rei e se sela com o anel do rei não é para revogar".

Ficando claro que a autoridade do rei era algo que deveria ser obedecido, incondicionalmente, por todos, também ficará mais fácil entender a reação, não apenas do rei, mas de toda a corte.

A posição dos conselheiros do rei não foi tanto por se preocuparem com o próprio rei, mas consigo mesmo, pois se perceberá que tais homens exerciam um poder muito forte sobre suas mulheres, até mesmo as princesas, e temiam que o exemplo da Rainha Vasti pudesse influenciar as outras mulheres do reino, Ester, 1:16-20:

> Então, disse Memucã na presença do rei e dos príncipes: Não somente pecou contra o rei a rainha Vasti, mas também contra todos os príncipes e contra todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero. Porque a notícia deste feito da rainha sairá a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seus maridos aos seus olhos, quando se disser: Mandou o rei Assuero que introduzissem à sua presença a rainha Vasti, porém ela não veio. E, neste mesmo dia, as princesas da Pérsia e da Média dirão o mesmo a todos os príncipes do rei, ouvindo o feito da rainha; e, assim, haverá assaz desprezo e indignação. Se bem parecer ao rei, saia da sua parte um edito real, e escreva-se nas leis dos persas e dos medos, e não se quebrante, que Vasti não entre mais na presença do rei Assuero, e o rei dê o reino dela à sua companheira que seja melhor do que ela. E, ouvindo-se o mandado que o rei decretar em todo o seu reino (porque é grande), todas as mulheres darão honra a seus maridos, desde a maior até a menor.

Já naquele tempo ficava claro que os homens queriam manter o poder sobre as mulheres, e esse medo ficava muito claro quando eles viam uma mulher poderosa, decidida, capaz de não respeitar um Rei, mas a própria lei, uma vez que a palavra do Rei era a própria lei. Vasti paga o preço por isso, ela é destituída e tem início a busca por outra Rainha, talvez mais submissa que ela.

É a partir desse vácuo que foi criada uma espécie de concurso que proporcionou a Ester ser inserida no palácio real, Ester, 2:2-4:

> Então, disseram os mancebos do rei que lhe serviam: Busquem-se para o rei moças virgens, formosas à vista. E ponha o rei comissários em todas as províncias do seu reino, que reúnam todas as moças virgens, formosas à vista, na fortaleza de Susã, na casa das mulheres, debaixo da mão de Hegai, eunuco do rei, guarda das mulheres, e dêem-se-lhes os seus enfeites. E a moça que parecer bem aos olhos do rei, reine em lugar de Vasti.
> E isto pareceu bem aos olhos do rei, e assim fez.

Vieram jovens de todos os cantos do vasto império Persa e Ester estava entre elas e foi preparada por meses para ser apresentada ao Rei, o que acontece, Ester, 2:16-18:

> Assim, foi levada Ester ao rei Assuero, à casa real, no décimo mês, que é o mês de tebete, no sétimo ano do seu reinado. E o rei amou a Ester mais do que a todas as mulheres, e ela alcançou perante ele graça e benevolência mais do que todas as virgens; e pôs a coroa real na sua cabeça, e a fez rainha em lugar de Vasti. Então o rei fez um grande convite a todos os seus príncipes e aos seus servos para a festa de Ester; e deu repouso às províncias e fez presentes segundo o estado do rei.

Não se pode perder de vista que Ester era judia, portanto, era uma estrangeira, não tinha tantos direitos e, especialmente por sua origem, corria sério risco. Surge um grande adversário que se empenha grandemente para destruir todos os judeus, Ester, 3:8-10:

> E Hamã disse ao rei Assuero: Existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo cujas leis são diferentes das leis de todos os povos e que não cumpre as leis do rei; pelo que não convém ao rei deixá-lo ficar. Se bem parecer ao rei, escreva-se que os matem; e eu porei nas mãos dos que fizerem a obra dez mil talentos de prata, para que entrem nos tesouros do rei. Então tirou o rei o anel da sua mão e o deu a Hamã, filho de Hamedata, agagita, adversário dos judeus.

Por esse motivo, Ester ocultava desde sempre a sua origem judia, Ester, 2:20: “Ester, porém, não declarava a sua parentela e o seu povo, como Mardoqueu lhe ordenara; porque Ester cumpria o mandado de Mardoqueu, como quando a criara”.

Mardoqueu era um tio de Ester, que a criou após a morte de seus pais e a orientava sobre como se comportar na corte. Sabendo do plano de Hamã de matar todos os judeus, manifestou toda a sua

tristeza publicamente; Ester, que estava no palácio, ficou sabendo e enviou um servo de confiança para se encontrar com ele, Ester, 4:5-9:

> Então Ester chamou a Hataque (um dos eunucos do rei, que este tinha posto na presença dela) e deu-lhe mandado para Mardoqueu, para saber que era aquilo e para quê. E, saindo Hataque a Mardoqueu, à praça da cidade que estava diante da porta do rei, Mardoqueu lhe fez saber tudo quanto lhe tinha sucedido, como também a oferta da prata, que Hamã dissera que daria para os tesouros do rei, pelos judeus, para os lançar a perder. Também lhe deu a cópia da lei escrita que se publicara em Susã para os destruir, para a mostrar a Ester, e lha fazer saber, e para lhe ordenar que fosse ter com o rei, e lhe pedisse, e suplicasse na sua presença pelo seu povo. Veio, pois, Hataque e fez saber a Ester as palavras de Mardoqueu.

Ester fica muito preocupada com a situação, mas teme chegar até o rei, pois não se podia ir até o rei, era ele quem chamava as pessoas para irem até ele. Caso alguém ousasse entrar na presença do rei sem ser chamado, poderia morrer, sendo salvo apenas quando o rei estendia seu cetro de ouro para que a pessoa tocasse, e Ester sabia disso e temia; como já dito, não o rei, mas a própria lei que impunha tal situação.

Ester fala isso com Mardoqueu e ele apresenta para ela uma dura realidade, que ela já sabia, pois ocultava sua origem, Ester, 4:13,14:

> Então disse Mardoqueu que tornassem a dizer a Ester: Não imagines, em teu ânimo, que escaparás na casa do rei, mais do que todos os outros judeus. Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento doutra parte virão para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?

As palavras do tio fazem com que Ester tome uma atitude ousada, ela decide enfrentar toda a oposição que havia contra ela e ir até o Rei, mas ela não faz isso de qualquer maneira, ela se prepara antes, Ester, 4:15-17:

> Então disse Ester que tornassem a dizer a Mardoqueu: Vai, ajunta todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas moças também assim jejuaremos; e assim irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço. Então, Mardoqueu foi e fez conforme tudo quanto Ester lhe ordenou.

Ester entende sua responsabilidade e não apenas o que Mardoqueu fala, observe que ela dá uma ordem ao tio. Ela sabia que estava numa posição de liderança, era Rainha e não poderia ficar parada vendo todos os seus familiares sendo mortos sem que fizesse alguma coisa para impedir, seu ato foi de muita coragem, Ester, 5:1-3.

> Sucedeu, pois, que, ao terceiro dia, Ester se vestiu de suas vestes reais e se pôs no pátio interior da casa do rei, defronte do aposento do rei; e o rei estava assentado sobre o seu trono real, na casa real, defronte da porta do aposento. E sucedeu que, vendo o rei a rainha Ester, que estava no pátio, ela alcançou graça aos seus olhos, e o rei apontou para Ester com o cetro de ouro, que tinha na sua mão, e Ester chegou e tocou a ponta do cetro. Então, o rei lhe disse: Que é o que tens, rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará.

Ester estava diante de um grande problema, pois o homem que queria matar seu povo estava sempre do lado do rei, era seu principal conselheiro. Ela não poderia simplesmente pedir ao marido para revogar a lei, as leis dos medos e dos persas não podiam ser mudadas. Para mudar o destino do seu povo, precisava superar um homem poderoso e, para isso, precisava primeiro desacreditá-lo, para depois apresentar seu pedido ao rei. Ester então convida o rei e Naamã para um banquete, Ester, 7:1-6:

> Vindo, pois, o rei com Hamã, para beber com a rainha Ester, disse também o rei a Ester, no segundo dia, no banquete do vinho: Qual é a tua petição, rainha Ester? E se te dará. E qual é o teu requerimento? Até metade do reino se fará. Então respondeu a rainha Ester, e disse: Se, ó rei, achei graça aos teus olhos, e se bem parecer ao rei, dê-se-me a minha vida como minha petição e o meu povo como meu requerimento. Porque estamos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem e lançarem a perder; se ainda por servos e por servas nos vendessem, calar-me-ia, ainda que o opressor não recompensaria a perda do rei. Então falou o rei Assuero, e disse à rainha Ester: Quem é esse? E onde está esse cujo coração o instigou a fazer assim? E disse Ester: O homem, o opressor e o inimigo é este mau Hamã. Então, Hamã se perturbou perante o rei e a rainha.

Nem o rei nem Hamã tinham a menor ideia de que Ester era judia e ao ouvir isso entram em desespero, Ester, 7:7-10:

> E o rei, no seu furor, se levantou do banquete do vinho para o jardim do palácio; e Hamã se pôs em pé, para rogar à rainha Ester pela sua vida, porque viu que já o mal lhe era determinado pelo rei. Tornando, pois, o rei do jardim do palácio à casa do banquete do vinho, Hamã tinha

> caído prostrado sobre o leito em que estava Ester. Então disse o rei: Porventura, quereria ele também forçar a rainha perante mim nesta casa? Saindo essa palavra da boca do rei, cobriram a Hamã o rosto. Então disse Harbona, um dos eunucos que serviam diante do rei: Eis que também a forca de cinquenta côvados de altura que Hamã fizera para Mardoqueu, que falara para bem do rei, está junto à casa de Hamã. Então disse o rei: Enforcai-o nela. Enforcaram, pois, a Hamã na forca que ele tinha preparado para Mardoqueu. Então, o furor do rei se aplacou.

Hamã havia morrido, mas o edito do rei continuava em vigor e como já dito, as leis dos Medos e dos Persas não se revogam. Então o rei determina que Mardoqueu e Ester poderiam fazer um edito possibilitando que os judeus se defendessem, Ester, 8:9:

> Então foram chamados os escrivães do rei, naquele mesmo tempo e no mês terceiro (que é o mês de sivã), aos vinte e três do mesmo, e se escreveu conforme tudo quanto ordenou Mardoqueu aos judeus, como também aos sátrapas, e aos governadores, e aos maiorais das províncias, que se estendem da Índia até a Etiópia, cento e vinte e sete províncias, a cada província segundo a sua escritura e a cada povo conforme a sua língua; como também aos judeus segundo a sua escritura e conforme a sua língua.

Como resultado, os judeus puderam se defender e não foram massacrados, como esperava Hamã; ao contrário, depois dessa crise, os Judeus saíram ainda mais fortalecidos. Ester se consolidou como Rainha e Mardoqueu foi reconhecido pelo Rei Assuero. Mas a história da Rainha Ester deixou um legado que até hoje é lembrado, a referência é ao feriado nacional que Israel comemora até os dias de hoje, estabelecido em Ester, 9:32: “E o mandado de Ester estabeleceu o que respeitava ao Purim; e escreveu-se num livro”. A festa do Purim é celebrada anualmente no 14º dia do mês de Adar (entre fevereiro e março do calendário atual). Quando o livro de Ester é lido, é trazida à memória uma história de uma jovem que, de uma situação difícil, chegou ao posto mais influente do mundo conhecido de seu tempo. Uma mulher que conseguiu livrar seu povo da extinção total. Que ao contrário de sua antecessora, não agiu fora da lei, mas soube usar a lei a seu favor. Paciente, estrategista, superou com simplicidade um dos homens mais poderosos de seu

tempo. Sem a menor sombra de dúvidas, Ester é merecedora de figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A poderosa mulher de Provérbios

O livro de Provérbios foi escrito pelo rei Salomão, que tem seu reinado estimado entre 970 a.C. a 931 a.C. e foi considerado um dos homens mais sábios de seu tempo. Entre seus escritos pode ser visto no capítulo 31 uma série de colocações que parecem não terem sido escritas por um homem daquela época, isso porque há nele referências à mulher, que não seria comum para aquele momento da história. Para começar, pode-se observar em Provérbios, 31:10-12: “Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de rubis. O coração do seu marido esta nela confiado, e a ela nem uma fazenda faltará. Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias de sua vida”.

O texto apresenta a mulher como algo importante e precioso, mas não por conta de sua aparência física, de sua beleza, mas por outros predicados, como “plena confiança”. É notável como o autor usa um termo que apresenta a mulher como detentora de plena, isto é, de total confiança do marido. Essa postura não é comum nem nos dias de hoje, como seria há 2900 anos? Normalmente, os textos quando se referem às mulheres preferem ater-se aos seus predicados estéticos que às suas características de caráter. Nessa perspectiva, o autor distancia-se do comum e inova na sua produção textual.

Seguindo a mesma linha, o texto apresenta a mulher como forte e capaz de desempenhar atividades que são de grande relevância para a família. O que seria inovador para um texto tão antigo, uma vez que há apenas duas décadas era comum que este autor escutasse alguns homens afirmarem que "trabalho de mulher" não dá resultado, não dá lucro, não influencia na manutenção da casa.
O autor de Provérbios, entretanto, discorda e apresenta a importância do trabalho feminino para a família, Provérbios, 31:13-15; 19-22:

> Busca lã e linho e trabalha de boa vontade com as suas mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. Ainda de noite, se levanta e dá mantimento à sua casa e tarefa às suas servas. Estende a sua mão ao fuso e a palma de suas mãos pegam na roca. Abre a sua mão ao aflito; e ao necessitado estende as suas mãos. Não temerá, por causa da neve, porque toda a sua casa anda forrada de roupa dobrada. Faz para si tapeçaria; de linho fino e de púrpura é o seu vestido.

Para além dos serviços circunscritos à vida doméstica, o autor apresenta uma mulher que empreende no mundo dos negócios, que sabe avaliar um bom negócio, que compra e que vende, que sabe administrar um empreendimento de maneira lucrativa, uma perspectiva que não se vê muito nos textos antigos, observe Provérbios, 31:16-18; 24:

> Examina uma herdade e adquiri-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos. Cinge seus lombos de força e fortalece seus braços. Prova e vê que é boa a sua mercadoria e a sua lâmpada não apaga de noite. Faz pano de linho fino, e vende-os e dá cintas aos mercadores.

O autor chega ao ponto de afirmar que a mulher tem uma visão estratégica, observe o que diz o versículo 25: "Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro". Ter a capacidade de sorrir para o futuro é ter uma visão que não se restringe ao momento, ao dia a dia de trabalho, é olhar para o futuro e saber o que, em certa medida, é possível trabalhar para construir um futuro sólido, permitindo que elementos externos apenas sejam responsáveis por apresentar

surpresas, uma característica que ainda hoje não é facilmente encontrada na maioria das pessoas.

Entretanto, o que salta aos olhos é que o autor apresenta o fato de a mulher ser reconhecida pelas suas atitudes, pelos seus méritos, e afirma que tal não deve ocorrer apenas por parte do marido, mas por toda a família. Seria o caso de que se perguntasse se hoje, passados 2800 anos, quantas mulheres sentem-se reconhecidas pela sua família quanto aos seus esforços? Provérbios é bem claro quanto a isso, Provérbios, 31:28-31:

> Levantam seus filhos e chamam-na bem-aventurada, como também seu marido, a louva, dizendo: muitas filhas obraram virtuosamente, mas tu a todas és superior. Enganosa é a graça, e vaidade, a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada. Dai-lhe do fruto de suas mãos, e louvem-na nas portas as suas obras.

O autor é mais enfático ainda quando sugere que toda a cidade reconheça os esforços da mulher, "receber a recompensa merecida", ser "elogiada à porta da cidade", é seguramente uma honraria que a poucos era reservada. Mas o autor entende que a mulher deve ser merecedora de tal, o que coloca a mulher numa posição que não é comum para a época. As palavras de Salomão, acima de qualquer coisa, são uma declaração clara da importância da mulher e não apenas para a vida familiar, mas para a vida como empreendedora e para toda a comunidade. O autor ainda relega a beleza e a formosura feminina, tão valorizadas ao longo dos tempos, a um plano secundário quando afirma: "A beleza é enganosa, e a formosura é passageira, mas a mulher que teme o Senhor será elogiada". Para o sábio Salomão, o que importava não era a aparência da mulher, mas os seus valores, a sua vida espiritual, o seu relacionamento com Deus. Algo que, nos dias de hoje, a esmagadora maioria dos homens sequer considera.

Provérbios, não restam dúvidas, apresenta uma mulher poderosa, forte, empreendedora, capaz de fazer negócios, de administrar uma empresa, de ser atraente não pelo viço da juventude, uma inovação que apresenta para os leitores o que seria, para o escritor, uma mulher poderosa.

Para finalizar, seria conveniente que fosse citada uma colocação sobre o relacionamento entre um homem e uma mulher descrito no livro do Eclesiastes, cuja autoria é incerta, embora alguns especialistas apontem para Salomão. O texto é curioso, na medida em que apresenta uma perspectiva diferente do que eram os relacionamentos naquele momento, e não seria um erro afirmar que tal perspectiva seria diferente para muitos nos dias atuais. Isso porque apresenta o relacionamento entre um homem e uma mulher como uma espécie de recompensa, e o melhor que se poderia levar da vida, observe Eclesiastes, 9:9:

> Goze a vida com a mulher que amas, todos os dias de vida de sua vaidade, os quais Deus te deu debaixo do sol, todos os dias de tua vaidade; porque esta é a tua porção nesta vida e do teu trabalho, que tu fizeste debaixo do sol.

Curioso que o conselho é que a vida seja desfrutada ao lado de uma mulher que se ame. Aquela era uma época em que os casamentos aconteciam não por amor, como foi durante muito tempo ainda e como é até os dias atuais, em algumas culturas. Mas o autor, naquele momento, já apresentava uma perspectiva diferente, a referência óbvia é ao amor. Mais ainda, enfatiza que o relacionamento ocorra com uma mulher, quando para referir-se a ela utiliza o pronome definido “a”. Por isso, entende-se que o texto possui um forte componente de valorização do sexo feminino. Pois ao contrário de falar apenas genericamente de uma mulher ou até de várias mulheres, o que não deve ser encarado como estranho para um texto tão antigo, o autor propõe que seja uma mulher

apenas e que ela seja amada pelo homem, algo que não pode passar despercebido pelo leitor.

O amor, que Eclesiastes apresenta, aproxima-se de Provérbios 31, quando o autor coloca a beleza feminina num segundo plano e valoriza outros atributos, que, a propósito, não seriam exclusivos das mulheres, a saber, o temor a Deus.

A subjetividade deste atributo remete a algo que transcende ao aparente, ao físico, ao percebível, e, nesta perspectiva, o amor, igualmente, superaria as limitações do que é aparente e se fixaria ao que não é visível. O autor, desta forma, permite inferir que o amor entre um homem e uma mulher seria maior que o que se pode perceber com os olhos, e transcenderia a percepção do comum, por isso, talvez, amar não seja algo possível a todos, não o amor que aqui é apresentado, pois mais que uma paixão entre corpos, seria a atração entre duas almas.

O que permite inferir que as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia não alcançaram esta posição, pura e simplesmente, por seus atributos relacionados à sua aparência física, mas, principalmente, por traços que marcaram seu caráter.

Um ambiente propício às Mulheres Poderosas

Na primeira carta aos que estavam em Corinto, Paulo responde alguns questionamentos típicos de novos convertidos. Ele apresenta alguns mandamentos e alguns conselhos em que defende sua posição quanto ao relacionamento entre um homem e uma mulher. Ele começa apontando que o ideal seria que as pessoas ficassem sós, isso porque a maioria dos estudiosos acredita que nessa condição seria mais fácil dedicar-se a uma vida ao Evangelho, observe em 1 Coríntios, 7:1,2; 7-9:

> Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. Porque quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom, um de uma maneira, e outro de outra. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se.

Um assunto que ele aborda também é sobre quem teria a supremacia no relacionamento, especialmente no que se refere à vida sexual e sobre isso, o Doutrinador dá a conhecer que não existe uma superioridade do homem, mas que os dois possuem igual autoridade, 1 Coríntios, 7:3,4:

> O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher, ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher.

Trata-se de uma abordagem inovadora a do Apóstolo, uma vez que o texto aproximadamente do ano 70 d.C., uma época em que a

mulher exercer alguma autoridade sobre seu marido (ou sobre o seu próprio corpo) certamente, não seria uma regra. Ainda nos dias atuais, em mais culturas do que se pode imaginar, as mulheres ainda não possuem muita liberdade quanto a sua vida sexual, sendo submissas aos seus maridos ou seus parceiros. Apenas como forma de ilustrar, pode-se fazer uma referência a culturas que, no século XXI, têm como costume mutilar o clitóris das meninas, e apresentam inúmeros motivos, mas, talvez, o mais real de todos seja a diminuição do prazer durante a relação sexual.

A preocupação do Apóstolo é sincera e ele afirma inclusive que o casal não deve se afastar, a não ser que seja por um motivo justo, geralmente espiritual, e com a concordância de ambos. 1 Coríntios, 7:5,6:

> Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência. Digo, porém, isso como que por permissão e não por mandamento.

Com o crescimento do Evangelho, era comum que uma pessoa se convertesse e seu cônjuge não. Diante disso surge uma dúvida, o que converteu deveria deixar o outro? O Apóstolo apresenta uma solução que é muito usada ainda nos dias de hoje, observe 1 Coríntios, 7:12-14:

> Mas, aos outros, digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe. Porque o marido descrente é santificado pela mulher, e a mulher descrente é santificada pelo marido. De outra sorte, os vossos filhos seriam imundos; mas, agora, são santos.

O texto merece destaque porque apresenta uma posição dentro da doutrina Cristã de respeito à mulher, pelo que o seu principal doutrinador defendia. Quando fica evidente que o homem não tem poder sobre o corpo de sua mulher, está se falando de uma postura muito moderna, talvez até para os dias atuais. O mesmo pode se

dizer de quando se defende que o convertido ao Cristianismo não deveria deixar seu cônjuge por ele não compartilhar a mesma fé.
É uma ordenança que, em termos práticos, beneficiaria muito mais às mulheres, na medida em que se contextualiza que, historicamente, as mulheres seriam mais prejudicadas no caso de uma separação.

Diante do exposto, seria prudente registrar o texto apresentado, pois pode-se inferir que seria o ambiente Cristão um local propício para o surgimento de Mulheres Poderosas. Nos textos que seguirão, será abordado mais aprofundadamente o que se defende, à medida que se adentra ao Novo Testamento.

A mulher samaritana

Talvez, o diálogo de Jesus com uma mulher samaritana tenha sido um dos mais profundos já registrados. Ao lado de um poço, desacompanhado de seus Discípulos, Jesus revela a uma mulher, num período extremamente pequeno de tempo, grandes mistérios que a poucos deu conhecimento. O texto mostra que existia certa rixa entre os judeus e os samaritanos, observe em João, 4:9,10:

> Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos). Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.

Jesus é muito objetivo, logo apresenta para a mulher que ele não era uma pessoa qualquer, e que o grande problema daquela região, a água, simbolicamente, é apresentada como uma figura do que Jesus poderia oferecer, o texto é claro em João, 4:11-14:

> Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado? Jesus respondeu e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.

Jesus apresenta para a mulher samaritana o principal motivo de sua vinda ao mundo, oferecer Vida Eterna ao homem, o que seria: “a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. O leitor consegue perceber a profundidade e a complexidade do diálogo? Por que o autor decidiu apresentar uma mulher protagonizando uma conversa tão profunda? Não se pode

negar que o autor entende que a mulher deveria estar inserida naquele nível de conversa. O texto mostra que o diálogo se aprofunda e a intimidade da mulher é apresentada a ela, o que a faz entender que Jesus não era uma pessoa comum, João, 4:17-19: “A mulher respondeu e disse: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido, porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido; isso disseste com verdade. Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta”.

Diante disso ela busca uma orientação, observe o que afirma o texto em João, 4:20-24:

> Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.

Note o leitor a profundidade do diálogo, Jesus quebra paradigmas espaciais, que eram tão caros e ainda são para muitas pessoas, quando ele afirma que o lugar onde se está não é tão importante quanto como se está. Jesus finalmente faz uma revelação inequívoca de que era o Messias, algo pouco registrado na Bíblia, João, 4:25,26: “A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo. Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo”.

Diante da revelação, a mulher adota uma postura que Jesus apresentou para seus seguidores algum tempo depois, observe o que afirma em Marcos 16:15: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Uma vez que ela, ao tomar conhecimento de que Jesus era o Messias, vai até a cidade e apresenta a boa nova, João, 4:28-30: “Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde e vede um

homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura, não é este o Cristo? Saíram, pois, da cidade e foram ter com ele".

Não se pode negar que a atitude de Jesus quando se propõe a conversar com a mulher samaritana é incomum desde o início, pois não era adequado para os judeus naquela época que ele ficasse a sós conversando com uma mulher. Tanto que quando seus discípulos retornam, eles acham estranho o que acontecia, João, 4:27: "E nisso vieram os seus discípulos e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela?".

A posição de Jesus não era comum para uma pessoa comum naquela época, e, talvez, tal fato poderia gerar algum constrangimento para aqueles que seriam os primeiros leitores da Bíblia nos primeiros anos do Cristianismo, mas isso não foi motivo para que o autor ocultasse o acontecido. A disposição de colocar uma mulher participando ativamente de um diálogo tão profundo, tendo-se como referência as verdades do Cristianismo ali apresentadas, evidencia que a Mulher Samaritana certamente deve estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Maria, mãe de Jesus

Quando se observa a Bíblia, percebe-se que poucas foram as pessoas que estiveram frente a frente com um anjo. O número se restringe a pouco mais de uma dezena de pessoas, a maioria homens. Maria, entretanto, recebe a visita de um Anjo chamado Gabriel, o mesmo Anjo aparece para Daniel, no capítulo oitavo, para explicar uma de suas visões. Observe a experiência vivida por Maria, Lucas, 1:26-33:

> E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, e eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim.

Receber a visita de um anjo não é para qualquer um, mas também não deve ser interpretado que seja alguém que se encontra num nível de superioridade espiritual. Para confirmar o que se afirma, pode-se mencionar o texto de Números, 22:22,23, em que um Anjo aparece diante de Balaão, mas ele não o vê:

> E a ira de Deus acendeu-se, porque ele se ia; e o Anjo do Senhor pôs-se-lhe no caminho por adversário; e ele ia caminhando, montado na sua jumenta, e dois de seus moços com ele. Viu, pois, a jumenta o Anjo do Senhor que estava no caminho, com a sua espada desembainhada na mão; pelo que desviou-se a jumenta do caminho e foi-se pelo campo; então Balaão espancou a jumenta para fazê-la tornar ao caminho.

Entretanto, não se pode esquecer que dentro da Bíblia, tal situação evidencia algo que é muito caro, estar dentro do projeto de

Deus, e para essa literatura, não existe virtude maior.

Maria, apesar de ser uma jovem, passou momentos de grande dificuldade, o que traz à luz sua força e determinação, observe que desde a concepção as coisas foram difíceis, Lucas, 2:6,7: “E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem”.

Difícil encontrar alguém que não conheça a dificuldade do casal em encontrar lugar para se hospedar, o nascimento precário de Jesus e a simplicidade de seu primeiro berço. Mas nem sempre as coisas eram ruins, existiram momentos de alegria, como o descrito em Mateus, 2:10,11: “E, vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande alegria. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra”.

Quando se faz uma leitura da vida de Jesus quando criança, se perceberá uma lacuna, mesmo quando a família desce ao Egito e retorna, existe um protagonismo de José, mas não se deve entender dessa forma, pois havia um trabalho sendo desenvolvido por Maria, que era cuidar de Jesus e poucas coisas poderiam ser consideradas de protagonismo maior.

Maria esteve presente no primeiro milagre de Jesus, quando transformou água em vinho no casamento em Caná, na Galileia. Foi neste momento que Maria sentenciou, talvez, a sua única ordem em toda a literatura bíblica, ela disse: “Fazei tudo quanto ele vos disser”. João, 2:3-5: “E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não tem vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é

chegada a minha hora. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser".

Finalizando a abordagem sobre Maria, não se poderia deixar de mencionar o momento dramático que Maria testemunha a morte de seu filho na cruz ao lado de mais duas mulheres e do Discípulo João, em João, 19:25,26: "E junto à cruz de Jesus estava sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.
Ora, Jesus, vendo ali sua mãe e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho".

Eis um dos momentos mais difíceis para aqueles que amavam a Jesus. Dele não fugiram os fortes e entre eles estavam três mulheres e apenas um homem. Maria, talvez a mais ferida, suportou todos os momentos vividos de dor. Uma mulher para suportar tantos momentos de adversidade não poderia ter outra classificação que não fosse, no mínimo, forte e corajosa, por isso colocamos Maria, mãe de Jesus, entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Marta e Maria

O Evangelho de João conta uma história que envolve três irmãos, Marta, Maria e Lázaro. Moravam próximos a Jerusalém, numa localidade chamada Betânia e por isso era um lugar que Jesus passava com alguma frequência, o que fez com que mantivessem certa relação de amizade.

Talvez por esse motivo, Jesus tenha realizado naquela família um dos milagres mais extraordinários, a ressurreição de Lázaro. Antes mesmo de sua morte, suas irmãs enviaram um mensageiro a Jesus para que ele viesse socorrer o irmão enfermo, João, 11:1-3:

> Estava então enfermo um certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. E Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com unguento e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos, cujo irmão, Lázaro, estava enfermo. Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas.

O interessante é que esta é uma história que foge aos moldes do que é comumente apresentado na literatura. O mais comum é que a mulher seja a figura frágil, que seja ela quem necessite ser socorrida. Mas nesta história, o que se vê é a inversão, quem precisa de socorro, quem é frágil é Lázaro, o homem. É possível que tal fato tenha fugido à percepção de muitas pessoas, mas é o que está escrito. Às mulheres, Marta e Maria, são legados papéis de dinamismo de busca pelo socorro, pela solução. Enquanto Lázaro está inerte pela enfermidade, as duas irmãs estão ativas, fazendo o que podem para salvá-lo.

Jesus, entretanto, propositalmente, tarda a chegar em Betânia e já encontra Lázaro morto e sepultado. Quando ele se aproxima, a reação das irmãs é diferente, João 11:20: “Ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa”. Pode ser notado que as irmãs não seguiam a uma espécie de comportamento determinado por um cerimonial preestabelecido, mas agiam conforme melhor lhes parecia, mesmo estando elas diante de uma pessoa tão importante como Jesus Cristo. Como já defendido anteriormente, a faculdade de escolher é um dos maiores poderes que o ser humano pode ter, especialmente escolher o que fazer e neste caso, percebe-se que as duas o fazem de forma consciente.

No verso seguinte, pode ser visto que Marta sabia muito bem quem era Jesus e que havia em si certa tristeza pela sua demora em chegar, João 11:21: “Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. Jesus, entretanto, não se preocupa com a aparente ousadia da mulher.

Entretanto, Maria, em determinado momento, decide agir de forma diferente, indo ao encontro de Jesus, João, 11:31,32:

> Vendo, pois, os judeus que estavam com ela em casa e a consolavam que Maria apressadamente se levantara e saíra, seguiram-na, dizendo: Vai ao sepulcro para chorar ali. Tendo, pois, Maria chegado aonde Jesus estava, e vendo-o, lançou-se aos seus pés, dizendo-lhe: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.

Um detalhe que merece ser destacado é que as pessoas que estavam acompanhando as irmãs naquele momento entenderam que ela iria chorar no sepulcro, mas eles se enganaram, ela estava indo ver Jesus. Normalmente, o que as pessoas esperam de uma mulher é que ela lamente, que manifeste toda a sua fragilidade diante das dificuldades, especialmente as dificuldades que são consideradas insuperáveis, como a morte, mas nesse caso, as irmãs

não se curvaram e tinham a mesma opinião, se Jesus estivesse ali Lázaro não teria morrido.

Não muito depois daquele momento, Marta interpelaria novamente a Jesus sobre suas atitudes, como pode ser visto em João, 11:39: “Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias”.

Desta vez, Jesus lhe dá uma resposta, João 11:40: “Disse-lhe Jesus: Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?”. A essa colocação não restou outra ação que não obedecer a voz de Jesus, João, 11:41-44:

> Tiraram, pois, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora! E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir.

Fica ainda mais fácil perceber a força de Marta quando se observa a descrição de Lucas em uma das três vezes que Jesus e seus discípulos pousaram na casa das irmãs. Em Lucas, 10:38,39, ela é descrita como dona da casa, o que não era comum para a época: “E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou em uma aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra”.

Ainda no Evangelho de Lucas é possível que se perceba que existe uma diferença clara na maneira de as irmãs se comportarem, isso deixa claro que ambas exerciam o direito de escolha quanto ao que deveriam ou queriam fazer. Não é apenas neste momento que se defende que escolher é o ápice do poder para qualquer pessoa. E ambas exerciam esse poder e o defendiam. Observe o que acontece em Lucas, 10:40-42:

> Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te dá que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

Marta não concorda com a postura de Maria, que escolhe ficar próxima a Jesus para ouvi-lo, Marta então recorre a Jesus para que ele fale com sua irmã para que a ajude, mas Jesus faz algo que, certamente, pode ser considerado surpreendente, pois ele afirma que a escolha que Maria fez deveria ser respeitada. Imagine o leitor que Marta estava chamando sua irmã para servir o próprio Jesus, provavelmente preparando algum tipo de alimento, o que seria muito conveniente para ele e todos os que com ele estavam, mas a atitude de Jesus permite inferir que ele não estava preocupado com isso, mas em respeitar a escolha de uma mulher. Essa postura de conflito entre as duas irmãs revela que ambas se impunham e não se sentiam intimidadas, defendiam o seu ponto de vista, inclusive, perante Jesus.

Como pode ser visto, trata-se de uma história em que duas mulheres são protagonistas. Seu irmão é a vítima que precisa de socorro. O autor não se preocupou em lhe dar sequer uma fala em todo o texto. As duas aparentam ser corajosas e decididas, não há espaço para apatia entre elas, ao invés de chorar elas lutaram pelo socorro para o irmão necessitado. Características que não deveriam, supõe-se, ser comum manifestar publicamente entre as mulheres há mais de dois mil anos. Marta e Maria não poderiam deixar de figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A mulher que fez Pilatos lavar as mãos

Talvez um dos mais conhecidos feitos descritos na Bíblia, no que se refere ao julgamento de Jesus, seja o momento em que Pôncio Pilatos lava suas mãos. Foi um ato que ele acreditava ser capaz de torná-lo inocente da morte de Jesus. Entretanto, há nessa trama um componente que nem sempre é considerado, a esposa de Pilatos. Havia uma pressão muito grande dos religiosos para que Jesus fosse morto e apertavam para que Pilatos, Governador da Judeia, determinasse a sua morte, entretanto, Pilatos é alertado por sua mulher e toma a conhecida atitude, Mateus, 27:17-24:

> Portanto, estando eles reunidos, disse-lhes Pilatos: Qual quereis que vos solte? Barrabás ou Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que por inveja o haviam entregado. E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele. Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram à multidão que pedisse Barrabás e matasse Jesus. E, respondendo o presidente, disse-lhes: Qual desses dois quereis vós que eu solte? E eles disseram: Barrabás. Disse-lhes Pilatos:
> Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Disseram-lhe todos: Seja crucificado! Então, Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo; considerai isso.

Pilatos, mesmo sendo um homem de grande poder, escolheu ouvir sua mulher. Ele entendeu que suas palavras, mesmo sendo carregadas de alguma subjetividade, uma vez que se referia a um sonho, mereceu por parte dele toda consideração e ele escolheu não ser aquele que mandou Jesus para a cruz.

Será que ficou claro o poder de interferência dessa mulher num fato historicamente único? Poucas pessoas foram capazes de

interferir de maneira tão significativa na história, especialmente, por se tratar de uma figura singular, como Jesus Cristo.

A realidade é que as pessoas se lembram muito bem das atitudes de Pilatos, mas, raramente, lembram-se ou conhecem a influência feminina na sua atitude. Mas o autor não, ele não se esqueceu e fez questão de registrar a participação dessa mulher na decisão de seu marido. O acontecimento descrito na Bíblia torna possível inferir que não seria a primeira vez que a mulher de Pilatos interferia num julgamento, é possível que, vez por outra, ela utilizasse desse expediente, inclusive para a manutenção do seu poder e influência.

Ela manda que alguém diga a Pilatos, o que permite presumir que estava acostumada a exercer sua autoridade. Sabia que era capaz de influenciar. A mulher de Pôncio Pilatos foi capaz de impedir que ele fosse o único e grande responsável pela crucificação de Jesus, embora uma conhecida oração Cristã afirme que Jesus “padeceu sob Pôncio Pilatos”. Seu poder de persuasão fez com que Pilatos lavasse as mãos e entrasse para a história realizando um ato que qualquer ser humano, em condições normais, repete várias vezes por dia, mas sem nada de mais acontecer. Por isso, a mulher de Pôncio Pilatos merece estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

A mulher venceu a morte com Jesus

No evangelho de João, é apresentada uma passagem muito conhecida da Bíblia. Era um momento em que Jesus estava conversando com as pessoas e as ensinava. Não é novidade que os religiosos tinham como agenda confrontar Jesus e desmoralizá-lo em sua autoridade espiritual, por conta disso sempre armavam ciladas e foi o que ocorreu neste momento, descrito em João 8:2-5:

> E, pela manhã cedo, tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava.
> E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando, e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?

Quando se observa o quadro, percebe-se facilmente algo de errado, ou pelo menos, incompleto. Um adultério não se consuma apenas com uma pessoa, mas no texto é apresentada apenas uma mulher para que seja punida pelo ato. Seria possível o entendimento de que somente a mulher seria punida, o que confirmaria que a Bíblia é um livro que não valoriza ou reconhece a importância da mulher e privilegia o homem, entretanto, quando se faz uma rápida pesquisa, chega-se à conclusão de que tal afirmativa não se sustenta, observe o que diz Deuteronômio, 22:22: “Quando um homem for achado deitado com mulher casada com marido, então, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher; assim, tirarás o mal de Israel”.

Segundo a Lei a que se refere no texto, os dois deveriam ser igualmente punidos e não apenas a mulher. Não se pode perder de vista que o escritor de Deuteronômio, Moisés, viveu há cerca de

1400 a.C. e o texto em análise é produzido já no primeiro século da presente era.

Jesus demonstra insatisfação quando não lhes dá qualquer atenção, como está em João 8:6: “Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra”.

Ante a insistência, Jesus oferece uma solução prática e que envolveria uma análise da própria vida pessoal daqueles que ali estavam, João 8:7-9:

> E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até os últimos; ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio.

Com uma simples palavra, Jesus coloca todos os homens que ali estavam em igual posição que aquela mulher humilhada sob uma sentença de morte. Logo em seguida, o desfecho do episódio traz à tona um dos principais princípios que sustentam o Cristianismo, o novo nascimento, a oportunidade de começar novamente sem culpa, o perdão, João 8:10:

> E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais.

A Bíblia não nomeia essa mulher, mas deixa evidente que quando ela chegou na presença de Jesus, estava humilhada, provavelmente machucada, já que fora levada até ali não por sua vontade. Mas, o mais importante, ela estava ainda sob uma sentença de morte, pois pela Lei, os flagrados em adultério receberiam tal pena. Mas quando aquela mulher deixa aquele lugar, sua situação era completamente diferente, ela já não estava sob o risco de perder a vida e não havia acusadores a lhe humilhar e maltratar. Depois de um simples

encontro com Jesus, a mulher deixa a posição de humilhação e de sentenciada à morte, por isso, ela figura entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

As mulheres e a Ressurreição de Cristo

> Um dos pontos mais importantes dentro da doutrina Cristã é a Ressurreição de Jesus Cristo. Sobre o assunto, foi enfático o apóstolo Paulo, considerado o maior doutrinador da história do Cristianismo, em I Coríntios 15:13,14: "E, se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou e, se Cristo não ressuscitou, logo é vã nossa pregação e também é vã a nossa fé".

Para um momento tão importante, seria no mínimo curioso que o autor escolhesse como protagonistas algumas mulheres. A afirmação ganha contornos mais dramáticos quando se entende que a primeira mulher que testemunhou a ressurreição de Cristo foi Maria Madalena, uma mulher de quem Jesus havia expulsado sete demônios, convertida, Marcos 16:9: "E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios".

Parece incoerente que o autor, com o objetivo de estabelecer credibilidade a um fato tão fantástico como uma Ressurreição, tenha escolhido registrar que a primeira a se certificar do acontecido seja Maria Madalena. Não se pode negar que o princípio do Novo Nascimento, do Perdão, que estão entre as bases do Cristianismo, traga consigo a ideia de que as pessoas podem mudar de vida, mas para a sociedade, Maria Madalena certamente ainda seria a atormentada que sempre foi, o que agravaria ainda mais a posição de testemunha crível que ela poderia ser.

Mas não foi apenas Maria Madalena que testemunhou a Ressurreição de Jesus, outras mulheres também o fizeram, o texto que aborda o tema, escrito por Marcos, as nomeia inclusive, Marcos 16:1-7:

> E, passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo. E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do sol, e diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?
> E, olhando, viram que já a pedra estava revolvida, e era ela muito grande. E, entrando no sepulcro, viram um mancebo assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca; e ficaram espantadas. Porém ele disse-lhes: não vos assusteis; buscais a Jesus, o nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram. Mas ide, dizei aos seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis, como ele vos disse.

Outro Evangelista, Mateus, igualmente registra a ação das mulheres em Mateus 28:1-5:

> E, no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e seu vestido branco como a neve. E os guardas, com medo dele ficaram muito assombrados e como mortos. Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: não tenhais medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia. Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis, eis que eu vo-lo tenho dito.

João consegue ser ainda mais detalhista quando faz seu relato, apresentando um momento de grande intimidade entre Maria e seres celestiais, em João 20:11-16: E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcroe viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

> E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. E, tendo dito isso, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre)!

O detalhe é que estas mulheres foram as primeiras a ter contato com Jesus Ressuscitado, motivo pelo qual foram elas que deram a notícia aos discípulos. Salta aos olhos, entretanto, o fato de os discípulos terem lhes dado crédito, uma vez que ao serem informados, imediatamente, foram ao local para ver de perto o que acontecera. Tal fato merece alguma atenção, uma vez que era uma

época em que o testemunho de uma mulher não apenas não era levado a sério pela sociedade, pois não era válido. Ocorre algo extraordinário, pois não só os testemunhos de mulheres são aceitos, mas é aceito o testemunho de mulheres a respeito de acontecimentos fantásticos: a Ressurreição de Jesus e a aparição de seres celestiais. Note que, caso o autor visasse obter credibilidade para a sua história, ele deveria ter buscado o testemunho não apenas de homens, mas homens de reputação, de credibilidade, o que conferiria credibilidade à sua narrativa. Mais do que uma coincidência o texto parece corroborar ao que se defende quando o autor apresenta uma orientação partindo de um dos seres celestiais para que as mulheres testemunhassem o que viram aos discípulos, o que ocorre em Marcos 16:5-7:

> E, entrando no sepulcro, viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida e branca; e ficaram espantadas. Porém ele disse-lhes: Não vos assusteis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram. Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis, como ele vos disse.

O texto incomum para a época, cerca de dois mil anos atrás, permite que se faça uma reflexão: seria possível que naquele momento histórico as mulheres fossem vistas de maneira diferente dentro dos círculos cristãos que do resto da sociedade?

Corrobora a afirmativa o fato de o Apóstolo Paulo, ao escrever a Timóteo, fazer menção ao jovem líder, de sua mãe e avó como modelos para sua vida espiritual, em 2 Tm 1:3-6:

> Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com uma consciência pura, de que sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, noite e dia; desejando muito ver-te, lembrando-me das tuas lágrimas, para me encher de gozo; trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti. Por cujo motivo, te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos.

Na Carta aos Hebreus, no conhecido capítulo 11, que detém especial atenção dos Cristãos, uma vez que apresenta alguns dos considerados heróis da fé, é feita a menção de algumas mulheres que, por este motivo, ganharam lugar de especial deferência, uma vez que figuram como modelos a serem seguidos por todos os que professam a fé que o autor pregava. Por exemplo, em Hebreus 11:11, Paulo coloca Sara ao lado de Abraão: Pela fé, também a mesma Sara, recebeu a virtude de conceber e deu à luz já fora da idade; porquanto teve por fiel aquele que lho tinha prometido.

A referência a Moisés traz subjacente a importante participação de sua mãe, Joquebede, que conseguiu transmitir para seu filho algo que foi fundamental para a saída da escravidão do Egito, a saber, levou Moisés a entender que, apesar de ele viver como um egípcio, ele não era um deles. O que foi plenamente assimilado por ele, a ponto de ele optar por abrir mão de todo o conforto que presumivelmente teria direito como "filho de uma da filha de Faraó", o que pode ser percebido em Hebreus 11:24,25: "Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de faraó, escolhendo, antes, ser maltratado com o povo de Deus do que, por um pouco de tempo, ter o gozo do pecado".

O que mereceria relevância nesse fato é que ocorre um evidente confronto entre duas Mulheres Poderosas, a mãe de Moisés e a filha do Faraó. Entre as duas poderosas mulheres, Joquebede sai vitoriosa, conseguindo garantir, através da transferência da herança cultural para seu filho, uma vitória ainda maior, a libertação de todo o seu povo de um cativeiro que durava mais de 400 anos.

O mesmo capítulo de Hebreus ainda faz menção a Raabe, a estrangeira, moradora de Jericó, que foi contada como bisavó do

grande Rei Davi e está relacionada como antepassada do próprio Jesus Cristo, a figura mais importante de toda a literatura bíblica.
O detalhe é que a referência não oculta seu passado, presumivelmente, pouco nobre, observe Hebreus 11:30,31: “Pela fé, caíram os muros de Jericó, sendo rodeados durante sete dias. Pela fé, Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias”.

Entretanto, não se pode esquecer que se os nomes de tais mulheres estão escritos no texto bíblico, seria pouco provável que se deva à boa vontade dos escritores. Mas, para além disso, deve-se à coragem, à determinação e à força demonstradas ao longo de tudo o que foi descrito neste modesto trabalho. Por isso, estas mulheres merecem figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Lídia, a empreendedora

O livro de Atos dos Apóstolos apresenta uma mulher que atuou, decisivamente, para que o Evangelho se propagasse por uma região ainda não atingida, a Europa. Lídia, uma mulher de negócios, foi uma das primeiras almas a se entregar ao Cristianismo, é o que afirma o professor John MacArtur, em seu conhecido livro "Doze mulheres extraordinariamente comuns", no qual ele afirma:

> A melhor forma de se lembrar de Lídia é como a primeira pessoa que foi convertida para o evangelho na Europa. Foi a primeira a ser registrada recebendo a mensagem de Cristo durante a primeira viagem missionária do apóstolo Paulo àquele continente. Sua conversão marcou a primeira base forte da igreja em um continente que finalmente se tornou o polo do testemunho do evangelho em todo o mundo. A Europa só perdeu esse lugar para a América do Norte há cerca de cem anos (MACARTUR, 2019, p. 179).

Lídia era uma vendedora, uma comerciante de tecidos, uma mulher que estava acostumada a negociar e, certamente, sabia analisar uma situação em que poderia ter algum prejuízo ou lucro; uma mulher que era capaz de administrar um negócio certamente deve ser considerada uma mulher poderosa, observe o que afirma o texto no livro de Atos 16:14: "E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia".

Ainda nos dias atuais são festejadas as mulheres capazes de empreender no mundo corporativo, quanto mais há dois mil anos. O que permite inferir que Lídia era uma mulher incomum e com toda sua independência e empreendedorismo, encontrou

plenamente lugar no meio cristão ainda no primeiro século da presente era. Lídia exercia seu poder ainda em sua casa, o que fica claro quando se observa o texto escrito também por Lucas em Atos 16:15: “E, depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa e ficai ali. E nos constrangeu a isso”.

Normalmente, o chefe de uma família na Antiguidade era um homem, e ele seria a pessoa ideal para conferir qualquer tipo de liberdade ao interior da residência, uma mulher não deveria trazer estranhos para casa sem o consentimento do marido e Lídia faz isso, ela não menciona qualquer sinal de pedir a alguém autorização para fazer qualquer coisa. Evidente que seria possível que a afirmação se tratava de uma mulher viúva, embora não há no texto bíblico nada que corrobore isso, especialmente pelo fato de o texto afirmar que “foi batizada ela e a sua casa”. A palavra casa obviamente não está referindo-se a uma edificação, mas a pessoas que tinham com ela relação de parentesco ou afinidade. A realidade é que o texto permite inferir, com segurança, que Lídia era uma mulher que gozava de incomum independência. Por conta disso, percebe-se que ela constrange os evangelistas a ficarem na sua casa, revelando-se uma anfitriã útil para o crescimento do Evangelho naquela região.

Lídia, uma mulher negociante, empreendedora, que contribuiu decisivamente para a propagação do Evangelho na Europa, certamente deve figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Oito mulheres de coragem

Na carta que o Apóstolo Paulo escreveu aos cristãos que viviam em Roma, no capítulo 16, ocorre saudação em que são mencionados nomes de várias pessoas que contribuíram para o crescimento do Cristianismo naquela região. Dentre estes nomes, o Apóstolo destaca oito mulheres, a saber: Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside e Júlia. Trata-se de um registro que merece destaque, afinal, é um texto que foi produzido por volta do ano 70 da era cristã.

Note o leitor que se trata de um período em que as mulheres eram segregadas a uma posição de submissão e não de protagonismo. A verdade é que ainda nos dias atuais, quando uma mulher atinge uma posição de protagonismo em alguma atividade social, será algo digno de ser celebrado, o que não se diria de um fato que aconteceu há quase dois mil anos?

Mais do que se afirmar que o escritor foi generoso com as mulheres citadas, o que não se pode negar seria o caso de entender que tais mulheres fizeram por merecer e apresentaram comportamentos que justificaram o registro. Observe o que afirma Romanos, 16:1,2:

> Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencréia, para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.

Como pode ser visto, o Apóstolo justifica o motivo pelo qual se deveria haver uma atenção especial com relação a uma mulher chamada Febe. Não se tratava de um favor, mas de um reconhecimento.

O mesmo ocorre com Priscila, que ao lado do marido, recebe especial deferência com relação à forma como colocaram em risco suas vidas para contribuírem para o Evangelho, em Romanos, 16:3-5:

> Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida expuseram a suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Ásia em Cristo.

Um texto que demonstra a importância do trabalho do casal Priscila e Áquila pelo fato de terem sido eles que apresentaram o Cristianismo de maneira mais aprofundada para um dos grandes pregadores do primeiro século, Apolo, descrito em Atos, 18:24-26:

> E chegou a Éfeso certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, varão eloquente e poderoso nas Escrituras. Este era instruído no caminho do Senhor; e, fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João. Ele começou a falar ousadamente na sinagoga; e quando o ouviram Priscila e Áquila, o levaram consigo e lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus.

No texto que logo será destacado, fica claro que o que o Apóstolo valorizava era a capacidade de trabalho, de agir, o comportamento das pessoas, e é o que ele deixa evidente quando saúda a Maria. Igualmente quando menciona Júnia, a quem ele coloca em igual reconhecimento que os apóstolos, Romanos, 16:6,7: “Saudai a Maria, que trabalhou muito por nós. Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo”.

A evidência de que o que se valorizava era a capacidade de trabalho fica ainda mais evidente no texto que segue, Romanos, 16:12-15:

> Saudai a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham no Senhor. Saudai à amada Pérside, a qual muito trabalhou no Senhor. Saudai a Rufo, eleito no Senhor, e a sua mãe e minha. Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermas, a Pátrobas, a Hermes, e aos irmãos que estão com eles. Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas, e a todos os santos que com eles estão.

Quando se afirma que era valorizada a capacidade de trabalho, as atitudes dessas mulheres, se está deixando claro que o que importava não era o que, comumente, importa para as mulheres serem valorizadas, a saber, a sua aparência. Não há referência alguma delas serem belas ou formosas, o que permite inferir que para o autor do livro, a aparência não era relevante, mas as atitudes, sim.

Assim, pode-se afirmar que Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside e Júlia estão relacionadas no texto escrito aos Romanos e são descritas na Bíblia não porque fossem belas e formosas, mas porque foram mulheres fortes, corajosas e trabalhadoras a ponto de desafiarem a morte certa reservada aos que ousavam dizer-se cristão naquela época, por isso tais mulheres merecem figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Loide e Eunice, exemplos para Timóteo

As duas cartas que o Apóstolo Paulo escreve a Timóteo tiveram como objetivo aconselhar e exortar o ainda jovem Pastor que estava à frente da Igreja em Éfeso, era uma época muito difícil para alguém ser um cristão, havia um real risco de perseguição e até de morte.

Para trazer o jovem líder a assumir sua responsabilidade frente ao povo que lá havia se convertido, o apóstolo Paulo utiliza uma estratégia singular em 2 Tm 1:3-6:

> Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com uma consciência pura, de que sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, noite e dia; desejando muito ver-te, lembrando-me das tuas lágrimas, para me encher de gozo; trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti. Por cujo motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos.

A singularidade do texto está em se buscar algo em duas mulheres, Loide e Eunice, avó e mãe de Timóteo, modelos do que o apóstolo desejava para o jovem. Talvez, hoje a atitude poderia ser considerada comum, mas há 2 mil anos, a relevância das mulheres estava muito aquém do que se poderia imaginar. Embora esteja na Turquia, Éfeso foi uma cidade que se notabilizou sob o domínio grego, e não é novidade para ninguém que para os Helenos, as mulheres não tinham muita relevância.

Logo, pode-se entender o posicionamento do mais importante doutrinador cristão; teriam duas possibilidades, a primeira, que o apóstolo teria uma compreensão diferente do papel das mulheres dentro da sociedade e as via como um modelo para um jovem líder. A outra possibilidade seria que Eunice e Loide seriam mulheres

realmente poderosas, a ponto de serem consideradas modelos para um homem. O fato de serem familiares, de convivência diária, agravaria ainda mais o quadro, pois a proximidade na convivência entre os envolvidos poderia dificultar a proposta, pois ninguém consegue ser perfeito em seus atos o tempo todo, o que colocaria as mulheres citadas numa posição ainda mais elevada de poder, especialmente no que se refere à "fé". Quando se toma por base que o texto está inserido numa coletânea de livros que tratam como um de seus temas centrais a própria fé, seria creditar a duas mulheres o sucesso que todos os livros bíblicos preconizam. Por tudo isso, Eunice e Loide merecem estar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Algumas profetisas que a Bíblia registra

Durante o reinado de Josias ocorreu um grande avivamento espiritual em Israel, e durante esse período, alguns Sacerdotes foram até uma profetisa chamada Hulda para a consultarem. Josias viveu aproximadamente no ano 600 a.C., época em que começava a florescer a civilização grega. Nesse período em que as mulheres não eram muito consideradas para tratar de qualquer assunto de âmbito nacional, o rei Josias determina que os Sacerdotes, autoridades para aquela época e ainda nos dias atuais, fossem até uma mulher e com ela se aconselhassem, 2 Reis, 22:14-20:

> Então foi o sacerdote Hilquias, e Aicão, e Acbor, e Safã, e Asaías à profetisa Hulda, mulher de Salum, filho de Ticva, o filho de Harás, o guarda das vestiduras (e ela habitava em Jerusalém, na segunda parte), e lhe falaram. E ela lhes disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Dizei ao homem que vos enviou a mim: Assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre este lugar e sobre os seus moradores, a saber, todas as palavras do livro que leu o rei de Judá. Porquanto me deixaram e queimaram incenso a outros deuses, para me provocarem à ira por todas as obras das suas mãos, o meu furor se acendeu contra este lugar e não se apagará. Porém ao rei de Judá, que vos enviou a consultar ao Senhor, assim lhe direis: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel, acerca das palavras que ouviste: Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante o Senhor, quando ouviste o que falei contra este lugar e contra os seus moradores, que seriam para assolação e para maldição, e rasgaste os teus vestidos, e choraste perante mim, também eu te ouvi, diz o Senhor. Pelo que eis que eu te ajuntarei a teus pais, e tu serás ajuntado em paz à tua sepultura, e os teus olhos não verão todo o mal que hei de trazer sobre este lugar. Então, tornaram a trazer ao rei a resposta.

Não pode ser desprezado o fato de o texto registrar Hulda, uma mulher que falava em nome de Deus e que era respeitada não só pelos sacerdotes, como pelo próprio rei e pelo povo em geral. Hulda,

certamente, não foi consultada sem motivos, sua reputação como uma mulher que seria capaz de falar em nome de Deus – o que representaria um considerável poder – já percorria todo o país e por isso o souberam aqueles homens.

Hulda, entretanto, não pode ser considerada a primeira profetisa na Bíblia, Miriã, na verdade, foi a primeira profetisa registrada na Bíblia e ao lado de Arão e de Moisés conduziu o povo de Israel após a libertação do cativeiro egípcio, Êxodo, 15:20: "Então Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças".

Já no período denominado Juízes, Débora é apontada como uma forma de comunicação entre Deus e os homens, Jz 4:4: "E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo". Um dos mais respeitados e lidos profetas da Bíblia, Isaías, reconhece sua mulher como sendo uma profetisa, em Is 8:3: "E fui ter com a profetisa; e ela concebeu e deu à luz um filho; e o Senhor me disse: Põe-lhe o nome de Maer-Salal-Hás-Baz".

Já no tempo do Novo Testamento, há uma referência a Ana, uma mulher que ficava no Templo, como descreve Lucas, 2:36-38:

> E estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Esta era já avançada em idade, e tinha vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade, e era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia.

O mesmo Lucas, quando escreve o livro de Atos dos Apóstolos, menciona no capítulo 21 não uma, mas quatro profetisas, que eram filhas de um homem chamado Filipe, Atos, 21:8-9: "E, no dia seguinte, partindo dali Paulo e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesareia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. E, tinha este, quatro filhas donzelas, que profetizavam".

Apesar de não ser uma referência positiva, no livro de Neemias, o copeiro de Artaxerxes, imperador da Pérsia, foi responsável por comandar a reconstrução dos muros de Jerusalém. Um árduo trabalho que dependeu de mobilizar grande quantidade de pessoas e recursos e nesse trabalho, Neemias enfrentou muitos opositores, dos quais ele destaca uma profetisa chamada Noadias, conforme descreve Neemias, 6:14: “Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalate, conforme estas suas obras, e também da profetisa Noadias e dos mais profetas que procuraram atemorizar-me.”

Independentemente de ter sido uma atitude positiva ou não, Noadias merece figurar na presente lista, isso porque não é escopo do presente trabalho analisar o texto do ponto de vista da emissão de juízo de valor, mas apenas identificar, dentro do texto bíblico, mulheres que exerceram seu poder de alguma forma, e dentre as que aqui foram relacionadas, não se pode negar, todas o fizeram. Por isso, merecem figurar entre as Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Conclusão

A conclusão deste trabalho não poderia ser diferente. Entendendo que apesar de a Bíblia ser um texto que tem inúmeros escritores, separados entre si, por mais de mil anos e distantes dos dias atuais por mais de três mil anos, podem ser encontrados nas suas histórias relatos de mulheres corajosas, fortes, decididas, sábias, influentes, empreendedoras, negociantes, donas de seus próprios destinos.

Mulheres Poderosas que inspiraram todos os que as têm conhecido profundamente. Que aprenderam com textos, como Provérbios, 1:8, que afirma: “Filho meu, ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe”. Ou, ainda, Provérbios 6:20: “Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a lei de tua mãe”.

Que perceberam e conseguiram identificar que um dos maiores mandamentos do Velho Testamento, o Guardar os Sábados, foi colocado ao lado de se valorizar mãe e pai, mulher e homem, em Levítico 19:3: “Cada um temerá a sua mãe e a seu pai e guardará os meus sábados.

Eu sou o Senhor, vosso Deus”. Que viram que o primeiro Mandamento com Promessa, descrito em Êxodo 20:12, registra a importância de se honrar pai e mãe, homem e mulher, em igualdade de posições: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá”.

Finalmente, o texto bíblico traz em sua essência o que foi e o que é a base mais profunda da doutrina que os livros bíblicos apresentam: a ideia inovadora, ainda nos dias atuais, de que o que menos importa para o autor do livro são as diferenças que marcam o ser humano, mas o que eles trazem em comum, como permite inferir em Gálatas 3:26-28:

> Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea: porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

O texto permite inferir que, na visão do autor, os seres humanos poderiam, sob circunstâncias específicas, ser muito mais simples do que jamais conseguirão ser em condições normais.

Espera-se que o leitor tenha percebido que a intenção jamais foi a defesa apaixonada do texto bíblico. Desde o princípio, o que se pretendeu mostrar foi que, dentro de um dos textos mais antigos e conhecidos pela humanidade, encontram-se registradas algumas histórias vividas por mulheres extraordinárias.

Como já dito em outras oportunidades, seria mais que esperado que um texto com mais de dois mil anos apresentasse elementos considerados ofensivos para os dias atuais. Existem, por exemplo, programas humorísticos e músicas que o são, embora tivessem sido produzidos há poucas décadas. O que dizer de um texto com mais de dois mil anos?

O fantástico, o extraordinário, o digno de ser destacado é que se encontrem, dentro desse texto, registros de mulheres como: Eva; Rebeca; Joquebede, Miriã e a filha do Faraó, que protagonizaram a infância de Moisés; Sara e Agar; Raabe; a mãe de Sansão; a Juíza Débora e Jael, que matou o General Sísera; Noemi, Rute; Ana, mãe do profeta Samuel; a sábia Abigail; Jezabel, a vilã mais conhecida da

Bíblia; a menina que salvou Naamã; a Sunamita, que recebia em sua casa o profeta Eliseu; Zeruia, mãe dos valentes: Abisai, Joabe e Asael; a sábia Rainha de Sabá; Jemima, Quezia e Queren-Hapuque, filhas de Jó; a corajosa Rainha Ester; Maria, mãe de Jesus; a mulher samaritana; a mulher de Pilatos; Maria Madalena, Maria e Salomé, testemunhas da ressurreição de Jesus; Lídia, uma mulher de negócios; Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside e Júlia, decisivas Evangelistas; Loide e Eunice, exemplo para Timóteo; Hulda, a quem o Rei Josias consultou; Noadias, uma vilã no tempo de Neemias e as quatro profetisas, filhas de Felipe.

Mulheres que exerceram posição de poder, assumindo um lugar altamente improvável, quando se toma como referência o contexto histórico em que viviam. Tal fato não se deu, deve-se salientar, porque o autor tenha sido bonzinho com elas. Muito pelo contrário, essas mulheres fizeram por merecer a deferência da qual são alvo, e, por isso, alcançaram o justo direito de serem conhecidas como Mulheres Poderosas descritas na Bíblia.

Referências bibliográficas

A Bíblia. Velho e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Grafia Simplificada. Santo André: Geográfica Editora, 1997. 1465 p.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

FERRAZ, Salma. Dicionário machista: três mil anos de frases cretinas contra as mulheres. [organizadora]. São Paulo: Jardim dos Livros, 2013.

LOURENÇO, Adauto. **Gênesis 1 & 2**: a mão de Deus na criação. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.

MACARTUR, John. **Doze mulheres extraordinariamente comuns**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MACDOWELL, Josh. **Evidências que exigem um veredito**: evidências históricas da fé cristã. São Paulo: Editora Candeia, 1996.

ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em: https://origemdapalavra.com.br/palavras/camarada/. Acesso em: 14 jan. 2021.

SANTOS, José Miguel Pinto dos. Disponível em: https://observador.pt/opiniao/insanidades/.Acesso em: 26 jul. 2020.

VIANNA, Luiz Werneck; CARVALHO, Maria Alice Rezende de; BURGOS, Marcelo Baumann. **Pesquisa Quem Somos, a magistratura que queremos**. 2018. Disponível em: https://www.amb.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pesquisa_Quem_Somos_AMB__v-digital.pdf. Acesso em: 14 jan. 2021.

Sumário

Palavra do autor

- A criação da mulher
- O melhor fica para o final
- A origem da criação da mulher
- A costela de Adão
- A culpa é da mulher
- A culpa é de quem?
- Juízo para todos

Rebeca

- Rebeca: forte e decidida
- Rebeca e a primogenitura de Jacó

Joquebede, Mirian e a filha do Faraó

A sabedoria de Abigail

Jezabel,uma vilã poderosa

A menina que salvou o General

Sunamita, determinação, coragem e foco

Os filhos de Zeruia

A rainha de Sabá

Jemima, Quezia e Quéren--Hapuque; Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza

Ester, a salvadora de uma nação

A poderosa mulher de Provérbios

Um ambiente propício às Mulheres Poderosas

A mulher samaritana
Maria, mãe de Jesus

Sobre a Viseu



Essa e outras obras em:

eviseu.com

facebook.com/editoraviseu

twitter.com/editoraviseu

instagram.com/editoraviseu

Contatos:

contato@editoraviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

originais@editoraviseu.com